



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**

RESOLUÇÃO – CEPEC Nº 1427

Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem, grau acadêmico Bacharelado, modalidade presencial, da Faculdade de Enfermagem, Regional Goiânia, para os alunos ingressos a partir de 2017 e para os que optarem pelo novo currículo.

O VICE-REITOR, NO EXERCÍCIO DA REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, AD REFERENDUM DO CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, tendo em vista o que consta do processo nº 23070.012305/2016-10, e considerando:

- a) a Lei de Diretrizes e Base - LDB (Lei 9.394/96);
- b) as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Enfermagem, Resolução CNE/CES nº 3 de 7 de novembro de 2001;
- c) o Regimento e o Estatuto da UFG;
- d) o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFG,

RESOLVE :

Art. 1º Aprovar o Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem, grau acadêmico Bacharelado, modalidade presencial, da Faculdade de Enfermagem – FEN da Universidade Federal de Goiás, na forma do Anexo a esta Resolução.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor nesta data, com efeito para os alunos ingressos a partir do ano letivo de 2017 e para os que optarem pelo novo currículo, revogando-se as disposições em contrário.

Goiânia, 27 de dezembro de 2017.

Prof. Manoel Rodrigues Chaves
- **Vice-Reitor no exercício da reitoria** -

ANEXO À RESOLUÇÃO – CEPEC Nº 1427

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM
ENFERMAGEM – BACHARELADO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Reitor: Prof. Orlando Afonso Valle do Amaral

Vice-Reitor: Prof. Manoel Rodrigues Chaves

FACULDADE DE ENFERMAGEM/REGIONAL GOIÂNIA

Diretora:

Prof^ª. Virginia Visconde Brasil

Vice-Diretora:

Prof^ª. Ruth Minamisava

Coordenadora do Curso de Bacharelado em Enfermagem:

Prof^ª. Ruth Minamisava

Coordenadora Administrativa da FEN:

Lavínia Figueiredo Leão Correia

**GOIÂNIA
2016**

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	4
2	EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS.....	4
3	OBJETIVOS.....	7
3.1	Gerais	7
3.2	Específicos.....	7
4	PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL	8
4.1	A Prática Profissional	8
4.2	A Formação Técnica	8
4.3	A Formação Ética e a Função Social do Enfermeiro	10
4.4	A Interdisciplinaridade e a Articulação entre Teoria e Prática.....	10
5	EXPECTATIVAS DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL.....	12
5.1	Perfil do Curso	12
5.2	Perfil do Egresso	13
5.3	Competências e Habilidades do Egresso.....	14
6	ESTRUTURA CURRICULAR.....	15
6.1	Matriz Curricular do Curso de Enfermagem – Bacharelado/Goiânia	16
6.2	Quadro Resumo da Carga Horária	21
6.3	Tabela de Equivalência entre as Disciplinas dos Currículos	21
6.4	Atividades Complementares	23
6.5	Elenco de Componentes Curriculares com Ementas e Bibliografias	23
7	POLÍTICA E GESTÃO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO E NÃO OBRIGATÓRIO	52
7.1	Do Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório.....	52
7.2	Do Estágio Não Obrigatório.....	53
8	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	53
9	INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	54
10	SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM	55
11	SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DE CURSO	56
12	POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE E TÉCNICO- ADMINISTRATIVO DA UNIDADE ACADÊMICA.....	56
13	REQUISITOS LEGAIS E NORMATIVOS	57
14	REFERÊNCIAS.....	58

1 APRESENTAÇÃO

Nome do Curso: Enfermagem

Unidade Acadêmica Responsável pelo Curso: Faculdade de Enfermagem

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde

Habilitação: não há

Modalidade: Presencial

Grau Acadêmico: Bacharelado

Título a ser Conferido: Bacharel em enfermagem

Carga Horária do Curso: 4396 horas

Turno de Funcionamento: Integral

Número de Vagas: 50 vagas por ano

Duração do Curso em Semestres: mínima e média de 10 semestres, e máxima de 16 semestres.

2 EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Este projeto propõe a Reformulação Curricular para o Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (UFG), com finalidade de atualização segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº. 9.394, de 20/12/1996, e suas alterações e regulamentações, nas Diretrizes Curriculares do Conselho Nacional de Educação (CNE), no Estatuto e Regimento e no Regulamento Geral dos Cursos de Graduação (RGCG) da Universidade Federal de Goiás. Além de ressignificação da formação do enfermeiro no atual contexto da saúde.

Considerando a necessidade de adequar o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) da Faculdade de Enfermagem (FEN) ao contexto da atual legislação e ao sistema de registro de cursos da UFG, a proposta dessa reformulação teve como finalidade realizar alterações para atendimento dos pré-requisitos legais e normativos das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), do Conselho Nacional e Saúde (CNS) e da UFG. Além de ampliar a oferta de conteúdos não previstos no atual PPC, mas considerados de extrema importância para atendimento das necessidades do perfil de saúde da população brasileira e ainda de reforçar modelos pedagógicos mais adequados ao mundo do trabalho e perfil dos alunos ingressantes.

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) estuda uma reestruturação mais robusta do PPC, com base em estudos de avaliação dos cursos em oficinas com os demais cursos da área da saúde. Essa etapa demanda mais tempo para uma mudança mais abrangente, considerando-se a necessidade, sobretudo, de uma discussão do PPC, que leve em conta mudanças para aperfeiçoar o modelo do processo ensino aprendizagem e estrutura da matriz curricular. Embora o tema já venha sendo objeto de estudos e ações do NDE, no momento, a reformulação em questão propõe os seguintes ajustes pontuais:

- revisão e alteração das cargas horárias das disciplinas para múltiplo 16horas;
- revisão de pré e correquisitos;
- ajustes no ementário e inclusão de disciplinas para inserção de conteúdos relativos aos requisitos legais e normativos;
- atualização de bibliografias básicas e complementares das disciplinas;
- inclusão de disciplinas optativas, atendendo a pontos necessários à atualidade política, epidemiológica, filosófica e social.

A FEN tem caminhado no sentido de superar o modelo pedagógico de ensino centrado em conteúdos fragmentados, que dissociam teoria-prática e universidade-serviço, com abordagem predominantemente biologicista, hospital ocêntrica e tecnicista. Tem introduzido metodologias educacionais diversificadas e inovadoras, com propósito de contribuir para que os alunos sejam capazes de buscar respostas para problemas relativos às situações de saúde de competência da enfermagem identificadas na prática diária, por meio da integração entre os órgãos formadores e os utilizadores dos recursos humanos em formação.

Estas mudanças no ensino de graduação devem ser compreendidas como parte das transformações necessárias à construção de um novo status social à universidade. Para tanto, os desafios da realidade política e social requerem competências profissionais que implicam em novas formas de atuação, inserção e intervenção do enfermeiro em todos os níveis de atenção à saúde. Essa noção de competência deve ser ressignificada, atribuindo-lhe um sentido que atenda aos interesses do profissional em formação. No sentido de ampliar a capacidade de leitura da realidade e de concretizar um fazer profissional comprometido com as legítimas necessidades da população é necessário que o aluno vivencie experiências diversificadas de trabalho, reflita o saber e a *práxis*, defina e implemente ações, avaliando suas consequências e alcance.

Assim, a construção desse currículo implica na diversificação de cenários de aprendizagem, na ampliação do tempo de atividade prática e na aproximação ao sistema de saúde propostos pelas DCN dos Cursos de Graduação em Enfermagem. Isto significa a viabilização de espaços para o desenvolvimento de competências e habilidades específicas da profissão, permeando a formação pela aprendizagem das políticas e práticas do Sistema Único de Saúde (SUS). Aprender o SUS na universidade requer aprendizagem no contexto da *práxis* cotidiana do trabalho.

Para aprender no contexto do trabalho as estratégias de ensino devem ser capazes de oferecer unicidade à multiplicidade de conhecimentos e de fontes de informação, por meio da interdisciplinaridade, da transversalidade, da intersetorialidade. Além da inserção precoce do aluno nas atividades práticas e da integração ensino-assistência-extensão-pesquisa, incluindo a articulação entre os alunos de graduação e os de pós-graduação.

Assim, esta proposta curricular pretende comprometer-se com as necessidades do SUS, adotando a universalidade, a equidade, a humanização e, em especial, a integralidade como eixos norteadores do currículo, articulando as práticas educativas integradas com os serviços de saúde e construindo conhecimentos relevantes ao SUS.

O crescimento econômico global e a modernização contribuíram com muitas mudanças em todo o mundo. Vivemos uma transição demográfica e epidemiológica, caracterizada por mudanças nos padrões de saúde e doença: quedas de mortalidade infantil e natalidade, envelhecimento populacional e aumento das doenças não-transmissíveis e de causas externas.

Observamos, também, desigualdades e dificuldades sociais que resultam em estresse, pressões sociais e aumento do uso de álcool e outras drogas, que incrementam a violência, ceifando vidas ou incapacitando jovens. Soma-se a isto a mobilidade em grandes distâncias e em alta velocidade, de micro-organismos nocivos à saúde humana, antes não presentes fora do seu local de origem, ao lado de doenças transmissíveis, endêmicas, ainda não controladas.

Nos últimos vinte anos, em vários países latino-americanos as lutas contra as ditaduras e a globalização contribuíram para a difusão do conceito de democracia e de cidadania. O Brasil, inserido neste contexto e em resposta às pressões e aos movimentos sociais, instituiu no final dos anos de 1980 e início de 1990, o SUS. Após o estabelecimento das diretrizes constitucionais do SUS e das DCN previstas pela LDB, ficou mais evidente a necessidade do comprometimento das universidades para com o SUS e com a produção de conhecimento relevante e útil para sua construção e consolidação no país. Todas essas mudanças, bem como o progresso no acesso à informação também influenciaram, sobremaneira, o perfil esperado dos profissionais.

Para garantir atenção integral, humanizada, de qualidade e fortalecer a autonomia dos sujeitos na produção da saúde, os órgãos formadores de recursos humanos, denominados atualmente e nesse documento, como pessoal de saúde, devem ser capazes de formar a partir de eixos filosóficos e teórico-metodológicos consistentes, profissionais humanistas, críticos, flexíveis, éticos, com competência para o trabalho em equipe, resolução de problemas locais, levando em conta a realidade social.

A equipe de enfermagem, composta por enfermeiros de nível superior, e técnicos de enfermagem, de nível médio, compõe a maior força de trabalho do setor saúde e dessa forma, um grande potencial para realizar mudanças. Em especial, os enfermeiros podem promover enorme impacto sobre a saúde, quando buscam excelência em uma prática que baseada em evidências científicas, reconhece as diversidades e as semelhanças entre comunidades.

A partir desse contexto a FEN apresenta este projeto curricular, documento norteador da ação educativa do curso de Enfermagem no qual explicita os fundamentos políticos, filosóficos, teórico-metodológicos, os objetivos, o tipo de organização, as formas de implementação e avaliação e as expectativas em torno da formação do enfermeiro.

Além disso, é delineada a forma em que se dará a integração ensino, extensão, pesquisa e articulação com os setores de serviços, bem como aponta as políticas de gestão de estágio, da prática acadêmica e da qualificação docente. Contempla, também, os princípios e estratégias de avaliação de aprendizagem, duração do curso, estrutura curricular e os desdobramentos previstos no RGCG da UFG: matriz curricular, elenco de disciplinas com as respectivas ementas e cargas horárias dos núcleos comum, específicos, livre, optativas e estágios supervisionados. Por fim, sugere um fluxograma para integração curricular e as atividades complementares do curso de Enfermagem.

Este projeto se apoia nas seguintes referências básicas:

- Constituição Federal (artigo 200) que afirma ser atribuição do SUS o ordenamento da formação para a área, ou seja, o SUS deve interferir pela orientação da formação em coerência com as diretrizes constitucionais da saúde;
- Lei Orgânica da Saúde (Lei nº 8142/ 1990 - artigos 13, 15 e 27) que determina o cumprimento do objetivo de contribuir para a organização de um sistema de formação em todos os níveis de ensino e, ainda, a constituição dos serviços públicos que integram o SUS como campos de prática para o ensino e a pesquisa, mediante normas específicas, elaboradas conjuntamente com o sistema educacional;
- Constituição Federal (artigo 198) que define as diretrizes para as ações e serviços de saúde, primando por um atendimento integral por parte de seus profissionais;
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394 de 20/12/96, suas alterações e regulamentações), que atribuiu ao sistema educacional nacional a garantia dos padrões mínimos de qualidade do ensino, a vinculação entre a formação, o trabalho e as práticas sociais e, ainda, a integração das ações do poder público que conduzam à melhoria da qualidade do ensino, à formação para o trabalho e à promoção humanística, científica e tecnológica do País;
- Resolução CNE/CES nº 3 de 7 de novembro de 2001, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem e afirma que a formação do enfermeiro deve atender as necessidades sociais da saúde, com ênfase no Sistema Único de Saúde (SUS), assegurando a integralidade da atenção e a qualidade e humanização do atendimento;
- Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da Universidade Federal de Goiás (2002) que propôs a reformulação dos cursos privilegiando três eixos: a flexibilização curricular, a participação do aluno e a interdisciplinaridade.

3 OBJETIVOS

3.1 Gerais

Formar enfermeiros generalistas, humanistas, críticos e reflexivos, qualificados para o exercício de enfermagem, com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos, capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase na região de atuação, identificando as dimensões biopsicossociais. Capacitado a atuar, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano.

3.2 Específicos

- reconhecer que o ser humano está em constante integração com outras pessoas e com o ambiente e que apresenta diferentes dimensões, expressões e fases evolutivas;
- ser autônomo, crítico, criativo e solidário no exercício da aprendizagem e do trabalho, interrogando-se sobre o porquê, o para que, os limites, os fins da ação em saúde e as necessidades dos usuários do sistema de saúde;
- reconhecer seu papel social enquanto trabalhador de saúde tendo em vista a integralidade, universalidade, equidade, resolubilidade e humanização do trabalho gerencial e assistencial;
- reconhecer-se como agente das práticas em saúde, considerando que expressam as articulações entre múltiplos atores, valores, saberes e poderes;
- reconhecer-se como coordenador do trabalho da equipe de enfermagem;
- responsabilizar-se por seus atos, assumindo suas consequências;
- reconhecer seu compromisso social para com a sociedade, no que se refere a promoção, manutenção e recuperação da saúde dos indivíduos;
- refletir sobre o cuidar em enfermagem como responsabilidade social, considerando que esta abordagem é necessária para a reorientação da sua *práxis*, tanto em termos assistenciais, quanto gerenciais;
- considerar as abordagens clínica, epidemiológica e humanista, bem como as evidências científicas e as transformações e expressões do contexto social e do setor saúde, para o planejamento de intervenções de saúde e de enfermagem;
- considerar a natureza da organização do processo de trabalho em saúde segundo o paradigma da promoção da saúde, a interdisciplinaridade e a intersetorialidade;
- compreender a divisão do trabalho em enfermagem e em saúde, a natureza do objeto e da prática em saúde, considerando a inter e a transdisciplinaridade;
- reconhecer o papel social do enfermeiro nas estruturas consultivas e deliberativas do sistema de saúde e na dinâmica de trabalho;
- unir, em sua prática profissional, a técnica, a ciência, o saber-fazer ao saber o porquê e a preocupação com o resultado a preocupação com o ser humano;
- comprometer-se com o auto desenvolvimento e o processo de formação e qualificação continuada dos trabalhadores de enfermagem, tendo em vista a excelência do exercício profissional;
- desenvolver ações, dentro do âmbito profissional, de prevenção de doenças, promoção, proteção e reabilitação da saúde para o cidadão, grupos, família e comunidade;
- incorporar a ciência e a arte do cuidar no exercício profissional;
- exercer a autonomia profissional para aceitar ou negar determinadas práticas, em formação de critérios éticos, legais, humanos, ecológicos e científicos e das necessidades da clientela;
- usar tecnologias de informação e comunicação disponíveis e atuais;
- desenvolver uma *práxis* humanizada, responsabilizando-se pela qualidade da assistência/cuidado e da gerencia em enfermagem;

- gerenciar o trabalho de enfermagem em serviços de saúde, observando o custo efetividade das intervenções;
- assessorar órgãos, empresas e instituições em projetos de saúde;
- desenvolver e participar de pesquisas e de outras formas de produção de conhecimento;
- coordenar o processo de cuidar em enfermagem;
- interagir com os profissionais dos serviços de saúde propiciando benefício mútuo, estimulando a cooperação acadêmica - profissional;
- reconhecer a importância do cuidado a própria saúde física e mental e buscar seu bem-estar como cidadão e como enfermeiro;
- promover ambiente social e humanamente digno no trabalho;
- desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe com compromisso, responsabilidade e cooperação;
- associar-se a outras pessoas, instituições e associações que compartilham ideais e interesses profissionais.

4 PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

4.1 A Prática Profissional

O Curso de Graduação em Enfermagem da FEN/UFG forma enfermeiros generalistas, críticos e reflexivos com referenciais éticos, políticos, filosóficos, humanistas e ecológicos capazes de:

- atuar nos níveis de atenção primária, secundária e terciária e reabilitação, em instituições de saúde tanto no âmbito da capital e municípios do estado de Goiás como em outras regiões do país, ou em outros países, utilizando os métodos clínico e epidemiológico, entre outros. Para analisar a situação de saúde de indivíduos, famílias, grupos e comunidades específicas (indígenas, afrodescendentes, autistas, portadores de necessidades especiais); identificar situações que requerem intervenções de enfermagem; planejar ações necessárias para o atendimento à estas condições, selecionando estratégias adequadas; executar intervenções de enfermagem, em conformidade com o planejamento e avaliar os resultados alcançados; utilizando taxonomias de classificação da prática de enfermagem;
- atuar na equipe de enfermagem, exercendo a supervisão dos trabalhadores de nível médio, no exercício da profissão, buscando a integralidade, qualidade, segurança do paciente e do trabalhador e humanização do atendimento de enfermagem oferecido no contexto da saúde;
- realizar ações de educação em saúde, cuidado de enfermagem e administração de serviços de enfermagem e de saúde, com base na análise crítica e em evidências científicas disponíveis;
- aprender a aprender que engloba aprender a ser, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a conhecer, de modo a superar os desafios das atualizações das condições de exercício profissional e de produção do conhecimento.

4.2 A Formação Técnica

A FEN tem se constituído nos últimos anos como um importante polo de desenvolvimento da Enfermagem no Centro-Oeste, como um *locus* para reflexão e, principalmente, fórum de discussões sobre os grandes temas que permeiam o processo saúde-doença, especialmente no nível regional. Integra a UFG, autarquia criada pela Lei Nº 3.834C, de 14 de dezembro de 1960. O Curso é sediado à Rua 227, quadra 68, s/nº, no Setor Leste Universitário de Goiânia-GO, sob o CEP 74605-080-08.

Goiânia é capital do Estado de Goiás, fica na região Centro-Oeste, uma das cinco regiões brasileiras, composta por Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal (DF). Conta com três estados e o DF, sendo a segunda maior região em extensão territorial com estimativa de população, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2013, de cerca de 14,95 milhões de habitantes. Perfaz uma densidade demográfica de aproximadamente 9,4 habitantes para cada quilômetro quadrado, portanto, região ainda pouco habitada, considerando a extensão. A maior parte da população do Centro-Oeste encontra-se concentrada no estado de Goiás, o qual possui mais de 6 milhões e 600 mil, densidade demográfica de 17,65 hab/km². A distribuição se dá em 246 municípios, e Goiânia, capital e metrópole regional. Goiás ocupa o nono lugar do Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* brasileiro, com R\$97 bilhões, 9,5% do PIB nacional. As principais atividades econômicas do estado são agricultura, pecuária, indústria e serviços.

A capital Goiânia possui 1.318.148 habitantes, 12^a colocação entre os municípios mais populosos do país. Os domicílios goianos apresentam cobertura de água encanada em 82,36%; rede de esgoto em 42,56%, coleta de lixo em 92,83% e 81,30% de serviços de telefonia. A iluminação elétrica chega a 99,8% dos domicílios. A população economicamente ativa é 70,8% e o índice de desenvolvimento humano (IDH) é de 0,74, 8^o no ranking nacional.

A economia do estado apresenta desempenho positivo, notadamente ao longo dos últimos anos, baseada na agropecuária, voltada para a exportação. Está acima da média nacional, fechando 2013, com uma expansão de 3,1% influenciada pelo bom desempenho do setor de serviços (3,5%), da indústria (2,4%) e da agropecuária (1,2%). O agronegócio representa 28% da economia. Dados do IBGE apontam que em 2013 a atividade que liderou o crescimento na economia foi a agropecuária, com 7%. Houve um crescimento generalizado das atividades que compõem o grupo serviços, ao longo dos últimos anos, com variações positivas em todas as atividades. O expressivo crescimento da atividade de comércio em Goiás foi fruto, principalmente, da melhoria da renda e da disponibilidade de crédito para os consumidores.

A expectativa de vida da população é de 74,6 anos e a mortalidade ocorre principalmente por doenças circulatórias, causas externas, como acidentes automobilísticos e em terceiro lugar, as neoplasias, segundo dados da Secretaria de Estado da Saúde de Goiás.

O estado de Goiás é dividido em cinco macrorregiões: Nordeste, Centro Oeste, Centro, Norte, Centro Sudeste e Sudoeste. Na área da saúde estas macrorregiões estão subdivididas em 17 regiões de saúde com 15 regionais, agrupando os 246 municípios goianos. No processo de descentralização e hierarquização da saúde, cada uma delas possui um município sede da Regional de Saúde, representando a Secretaria de Estado da Saúde, com ações administrativas e técnicas.

O curso de graduação em enfermagem da FEN oportuniza aos alunos conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional e regional, com ênfase na sua região de atuação, identificando as dimensões biopsicossociais dos seus determinantes. Ao final, o enfermeiro egresso, é capacitado a atuar em serviços de atenção primária; urgência e emergência; atenção psicossocial; atenção ambulatorial especializada e hospitalar e, vigilância em saúde, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano nos diferentes ciclos da vida, considerando a saúde da criança, do adolescente, do adulto e do idoso, tanto das mulheres como dos homens.

Para o alcance de uma boa condição de saúde vários fatores são considerados, que vão muito além da criação de conhecimentos, tecnologias e serviços que visam apenas tratar doenças. Esforços são empreendidos nas disciplinas para atender as demandas das agendas mundiais em relação às prioridades para a população geral, como a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável estabelecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU), aprovada em 25 de setembro de 2015, nos 8 Objetivos construídos sobre as bases estabelecidas pelos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM):

- redução da pobreza;
- atingir o ensino básico universal;
- igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres;
- reduzir a mortalidade na infância;
- melhorar a saúde materna;

- combater o HIV/Aids, a malária e outras doenças;
- garantir a sustentabilidade ambiental;
- estabelecer uma Parceria Mundial para o Desenvolvimento.

4.3 A Formação Ética e a Função Social do Enfermeiro

A ética atravessa a história do mundo ocidental e desponta, na atualidade, como uma necessidade de toda humanidade para permitir a convivência, o viver-juntos. Ao buscar as ações e interações que conduzem ao processo formativo do enfermeiro a formação ética é um processo concomitante e complementar à formação técnica.

Vários aspectos são incluídos nessa formação, questões culturais, comunicativas e relacionais, o que implica, também, na competência ética. Sob esse prisma a ética é abordada como tema transversal, contando com a participação de todas as disciplinas e docentes envolvidos no currículo.

Pautada em princípios éticos, a formação profissional oferecida pela FEN busca capacitar o enfermeiro a atuar com responsabilidade social, com compromisso com a cidadania e para a promoção da saúde integral. Essa característica exigiu que fossem feitas mudanças profundas tanto na distribuição da carga horária entre disciplinas e atividades práticas, quanto na orientação para utilização de metodologias de ensino e de avaliação menos tradicionais.

Um dos principais papéis reservados à educação consiste em capacitar o ser humano para dominar seu próprio desenvolvimento, para que cada um se posicione e contribua responsabilmente para o progresso da sociedade.

A educação deve direcionar para saberes evolutivos e contemporâneos, que levem as pessoas a orientar-se para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos. Cabe às instituições formadoras redirecionar e questionar os marcos referenciais e conceituais de seus currículos, enquanto espaços de construção e circulação de saberes, que possibilitem a transversalidade e a interdisciplinaridade do conhecimento.

As metas fundamentais da aprendizagem devem ser os pilares do conhecimento: *aprender a conhecer* (adquirir instrumentos da compreensão), *aprender a fazer* (agir sobre o meio, competência técnica), *aprender a viver juntos* (participar e cooperar com os outros) e *aprender a ser* (desenvolvimento global do ser humano, decidir como agir nas diferentes circunstâncias da vida com autonomia, discernimento e responsabilidade).

O saber-aprender, o saber-fazer, o saber viver juntos e o saber-ser constituem quatro aspectos, sinergicamente ligados, de uma mesma realidade. A experiência vivida no cotidiano, assinalada por momentos de intenso esforço de compreensão de dados e de fatos complexos é o produto da dialética de várias dimensões. Se por um lado implica na repetição ou imitação de gestos e de práticas, por outro é, um processo de apropriação singular e de criação pessoal. Nesse contexto articula o conhecimento não formal ao formal, o desenvolvimento de aptidões inatas à aquisição de novas competências. A experiência singular de cada pessoa se inscreve, ao mesmo tempo, no campo cultural, no laboral e no da cidadania.

4.4 A Interdisciplinaridade e a Articulação entre Teoria e Prática

Com o entrelaçamento dos saberes há um enriquecimento mútuo suscitando o desejo contínuo de aprendizado. Cada indivíduo deve aprender a conduzir seu destino, num mundo onde a rapidez das mudanças se conjuga com o fenômeno da globalização para modificar a relação que homens e mulheres mantêm com o espaço e o tempo. A educação torna-se o meio de chegar a um equilíbrio entre trabalho e aprendizagem, bem como ao exercício de uma cidadania ativa.

Para conseguir organizar a educação é preciso deixar de considerar as diferentes formas de ensino e aprendizagem como independentes umas das outras, sobrepostas ou concorrentes entre si, e procurar, pelo contrário, valorizar a complementaridade dos saberes.

É essencial, portanto, diversificar as ofertas de atividades educativas, diferenciando seus conteúdos (evitar um modelo único, fonte de competição e muitas vezes de frustração); tipo de percursos educativos, preservando a coerência do conjunto; métodos e locais de aprendizagem (saber-fazer, alternância do local de trabalho, aprendizagem em serviço).

Os diferentes cenários de ensino-aprendizagem permitem ao aluno conhecer e vivenciar a dinâmica e as contradições do mundo do trabalho, situações variadas de vida, da organização da prática e do trabalho em equipe.

O mundo do trabalho em saúde constitui-se num espaço privilegiado de educação. Trata-se da aprendizagem de um conjunto de habilidades, que reconhece o valor formativo do trabalho. Esse reconhecimento implica que se leve em conta a experiência adquirida no exercício de uma profissão. Pontes entre universidade e *práxis* profissional são concretizadas por meio de parcerias entre os órgãos formadores e os utilizadores dos recursos humanos em formação, especialmente aos serviços vinculados ao Sistema Único de Saúde.

Este intercâmbio na formação acadêmica concilia os diferentes saberes, facilita o autoconhecimento, assim como das dificuldades e oportunidades da vida profissional, favorecendo o saber orientar-se, à maturidade e a inserção social. É mister que a metodologia privilegie o real, a partir do qual os significados são construídos e transformados coletivamente, aproximando o conhecimento científico do cotidiano. A aliança da *práxis* ao conhecimento, valorizada na relação de quem ensina e de quem aprende, determina e é determinada pelo tipo de educação pretendida.

Ademais, as experiências de trabalho integrado e articulado entre as diversas áreas do saber, desde o início da formação do profissional enfermeiro, poderiam diminuir o impacto de transição acadêmica para a atividade profissional.

Por essas razões, esta proposta fundamenta-se na formulação de um modelo pedagógico calcado na interdisciplinaridade e transdisciplinaridade cuja meta mediata é a transformação no saber-fazer do profissional com resultados benéficos para a sociedade. A meta imediata é a permanente retroalimentação dos sistemas de ensino e de prestação de serviços. Esta transformação metodológica possibilita um repensar da relação entre teoria e prática na construção do conhecimento.

O saber e o fazer integrados permitem uma leitura mais reflexiva e crítica da realidade, pela possibilidade de conexão entre a produção e a transformação do conhecimento, ou seja, o currículo aproxima-se da interdisciplinaridade. Essa possibilidade traz a mudança do foco do sujeito docente para o discente, que deve construir e exercitar sua autonomia, ressignificando e articulando seu conhecimento a partir de uma leitura dialogada e própria, mediada pelo professor.

O PPC também visa a articulação entre o ensino, pesquisa, extensão e assistência, que leve à formação de um profissional crítico, reflexivo e criativo, buscando uma formação integral e comprometida com a sociedade e que tenha como eixo, as necessidades de saúde apresentadas pelos usuários e identificadas pelo setor saúde.

Nesse sentido busca propiciar a interação ativa do aluno com usuários e profissionais de saúde desde o início da formação acadêmica, oferecendo ao aluno oportunidades de lidar com problemas reais, de assumir responsabilidades crescentes com resolubilidade, compatíveis com seu grau de autonomia. Quando os alunos enfrentam os problemas reais de sua profissão, sua compreensão tende a ser cada vez mais crítica e comprometida com a sociedade a qual integram.

É indispensável a inserção dos alunos no sistema prestador de serviços de saúde, em um processo participativo que se desenvolve em forma de espiral, levando-os a uma prática de ações de promoção e vigilância à saúde; de atenção à demanda espontânea e desenvolvimento de ações programáticas; de identificação de indicadores sentinelas nas diferentes microrregiões e construção de um efetivo sistema de informações que viabilize o planejamento das ações globais.

Ao participar do cotidiano do trabalho em distintos momentos do curso, o aluno poderá adquirir flexibilidade em suas decisões e ações, integrar estudo e trabalho, observando e interferindo em diferentes níveis de complexidade e com diferentes enfoques. Sob esta perspectiva, a pluralidade no currículo propicia situações de movimentos entre os conteúdos, de tal forma que não haja um princípio e um fim, mas um ir e vir contínuo que favoreça e estimule o aprendizado e consolide competências e habilidades.

O mundo atual do trabalho exige um profissional com formação plural e que saiba agir de modo transversal. Os conhecimentos, habilidades e atitudes do aluno devem ser mesclados por um fio condutor que liga uma disciplina às outras e, todas, ao cotidiano vivenciado, objeto da ação profissional.

A intenção é que a transversalidade contextualize o conteúdo das disciplinas, as relações interpessoais e potencialize valores e atitudes.

A transversalidade aponta para o reconhecimento de que é possível transitar pela multiplicidade das áreas do conhecimento, estabelecendo inúmeras conexões que ensinam o profissional a responder a uma demanda não só específica de sua área de atuação, mas global, enquanto cidadão. A interdisciplinaridade viabiliza a visão do todo, favorece a flexibilidade, a resolubilidade e o desenvolvimento de atitudes mais condizentes com a realidade social.

5 EXPECTATIVAS DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL

5.1 Perfil do Curso

As atividades teóricas e práticas presentes desde o início do curso permeiam toda a formação do Enfermeiro, de forma integrada e interdisciplinar. Para tanto é estimulada a implementação de metodologias ativas no processo ensinar-aprender que estimulem o aluno a refletir sobre a realidade social e aprenda a aprender, a conhecer, a ser, a fazer, a viver junto, visando desenvolver essas habilidades no contexto da integralidade da atenção, da humanização da assistência, da construção da interdisciplinaridade e do trabalho em equipe.

A orientação que permeia esse processo é fundamentada nos princípios de aprendizagem ativa, que recomendam o processo ensino aprendizagem organizado por problemas e projetos, que propõem atividades com graus diversos de complexidade conforme o nível de formação do acadêmico e desafios que incitem a mobilização e aquisição de competências: conhecimentos habilidades e atitudes propostos nas DCN para formação do perfil profissional do graduando de enfermagem.

O curso será organizado em torno de um conjunto de disciplinas utilizando metodologias ativas, tais como a problematização, o modelo de educação de laboratório, o *Problem Based Learning* (PBL) e o ensino pela pesquisa.

A problematização parte da realidade concreta das necessidades de saúde das pessoas, família e comunidade, identificando os pontos-chaves, teorizando, e, aplicando as soluções possíveis, permitindo, dessa forma, construção do conhecimento pelo aluno e transformação das práticas profissionais a partir da aplicação do conhecimento apreendido. Este método do ensino-aprendizagem aumenta a capacidade do graduando para pensar, refletir e tomar decisões na realidade da prática formando um profissional participativo, crítico, cooperativo e autônomo (Berbel, 1995; Diaz-Bordenave; Pereira, 1995).

O modelo de Educação de Laboratório integra as dimensões cognitiva, emocional, atitudinal e comportamental do processo ensino aprendizagem, buscando sempre a correlação entre teoria e aplicação no cotidiano (Moscovici, 2008). Para tanto, o professor utiliza o ciclo vivencial da aprendizagem que integra alguns elementos para conduzir o processo de

aprendizado. Este se inicia a partir de uma *vivência* elaborada partindo de um dado da realidade dos alunos, seguida da *análise* ou *processamento* dessa vivência, onde os integrantes do grupo de alunos compartilham o que experimentaram durante a vivência, refletindo sobre seus sentimentos, reações e emoções diante do vivido. Seguem nessa etapa discutindo sobre o nível participação de cada um e do grupo, avaliando os resultados alcançados. Na sequência se focaliza o quadro teórico que oferece embasamento a realidade analisada pelo grupo, indicando caminhos para a aquisição de conhecimentos, reflexões e comparações com aspectos reais do trabalho e da vida em geral. Por fim; a *conexão* ou *aplicação fecha* o ciclo teórico vivencial, pois é o momento em que cada participante busca a mudança, experimentando e testando novas formas de atuação na sua prática (Moscovici, 2008).

A metodologia da aprendizagem baseada em problemas, ou “Problem Based Learning” (PBL) revela-se como uma estratégia que inova toda a área educacional, seja com métodos de estudo e ensino circundante ao indivíduo, juntamente com suas vivências e experiências de forma a promover uma construção autônoma dos conhecimentos até a percepção crítica da realidade. Os alunos começam a observar a realidade de forma mais atenta e acabam identificando aquilo que na verdade mostra-se preocupante, necessário e por fim problemático, desta forma os olhares serão mais precisos e, a partir daí, surgem as questões do que precisa ser corrigido ou aperfeiçoado (Schaurich *et al.*, 2007).

A contribuição da PBL vai além da aquisição de conhecimentos e atitudes, ela é capaz de motivar e até mesmo de transformar os indivíduos, pois pode modificar a realidade por eles vivenciada de maneira permanente e ao longo do tempo. Promove a inserção do indivíduo no seu meio e na sociedade em que ele faz parte, podendo contribuir também para melhorá-la (Schaurich *et al.*, 2007; Sousa, 2010).

Já o ensino baseado na pesquisa, desenhado por Demo (2000), é um método que segue um roteiro teórico - prático de educar para pesquisa que segue os pressupostos: 1) convicção de que educar pela pesquisa é especificidade mais própria para educação escolar e acadêmica; 2) o reconhecimento de que o questionamento reconstrutivo com qualidade formal e política é o cerne do processo de pesquisa; 3) a necessidade de fazer da pesquisa atitude cotidiana no professor e no aluno; 4) a definição de educação como processo de formação da competência histórica humana.

Os cenários das atividades de ensino, de natureza teórica e prática são realizadas nas unidades de ensino da Universidade Federal de Goiás e em hospitais gerais e especializados, ambulatórios, rede básica de serviços de saúde e equipamentos sociais.

Nas atividades de ensino teórico a relação professor-aluno é diversificada, em função das características da metodologia utilizada e da especificidade da atividade, podendo variar de 5 a 50 alunos. Nas atividades de prática clínica a relação será de 3 a 10 alunos, conforme a demanda e especificidade da disciplina e do serviço, e dependendo do local de realização das atividades e características dos usuários. Em setores fechados como a unidade de terapia intensiva, o centro cirúrgico e a hemodinâmica e o Centro de Material e Esterilização, as quais devido às suas especificidades e a prevenção de riscos de infecção, as quantidades de estudantes em ensino prático são limitadas. Em Estágio Supervisionado, a relação professor-aluno é de **1 a 2**, dependendo da disponibilidade e especificidade dos campos e da demanda de alunos pelo serviço.

5.2 Perfil do Egresso

Os enfermeiros formados pela FEN deverão ser capazes de diagnosticar, planejar, gerenciar e intervir nos problemas e/ou situações de saúde-doença considerando o perfil epidemiológico regional, nacional e internacional, atuando com ética, justiça, responsabilidade e compromisso social.

O desenvolvimento de Habilidades e Competências para o trabalho em enfermagem constitui-se num desafio para o processo de formação acadêmica. Elas foram agrupadas nesse projeto seguindo as metas fundamentais da aprendizagem (pilares do conhecimento) descritas: “aprender a ser”, “aprender a conhecer”, “aprender a fazer” e “aprender a viver juntos”.

5.3 Competências e Habilidades do Egresso

- I- reconhecer que o ser humano está em constante interação com outras pessoas e com o ambiente e que apresenta diferentes dimensões, expressões e fases evolutivas;
- II- ser autônomo, crítico, criativo e solidário no exercício da aprendizagem e do trabalho, interrogando-se sobre o *por quê*, o *para que*, os *limites*, os *fins* da ação em saúde e as *necessidades* dos usuários do sistema de saúde;
- III- reconhecer seu papel social enquanto trabalhador de saúde tendo em vista a integralidade, universalidade, equidade, resolubilidade e humanização do trabalho gerencial e assistencial;
- IV- reconhecer-se como agente das práticas em saúde, considerando que elas expressam as articulações entre múltiplos atores, valores, saberes e poderes;
- V- reconhecer-se como coordenador do trabalho da equipe de enfermagem;
- VI- responsabilizar-se por seus atos, reconhecendo-se como autor destes e assumindo suas consequências;
- VII- reconhecer seu compromisso social para com a sociedade, no que se refere à promoção, manutenção e recuperação da saúde dos indivíduos;
- VIII- aprender a conhecer;
- IX- refletir sobre o cuidar em enfermagem como responsabilidade social, considerando que esta abordagem é necessária para a reorientação da sua *práxis*, tanto em termos assistenciais, quanto gerenciais;
- X- considerar as abordagens clínica, epidemiológica e humanizada, bem como as evidências científicas e as transformações e expressões do contexto social e do setor saúde, para o planejamento de intervenções de saúde e de enfermagem;
- XI- considerar a natureza da organização do processo de trabalho em saúde segundo o paradigma da promoção da saúde, a interdisciplinaridade e a intersetorialidade;
- XII- compreender a divisão do trabalho em enfermagem e em saúde, a natureza do objeto e da prática em saúde, considerando a inter e a transdisciplinaridade;
- XIII- reconhecer o papel social do enfermeiro nas estruturas consultivas e deliberativas do sistema de saúde e na dinâmica de trabalho;
- XIV- reconhecer a profissão de enfermagem como uma tendência na perspectiva do empreendedorismo em saúde;
- XV- aprender a fazer;
- XVI- unir, em sua prática profissional, a técnica à ciência, o saber-fazer ao saber por que e, a preocupação com o resultado e com o ser humano;
- XVII- comprometer-se com o autodesenvolvimento e o processo de formação e qualificação continuada dos trabalhadores de enfermagem tendo em vista a excelência ao exercício profissional;
- XVIII- desenvolver ações, dentro do âmbito profissional, de prevenção de doenças, promoção, proteção e reabilitação da saúde para o cidadão, grupos, família e comunidade;
- XIX- incorporar a ciência e a arte do cuidar no exercício profissional;

- XX- exercer a autonomia profissional para aceitar ou negar determinadas práticas, em função de critérios éticos, legais, humanos, ecológicos e científicos e das necessidades da clientela;
- XXI- usar tecnologias de informação e comunicação;
- XXII- desenvolver uma *práxis* humanizada, responsabilizando-se pela qualidade da assistência / cuidado e da gerência em enfermagem;
- XXIII- gerenciar o trabalho de enfermagem em serviços de saúde, observando o custo-efetividade das intervenções;
- XXIV- assessorar órgãos, empresas e instituições em projetos de saúde;
- XXV- desenvolver e participar de pesquisas e de outras formas de produção de conhecimento;
- XXVI- coordenar o processo de cuidar em enfermagem;
- XXVII- aprender a viver juntos;
- XXVIII- interagir com os profissionais dos serviços de saúde propiciando benefício mútuo, estimulando a cooperação acadêmica – profissional;
- XXIX- reconhecer a importância do cuidado à própria saúde física e mental e buscar seu bem-estar como cidadão e como enfermeiro;
- XXX- promover um ambiente social e humanamente digno no trabalho;
- XXXI- desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe com compromisso e responsabilidade, de ser cooperativo;
- XXXII- associar-se a outras pessoas e instituições que compartilham ideais e interesses profissionais.

6 ESTRUTURA CURRICULAR

A duração mínima do curso é de 10 (dez) semestres, com carga horária total de 4396 horas e máxima de 16 (dezesesseis) semestres.

Em casos de excepcionalidade, a critério do Conselho Diretor, respeitadas as normas e legislação em vigor, a duração do curso pode ser menor, nunca inferior a quatro anos e meio, desde que o aluno tenha cumprido com aproveitamento todas as atividades previstas no currículo.

De acordo com o RGCG da UFG os conteúdos dos cursos deverão ser distribuídos em Núcleo Comum (conteúdos comuns para a formação do profissional), Núcleo Específico (conteúdos que darão especificidade à formação do profissional), Núcleo Livre (conteúdos que objetivam garantir liberdade ao aluno para ampliar sua formação, sendo composto por disciplinas eletivas por ele escolhidas) e disciplinas Optativas.

O aluno deverá realizar ainda Atividades Complementares, as quais são o conjunto de atividades acadêmicas, sem vínculo empregatício, desenvolvidas à sua escolha durante o tempo disponível para a integralização curricular, validadas pela Coordenação do Curso. São exemplos:

- 1) iniciação científica oficial, e/ou, participação em pesquisas;
- 2) conferências, seminários, palestras, eventos científicos, cursos e afins;
- 3) atividades de extensão universitária e/ou artísticas e culturais.

6.1 Matriz Curricular do Curso de Enfermagem – Bacharelado/Goiânia

Disciplinas	Unidade Resp.	Pré Requisito	Correquisito	Carga Horária Semestral			Núcleo	Natureza	Semestre
				Teórica	Prática	Total			
1. Saúde coletiva*	FEN			48	16	64	NE	OBG	1
2. Introdução à enfermagem*	FEN			48	32	80	NE	OBG	1
3. Anatomia humana I	ICB			32	32	64	NC	OBG	1
4. Metodologia científica*	FEN			32	16	48	NE	OBG	1
5. Biofísica	ICB			32	0	32	NC	OBG	1
6. Histologia e embriologia geral	ICB			32	32	64	NC	OBG	1
7. Promoção da saúde*	FEN			32	32	64	NE	OBG	2
8. Risco biológico e biossegurança*	FEN			32	0	32	NE	OBG	2
9. Bioquímica	ICB			48	16	64	NC	OBG	2
10. Anatomia humana II	ICB			32	32	64	NC	OBG	2
11. Histologia dos órgãos	ICB		Histologia e embriologia geral	32	32	64	NC	OBG	2
12. Genética	ICB			48	0	48	NC	OBG	2
13. Tecnologia da educação em saúde*	FEN			32	0	32	NE	OBG	2
14. Epidemiologia e bioestatística*	FEN			64	16	80	NE	OBG	3
15. Bases para o cuidar do Indivíduo e da Família I*	FEN	Introdução à enfermagem	Anatomia humana I	32	80	112	NE	OBG	3
16. Fisiologia	ICB		Anatomia humana II Histologia dos órgãos	80	16	96	NC	OBG	3
17. Imunologia	IPTSP		Histologia e embriologia geral Bioquímica Genética	32	32	64	NC	OBG	3

Disciplinas	Unidade Resp.	Pré Requisito	Correquisito	Carga Horária Semestral			Núcleo	Natureza	Semestre
				Teórica	Prática	Total			
18. Microbiologia	IPTSP		Bioquímica	48	32	80	NC	OBG	3
19. Bases para o cuidar do Indivíduo e da Família II*	FEN	Bases para o cuidar do Indivíduo e da Família I	Bioquímica Fisiologia Imunologia	48	96	144	NE	OBG	4
20. Processamento de produtos para a saúde	FEN	Risco biológico e biossegurança	Microbiologia	32	32	64	NE	OBG	4
21. Farmacologia básica Enfermagem	ICB		Bioquímica Fisiologia	32	16	48	NC	OBG	4
22. Patologia	IPTSP	Anatomia humana II	Fisiologia Imunologia	48	32	80	NC	OBG	4
23. Parasitologia	IPTSP		Fisiologia Imunologia Microbiologia	32	32	64	NC	OBG	4
24. Enfermagem clínica*	FEN	Bases para o cuidar do Indivíduo e da Família II	Processamento de produtos para a saúde Farmacologia básica Patologia	48	64	112	NE	OBG	5
25. Enfermagem em doenças infecciosas*	FEN	Imunologia Microbiologia Bases para o cuidar do Indivíduo e da Família II Processamento de produtos para a saúde	Epidemiologia e bioestatística Farmacologia básica Patologia	32	64	96	NE	OBG	5
26. Saúde mental*	FEN		Psicologia aplicada à saúde	16	32	48	NE	OBG	5
27. Vigilância à saúde*	FEN		Epidemiologia e bioestatística	16	64	80	NE	OBG	5
28. Farmacologia aplicada a Enfermagem	ICB		Farmacologia básica	32	16	48	NC	OBG	5

Disciplinas	Unidade Resp.	Pré Requisito	Correquisito	Carga Horária Semestral			Núcleo	Natureza	Semestre
				Teórica	Prática	Total			
29. Nutrição	FANUT		Bioquímica Fisiologia	48	0	48	NC	OBG	5
30. Enfermagem cirúrgica e centro cirúrgico*	FEN	Processamento de produtos para a saúde	Enfermagem clínica Farmacologia aplicada Biofísica	32	64	96	NE	OBG	6
31. Enfermagem psiquiátrica*	FEN		Saúde mental	32	64	96	NE	OBG	6
32. Enfermagem em cuidado crítico*	FEN	Enfermagem clínica	Biofísica	32	64	96	NE	OBG	6
33. Psicologia aplicada à Enfermagem	FE			48	0	48	NC	OBG	6
34. Sociologia	FCS			64	0	64	NE	OBG	6
35. Enfermagem Ginecológica e Obstétrica I*	FEN	Histologia e embriologia geral Bases para o cuidar do Indivíduo e da Família II	Enfermagem clínica Tecnologia da educação em saúde	32	64	96	NE	OBG	7
36. Enfermagem Pediátrica e Neonatológica I*	FEN	Bases para o cuidar do Indivíduo e da Família II	Genética Nutrição	32	64	96	NE	OBG	7
37. Práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva*	FEN		Vigilância à saúde Enfermagem em doenças infecciosas	32	64	96	NE	OBG	7
38. Administração em enfermagem I*	FEN			32	0	32	NE	OBG	7
39. Ética e Exercício da Enfermagem*	FEN	Introdução à enfermagem	Enfermagem clínica	48	0	48	NE	OBG	7
40. Antropologia da Saúde	FCS			64	0	64	NE	OBG	7
41. Trabalho de Conclusão de Curso I*	FEN	Metodologia científica		16	0	16	NE	OBG	7

Disciplinas	Unidade Resp.	Pré Requisito	Correquisito	Carga Horária Semestral			Núcleo	Natureza	Semestre
				Teórica	Prática	Total			
42. Enfermagem Ginecológica e Obstétrica II*	FEN		Enfermagem ginecológica e obstétrica I Enfermagem cirúrgica e centro cirúrgico Enfermagem clínica	32	64	96	NE	OBG	8
43. Enfermagem Pediátrica e Neonatológica II*	FEN	Enfermagem Pediátrica e Neonatológica I	Enfermagem cirúrgica e centro cirúrgico	32	48	96	NE	OBG	8
44. Enfermagem hebiátrica	FEN		Enfermagem psiquiátrica Antropologia da Saúde	16	32	48	NE	OBG	8
45. Administração em enfermagem II*	FEN	Administração em enfermagem I		32	48	80	NE	OBG	8
46. Filosofia e Enfermagem*	FEN			48	0	48	NE	OBG	8
47. Trabalho de Conclusão de Curso II*	FEN	Trabalho de Conclusão de Curso I		16	0	16	NE	OBG	8
48. Estágio Supervisionado em Enfermagem I	FEN	**		0	224	224	NE	OBG	9
49. Estágio Supervisionado em Enfermagem II	FEN	**		0	224	224	NE	OBG	9
50. Estágio Supervisionado em Enfermagem III	FEN	**		0	208	208	NE	OBG	10
51. Estágio Supervisionado em Enfermagem IV	FEN	**	Administração em enfermagem II	0	224	224	NE	OBG	10

* disciplina com necessidade de dois ou mais docentes na mesma turma/subturma.

** mínimo de 3116 horas de disciplinas obrigatórias de NC e/ou NE.

DISCIPLINAS OPTATIVAS	Unidade resp.	Pré-Requisito	Correquisito	Carga Horária Semestral			Núcleo	Natureza
				Teórica	Prática	Total		
52. Enfermagem oncológica	FEN	-	Enfermagem cirúrgica e centro cirúrgico	32	16	48	NE	OPT
53. Enfermagem na saúde da pessoa idosa	FEN	-	-	32	0	32	NE	OPT
54. Segurança do paciente	FEN	-	-	48	0	48	NE	OPT
55. Tópicos avançados em neonatologia	FEN	Enfermagem em cuidado crítico	-	36	16	48	NE	OPT
56. Atendimento pré-hospitalar	FEN	-	-	16	16	32	NE	OPT

Legenda:

ICB - Instituto de Ciências Biológicas	FE - Faculdade de Educação
IPTSP – Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública	FCS – Faculdade de Ciências Sociais
FANUT – Faculdade de Nutrição	FEN – Faculdade de Enfermagem
NE – Núcleo Específico	NC – Núcleo Comum
NL – Núcleo Livre	OBG – disciplina obrigatória
OPT – disciplina optativa	

6.2 Quadro Resumo da Carga Horária

COMPONENTES CURRICULARES	CH	PERCENTUAL
NÚCLEO COMUM (NC)	976	25,1%
NÚCLEO ESPECÍFICO OBRIGATÓRIO (NEOBG)	3120	68,1%
NÚCLEO ESPECÍFICO OPTATIVO (NEOP)	100	2,3%
NÚCLEO LIVRE (NL)	100	2,3%
ATIVIDADES COMPLEMENTARES (AC)	100	2,3%
CARGA HORÁRIA TOTAL (CHT)	4396	

6.3 Tabela de Equivalência entre as Disciplinas dos Currículos

Disciplinas - Matriz curricular do curso de enfermagem – bacharelado e licenciatura - RES CEPEC N° 1204	CHA total	Disciplinas - Matriz curricular do curso de enfermagem – bacharelado - Proposta 2017	CHA total
Saúde Coletiva	60	Saúde Coletiva	64
Introdução à Enfermagem	90	Introdução à Enfermagem	80
Atendimento Pré-Hospitalar	30	-----	---
Anatomia Humana I Enf	60	Anatomia Humana I	64
Metodologia Científica	45	Metodologia Científica	48
Biofísica Enfermagem	30	Biofísica	32
Histologia e Embriologia Geral	60	Histologia e Embriologia Geral	64
Promoção da Saúde	60	Promoção da saúde	64
Risco Biológico e Biossegurança	30	Risco biológico e biossegurança	32
Bioquímica Enfermagem	60	Bioquímica	64
Anatomia Humana II Enfermagem	60	Anatomia humana II	64
Histologia dos Órgãos	60	Histologia dos órgãos	64
Psicologia Aplicada à Enfermagem	45	Psicologia aplicada à Enfermagem*	48
Genética Enfermagem	45	Genética	48
Tecnologia da Educação em Saúde	30	Tecnologia da educação em saúde	32
Epidemiologia e Bioestatística Enfermagem	75	Epidemiologia e bioestatística	80
Bases para o Cuidar do Indivíduo e da Família I	120	Bases para o Cuidar do Indivíduo e da Família I	112
Fisiologia	90	Fisiologia	96
Imunologia	60	Imunologia	64
Microbiologia Enfermagem	75	Microbiologia	80
Bases para o Cuidar do Indivíduo e da Família I II	150	Bases para o Cuidar do Indivíduo e da Família II	144
Centro de Material e Esterilização	60	Processamento de produtos para a saúde	64
Farmacologia básica Enfermagem	45	Farmacologia básica Enfermagem	48
Saúde Mental	45	Saúde mental*	48
Patologia	75	Patologia	80
Parasitologia Enf	60	Parasitologia	64
Fund Filos e Sócio-Hist da Educ Enf	64	-----	
Enfermagem Clínica	100	Enfermagem clínica	112
Enfermagem em Doenças Infeciosas	100	Enfermagem em doenças infecciosas	96

Vigilância à Saúde	90	Vigilância à saúde	80
Farmacologia Aplicada a Enfermagem	45	Farmacologia aplicada a Enfermagem	48
Nutrição	45	Nutrição	48
Psicologia da Educação I Enf	64	-----	---
Enfermagem Cirúrgica	120	Enfermagem cirúrgica e centro cirúrgico	96
Enfermagem Psiquiátrica	100	Enfermagem psiquiátrica	96
Assistência de Enfermagem a Paciente Crítico	100	Enfermagem em cuidado crítico	96
Administração I	40	Administração em enfermagem I*	32
Sociologia	45	Sociologia	64
Psicologia da Educação II Enf	64	-----	---
Enfermagem Ginecológica e Obstétrica I	100	Enfermagem Ginecológica e Obstétrica I	96
Enfermagem Pediátrica e Neonatológica I	100	Enfermagem Pediátrica e Neonatológica I	96
Práticas da Enf em Saúde Coletiva	90	Práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva	96
Ética e Exercício da Enf	40	Ética e Exercício da Enfermagem*	48
Antropologia da Saúde	45	Antropologia da Saúde*	64
Trabalho de Conclusão de Curso I	15	Trabalho de Conclusão de Curso I*	16
Políticas Educacionais no Brasil Enfermagem	64	-----	---
Est Supervisionado em Licenciatura I	45	-----	---
Enfermagem Ginecológica e Obstétrica II	100	Enfermagem Ginecológica e Obstétrica II	96
Enfermagem Pediátrica e Neonatológica II	100	Enfermagem Pediátrica e Neonatológica II	96
Enfermagem hebiátrica	40	Enfermagem hebiátrica	48
Administração II	120	Administração em enfermagem II*	80
Gestão e Org do Trab Pedagógico	64	-----	---
Est Sup de Licenciatura II	75	-----	---
Tecn e Coord de Gr no Contexto da Saúde	30	-----	---
Filosofia e Enfermagem	45	Filosofia e Enfermagem*	48
Estágio Supervisionado em Enfermagem I	250	Estágio Supervisionado em Enfermagem I	224
Estágio Supervisionado em Enfermagem II	250	Estágio Supervisionado em Enfermagem II	224
Estágio Supervisionado em Enfermagem III	311	Estágio Supervisionado em Enfermagem III	208
-----	----	Estágio Supervisionado em Enfermagem IV**	224
Est Sup de Licenciatura III	280	-----	---
Trabalho de Conclusão de Curso II	15	Trabalho de Conclusão de Curso II*	16

*mudança de semestre

6.4 Atividades Complementares

Reconhecendo que os conhecimentos, habilidades e competências podem ser adquiridas fora do contexto da estrutura formal das disciplinas, são previstas para integralização curricular a realização de atividades complementares para a formação do enfermeiro, que consistem em: monitorias, iniciação científica, projetos de extensão, estágios não-obrigatórios, cursos e eventos na área da saúde ou área afim.

6.5 Elenco de Componentes Curriculares com Ementas e Bibliografias

SAÚDE COLETIVA

Ementa: História da enfermagem de saúde pública no Brasil. Tendências e modelos em saúde coletiva. Saúde no Brasil e região centro-oeste. SUS: princípios, estrutura, organização, mobilização social. Políticas de saúde e de meio ambiente. Estrutura e funcionamento das instituições e suas relações com os serviços de saúde. Níveis progressivos de assistência à saúde.

Bibliografia Básica:

BATISTELLA, C. Abordagens contemporâneas do conceito de Saúde. In A. F Fonseca & A. D. Corbo (Org.), O território e o processo saúde doença, p. 25-86. Rio de Janeiro: EPSJV/FIOCRUZ. 2007. Disponível em: http://www.epsjv.fiocruz.br/pdtsp/index.php?livro_id=6&area_id=2&autor_id=&capitulo_id=14&arquivo=ver_conteudo_2_.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política nacional de atenção básica / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012. 110p. (Série E. Legislação em Saúde). Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coletânea de normas para o controle social no Sistema Único de Saúde / Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde – Brasília : Ministério da Saúde, 2011. 208 p. – (Série E. Legislação de saúde). Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/Coletanea_Normas.pdf.

PAIM, J.; TRAVASSOS, C.; ALMEIDA, C.; BAHIA, L.; MACINKO, J. O sistema de saúde brasileiro: história, avanços e desafios . The Lancet , Volume 377 , Issue 9779 , 1778 – 1797. 2011. Disponível em: <http://www.cpgss.pucgoias.edu.br/ArquivosUpload/31/file/O%20SISTEMA%20DE%20SAUDE%20BRASILEIRO.pdf>.

Bibliografia Complementar:

BATISTELLA, C. Análise da Situação de Saúde: principais problemas de saúde da população brasileira. In A. F Fonseca & A. D. Corbo (Org.), O território e o processo saúde doença. Rio de Janeiro: EPSJV/FIOCRUZ. 2007. Disponível em: http://www.epsjv.fiocruz.br/pdtsp/index.php?livro_id=6&area_id=2&autor_id=&capitulo_id=24&arquivo=ver_conteudo_2_.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Título VIII, Capítulo II, Seção II Da Saúde. Artigos 196-200. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em http://conselho.saude.gov.br/web_sus20anos/20anossus/legislacao/constituicaoafederal.pdf.

BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Assistência de Média e Alta Complexidade no SUS / Conselho Nacional de Secretários de Saúde. – Brasília : CONASS, 2011. 223 p. (Coleção Para Entender a Gestão do SUS 2011, 4) Disponível em: http://www.conass.org.br/biblioteca/pdfs/colecao2011/livro_4.pdf.

BRAVO, Maria Inês Souza; CORREIA, Maria Valéria Costa. Desafios do controle social na atualidade. Serv. Soc. São Paulo, n. 109, p. 126-150, Mar. 2012 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n109/a08n109.pdf>.

CAMPOS, G. W. de S. Paradoxos na construção do SUS. Physis [online]. 2015, vol.25, n.3, pp. 705-708. ISSN 1809-4481. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v25n3/0103-7331-physis-25-03-00705.pdf>.

MENDES, A; MARQUES, RM. O financiamento do SUS sob os "ventos" da financeirização. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2009, vol.14, n.3, pp. 841-850. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n3/19.pdf>.

INTRODUÇÃO À ENFERMAGEM

Ementa: Integração do aluno à universidade. Surgimento e institucionalização da enfermagem. Compreensão histórica do cuidar em Enfermagem. Instrumentos básicos de enfermagem. Concepções do ser humano, saúde, meio ambiente e enfermagem como norteadores da *práxis* profissional. Enfermagem como prática social e os diversos papéis do enfermeiro (ensino, pesquisa, assistência, gerenciamento). Introdução à ética e legislação no trabalho da enfermagem e na saúde. Educação para Cidadania e Direitos humanos. Associações de classe e órgãos de fiscalização do exercício profissional. Introdução à avaliação do estado de saúde da pessoa na fase adulta.

Bibliografia Básica:

ATKINSON, L. D.; MURRAY, M. E. Fundamentos de Enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara, 1985.
CIANCIARULLO, T. I. Instrumentos Básicos para o Cuidar. Um desafio para a qualidade da assistência. São Paulo: Atheneu, 2005.
POTTER, P.A.; PERRY, A.G. Fundamentos de Enfermagem. 7.ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
GELAIN, I. Deontologia e Enfermagem. 3ª ed. (Revisada) São Paulo: EPU. 2006.
GEOVANINI, T.; et al. História da Enfermagem: versões e interpretações. 3.ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2010.

Bibliografia Complementar:

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária; Ministério da Saúde. Segurança do paciente em serviços de saúde: limpeza e desinfecção de superfícies. Brasília (Brasil): Ministério da Saúde; 2010.
ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária; Ministério da Saúde. Segurança do Paciente em Serviços de Saúde: Higienização das Mãos. Brasília (Brasil): Ministério da Saúde; 2009. Disponível em: http://anvisa.gov.br/servicosaude/manuais/paciente_hig_maos.pdf.
_____. Higienização de mãos em serviços de saúde. Brasília 2007. Disponível em: http://www.anvisa.gov.br/hotsite/higienizacao_maos/manual_integra.pdf.
APECIH - Associação Paulista de Epidemiologia e Controle de Infecção Relacionada à Assistência à Saúde. Limpeza, desinfecção de artigos e áreas hospitalares e antissepsia. 2 ed Rev. São Paulo: APECIH; 2004.
CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Resolução COFEN Nº. 311/2007. Rio de Janeiro, 2007. 26p.
KAWAMOTO, E.E.; FORTES, J.I. 3.ed. Fundamentos de Enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara, 2012.
TIMBY, B. K. Conceitos e Habilidades Fundamentais no Atendimento de Enfermagem. 8ª ed., Porto Alegre: Artmed, 2007.
MUSSI, N.M. *et al.* Técnicas Fundamentais de Enfermagem. 2 ed. São Paulo: Atheneu. 2007.
SIEGEL, J.D., et al. Health Care Infection Control Practices Advisory Committee. Guideline for Isolation Precautions: Preventing Transmission of Infectious Agents in Health Care Settings. Am J Infect Control, v.35, n, 10 suppl 2, p.S65-164, 2007.
VOLPATO, ACB, PASSOS, VCS. Técnicas básicas de enfermagem. São Paulo: Martinari, 4 ed, 2014.

ANATOMIA HUMANA I

Ementa: Conceito e divisão da anatomia. Planos e eixos do corpo humano. Sistema esquelético, juntas, postura e locomoção. Sistemas muscular, tegumentar, respiratório e digestivo.

Bibliografia Básica:

DANGELO, J. G.; FATTINI, C. A. Anatomia humana sistêmica e segmentar. 2ª ed. São Paulo: Atheneu, 2007.
NETTER, F. H. Atlas de Anatomia Humana. 4ª ed. São Paulo: Elsevier, 2011.
PUTZ, R.; PABST, R. SOBOTTA: Atlas de Anatomia Humana. 22ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 2v.

Bibliografia Complementar:

MOORE, K. L.; DALLEY, A. F. Anatomia orientada para a clínica. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
SCHÜNKE, M.; SCHULTE, E.; SCHUMACHER, U. Coleção Prometheus - Atlas de Anatomia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 3v.
TORTORA, G. J. Princípios de Anatomia Humana. 10ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.
WOLF-HEIDEGGER, G. Atlas de anatomia humana. Petra Kopf-Maier (Ed.). 6ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan (Grupo GEN). 2006. 2v.
GRAY, H., GROSS, C. M. Anatomia. 29ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

METODOLOGIA CIENTÍFICA

Ementa: Conhecimento e ciência. Enfermagem como ciência. A construção do conhecimento científico. Elaboração e desenvolvimento de um projeto de pesquisa.

Bibliografia Básica:

JACOBINI, M. L. P. Metodologia do trabalho acadêmico. 4ª ed., Campinas: Alínea, 2011.
KÖCHE, J. C. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 33ª ed., Petrópolis: Vozes, 2013.
RUDIO, F. V. Introdução ao projeto de pesquisa científica. 39ª ed., Petrópolis: Vozes, 2011.

Bibliografia Complementar:

BARROS, A. J.; LEHFELD, N. S. Fundamentos de metodologia. 3ª ed., São Paulo: Pearson, 2007.
CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A.; SILVA, R. Metodologia científica. 6ª ed., São Paulo: Pearson, 2012.
GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed., São Paulo: Atlas, 2002.
GUILHEM, D; ZICKER, F. Ética na Pesquisa em Saúde. Brasília: Editora UnB/Letras Livres, 2007.
LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Metodologia Científica. 6ª ed, São Paulo, Atlas, 2011.
LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
MATIAS-PEREIRA, J. Manual de metodologia da pesquisa científica. 2ª ed., São Paulo: Atlas, 2010.

MCT - Ministério da Ciência e Tecnologia. Pesquisa científica e tecnológica em saúde Brasília, D.F.: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2010.

MEDEIROS, M.; MUNARI, D. B.; BARBOSA, M. A.; BEZERRA, A. L. Q. Pesquisa qualitativa em saúde: implicações éticas. Brasília: Editora UnB/Letras Livres, 2007.

MERIGHI, M. A. B. Abordagens Teórico- Metodológicas Qualitativas: a vivência da mulher no período reprodutivo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

MINAYO, M. C. S. (org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, Vozes, 2013.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo / Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 2010.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. Fundamentos de pesquisa em Enfermagem: avaliação de evidência para a prática da enfermagem. 7ª ed., Porto Alegre, Artmed, 2011.

SEVERINO, J. S. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007.

BIOFÍSICA

Ementa: Biofísica das radiações ionizantes (física dos radionuclídeos, radiobiologia, física dos raios X e técnicas radiográficas), água, soluções e métodos biofísicos de análise, bioeletricidade (membrana biológica, biofísica das membranas, canalopatias).

Bibliografia Básica:

LEHNINGER, A. L. Princípios de bioquímica 5. ed. - Barcelona: Ediciones Omega, 2009.

HALL, J. E; GUYTON, A. C. Tratado de fisiologia médica 11. ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

HALL, J. E. Tratado de fisiologia médica 12. ed. - Rio de Janeiro: Saunders Elsevier, 2011.

Bibliografia Complementar:

GARCIA, E. A. C., Biofísica. Volume único, Ed. Sarvier, 2002.

DURÁN, J. E. R. Biofísica: fundamentos e aplicações. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

HENEINE, I. F. Biofísica básica. São Paulo: Atheneu, 2010.

WIDMAIER, E. P.; RAFF, H.; STRANG, K. T. Fisiologia humana: os mecanismos das funções corporais. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

OLIVEIRA, J. R. Biofísica para ciências biomédicas. Rio Grande do Sul, EDIPUCRS, 2008.

HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA GERAL

Ementa: Introdução ao estudo da histologia. Citologia. Sangue. Tecido conjuntivo propriamente dito. Tecido epitelial. Tecido cartilaginoso. Tecido ósseo. Tecido muscular. Tecido nervoso. Desenvolvimento da primeira à oitava semana e da nona semana ao nascimento. Placenta e anexos embrionários.

Bibliografia Básica:

GARTNER, L. P.; HIATT, J. L. Atlas de histologia. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

GARTNER, L. P.; HIATT, J. L. Tratado de Histologia. 3 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. Histologia básica. 12ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

ROSS, M. H.; PAWLINA, W. Histologia - Texto e Atlas. 6ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

Bibliografia Complementar:

HIB, J. Embriologia Médica. 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

SANDLER, T. W. Langman: Embriologia Médica. 12ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

BERMAN, I. Atlas de histologia básica. 2a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

CORMACK, D. H. Fundamentos de histologia. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

MOORE, K. L.; PERSAUD, T. V. N. Embriologia básica. 6 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

PROMOÇÃO DA SAÚDE

Ementa: Histórico do movimento de promoção da saúde: a diversidade racial e o meio ambiente. Conferências nacionais e internacionais sobre promoção da saúde. Conceitos atuais e emergentes em promoção da saúde. Políticas públicas de promoção da saúde no Brasil. Estratégias de intervenção em promoção da saúde. Educação em saúde. Pressupostos teóricos norteadores das políticas e práticas de promoção da saúde.

Bibliografia Básica:

CAMPOS, G.W.S., GUERRERO, A.V.P. (Orgs.). Manual de práticas de Atenção Básica: Saúde ampliada e compartilhada. São Paulo: Aderaldo & Rothschild (Hucitec), 2008.

COSTA, Dina Czeresnia; FREITAS, Carlos Machado de. Promoção da saúde conceitos, reflexões, tendências. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009. 229 p.

GOMES, Ivan Marcelo; FRAGA, Alex Branco; CARVALHO, Yara Maria de (Org). Práticas corporais no campo da saúde: uma política em formação. Porto Alegre: Rede Unida, 2015. 259 p.

ROCHA, Dais Gonçalves (Org.) Diversidade e equidade no SUS: parceria universidade e educação popular. Goiânia: Cànone Editorial, 2008. 123 p.

SILVA, Ana Lúcia Alves Carneiro da. Promoção da saúde na escola conhecimentos e práticas de profissionais da saúde e da educação. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

WESTPHAL, M.F. Promoção da saúde e prevenção de doenças. In: CAMPOS, G.W.S. et al. (Orgs.). Tratado de saúde coletiva. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Ed Fiocruz, 2006. p. 635-667.

Bibliografia Complementar:

ALEXANDRE, V.P. et al. Implementação da intersetorialidade: Parceria universidade-serviço-comunidade para a reorientação de políticas públicas. In: AM SPERANDIO (Org.). O processo de avaliação das experiências locais do Projeto Ações Intersetoriais em Promoção da Saúde – AIPS: Buscando as igualdades a partir das diferenças. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2009. p.51-61.

BATISTELA, C. Abordagens contemporâneas do conceito de Saúde. In: FONSECA, A.F. & CORBO, A.D. (Org.). O território e o processo saúde doença. Rio de Janeiro: EPSJV/FIOCRUZ, 2007. p25-86.

BONETTI, O.P.; PEDROSA, J.I.S.; SIQUEIRA, T.C.A. Educação popular em Saúde como Política do SUS. Revista APS, v.14, n.4, p 397-407, 2011.

BRANDÃO, C.R. O que é método Paulo Freire. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. 113 p. (Coleção Primeiros Passos).

BRASIL. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana de Saúde. Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/revcapa6.pdf>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde. Glossário temático: promoção da saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario_promocao_saude_1ed.pdf.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Educação Popular em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. www.cnts.org.br/geral/Arquivo/PNEPS%20SUS%20março%202012.doc.

BUSS, P.M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. Physis. v.17, n.1, p. 77-93. 2007. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a06.pdf>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Instrutivo PSE – Passo a Passo PSE: Tecendo caminhos da intersetorialidade. Brasília, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS: revisão da Portaria MS/GM nº 687, de 30 de março de 2006. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 36 p.

LOPES, Rosane; TOCANTINS, Florence Romijn. Promoção da saúde e a educação crítica. Interface - Comunic, Saude, Educ. v.16, n.40, p.235-46, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/icse/v16n40/aop1312.pdf>.

RISCO BIOLÓGICO E BIOSSEGURANÇA

Ementa: Risco biológico e medidas de precauções básicas para a segurança ambiental, segurança do paciente e profissional, individual e coletiva e em serviços de assistência à saúde.

Bibliografia Básica:

VERONESI: Tratado de infectologia. Editor científico: Roberto Focaccia. 3ª ed. São Paulo: Editora Atheneu; 2005. 2 volumes.

TEIXEIRA, P. & VALLE, S. (Orgs.). Biossegurança: Uma abordagem multidisciplinar. Rio de Janeiro – RJ: Fiocruz, 2010.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENFERMEIROS DE CENTRO CIRÚRGICO, RECUPERAÇÃO ANESTÉSICA E CENTRO DE MATERIAL E ESTERILIZAÇÃO-SOBECC, Práticas Recomendadas da SOBECC: Centro Cirúrgico, Recuperação Anestésica e Centro de Material e Esterilização, São Paulo, 6ªed. 2013.

Bibliografia Complementar:

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE ESTUDOS E CONTROLE DE INFECÇÃO HOSPITALAR.

APECIH. Limpeza, desinfecção e esterilização de artigos em unidades de saúde.4ª ed., São Paulo - SP, 2010.

BRASIL, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 306 de 07de dezembro de 2004, que dispõe sobre o Regulamento Técnico para o gerenciamento de serviços de saúde. DOU de 05 de março de 2004, Brasília. 2004. 35p.

_____. Agência Nacional de Vigilância Sanitária; Ministério da Saúde. Segurança do paciente: Higienização das mãos, Brasília 2008. Disponível em: http://anvisa.gov.br/servicosade/manuais/paciente_hig_maos.pdf.

_____. Agência Nacional de Vigilância Sanitária; Ministério da Saúde. Resolução de Diretoria Colegiada - RDC nº 15, de 19 de março de 2012. Brasília, 2012. DOU Nº 54, de 19 de março de 2012. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2012/rdc0015_15_03_2012.html.

_____. Resolução 358 - Conselho Nacional do Meio Ambiente. 2005. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res05/res35805.pdf>.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador. Exposição a materiais biológicos: saúde do trabalhador, protocolos de complexidade diferenciada. Brasília (Brasil): Ministério da Saúde, 2011. 72 p. Disponível em: www.saude.gov.br/trabalhador.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. Equipamentos de Proteção Individual – EPI. Norma Reguladora nº 6 (NR-6). Disponível em <http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/05/mtb/6.htm>.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. Portaria nº 485, de 11 de novembro de 2005. Aprova a Norma Regulamentadora nº 32. Segurança e saúde no trabalho em estabelecimentos de saúde. Brasília (Brasil). 2005. Disponível em <http://www.guiatrabalhista.com.br/legislacao/nr/nr32.htm>.

KUHAR, D. T., et al. Updated U.S. Public Health Service guidelines for the management of occupational exposures to HIV and recommendations for postexposure prophylaxis. Centers for disease control and prevention (CDC). 2013. Disponível em <http://stacks.cdc.gov/view/cdc/20711>.

SEMMELWEIS, I. Etiologia, concepto y profilaxis de la fiebre puerperal. In. OPAS. El desafio da epidemiologia: problemas e leituras selecionadas. Washington: OPAS, 1988.

SIEGEL, J.D., et al. Health Care Infection Control Practices Advisory Committee. Guideline for Isolation Precautions: Preventing Transmission of Infectious Agents in Health Care Settings. Am J Infect Control, v.35, n, 10 suppl 2, p.S65-164, 2007.

BIOQUÍMICA

Ementa: Aminoácidos, peptídeos, proteínas, enzimas, vitaminas, coenzimas, carboidratos, lipídeos, membranas, ácidos nucleicos. Metabolismo de carboidratos, lipídeos e aminoácidos. Integração do metabolismo.

Bibliografia Básica:

BERG, J.M; TYMOCZKO, J.L.; STRYER L, *Bioquímica*. Guanabara Koogan, 2006.

VOET, D. J.G. VOET & C. W. P. A. *Fundamentos de Bioquímica*. 2000.

MURRAY, R.K et al. *Bioquímica do Harper*. Atheneu Editora São Paulo Ltda, 2000.

LEHNINGER AL, N. D. L. & COX, M.M. *Principios de Bioquímica* 2006.

Bibliografia Complementar:

BERG, J. M.; TYMOCZKO, J. L.; STRYER, CHAMPE, P. C.; HARVEY, R. A.; FERRIER, D. C. *Bioquímica ilustrada*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

DEVIN, T. M. *Manual de bioquímica com correlações clínicas*. 6. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2007.

NELSON, D. L.; COX, M. M. *Lehninger: princípios de bioquímica*. 4. ed. São Paulo: Sarvier, 2006.L. *Bioquímica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

AMPBELL, M. K. *Bioquímica*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MARZZOCO, A.; TORRES, B. B. *Bioquímica básica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

NELSON, D. L., COX, M. M. *Princípios de Bioquímica de Lehninger*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed. 2011.

ANATOMIA HUMANA II

Ementa: Sistemas nervoso, sensorial, circulatório, urinário, endócrino e reprodutor masculino e feminino.

Bibliografia Básica:

DANGELO, J. G.; FATTINI, C. A. *Anatomia humana sistêmica e segmentar*. 2ª ed. São Paulo: Atheneu, 2007.

NETTER, F. H. *Atlas de Anatomia Humana*. 4ª ed. São Paulo: Elsevier, 2011.

PUTZ, R.; PABST, R. SOBOTTA: *Atlas de Anatomia Humana*. 22ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 2v.

Bibliografia Complementar:

MOORE, K. L.; DALLEY, A. F. *Anatomia orientada para a clínica*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

SCHÜNKE, M.; SCHULTE, E.; SCHUMACHER, U. *Coleção Prometheus - Atlas de Anatomia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 3v.

TORTORA, G. J. *Princípios de Anatomia Humana*. 10ª ed. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan, 2007.

WOLF-HEIDEGGER, G. *Atlas de anatomia humana*. Petra Kopf-Maier (Ed.). 6ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan (Grupo GEN). 2006. 2v.

GRAY, H., GROSS, C. M. *Anatomia*. 29ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

HISTOLOGIA DOS ÓRGÃOS

Ementa: Sistemas linfático e circulatório. Tubo digestivo. Glândulas anexas do tubo digestivo. Sistema respiratório. Pele e anexos. Sistema urinário. Glândulas endócrinas. Sistema reprodutor masculino e feminino.

Bibliografia Básica:

BERMAN, I. *Atlas de histologia básica*. 2a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

CORMACK, D. H. *Fundamentos de histologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

GARTNER, L. P.; HIATT, J. L. *Atlas de histologia*. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

GARTNER, L. P.; HIATT, J. L. *Tratado de Histologia*. 3 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

Bibliografia Complementar:

HIB, J. Embriologia Médica. 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
SANDLER, T. W. Langman: Embriologia Médica. 12 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.
JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. Histologia básica. 12 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.
ROSS, M. H.; PAWLINA, W. Histologia - Texto e Atlas. 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.
MOORE, K. L.; PERSAUD, T. V. N. Embriologia básica. 6 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

GENÉTICA

Ementa: Bases citológicas e cromossômicas da hereditariedade. Padrões de herança. Estudo do cariótipo humano e principais cromossomopatias. Genética molecular: estrutura do material genético, replicação, transcrição e regulação, mutação/mutagenese, técnicas moleculares aplicadas às doenças humanas. Genética bioquímica: erros inatos do metabolismo, hemoglobinopatias. Genética do desenvolvimento. Noções de genética de populações.

Bibliografia Básica:

BRUCE, A. *Biologia Molecular da Célula*. Artes Médicas. 4ª ed. Porto Alegre, RS. 1463p. 2004.
GRIFFITHS, A.J.F.; MILLER, J.H.; SUZUKI, J.H.; LEWONTIN, R.C. *Genética Moderna*. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, RJ. 589p. 2001.
GARDNER, E. J.; STUSTAD, D.P. *Genética. Interamericana*. Rio de Janeiro, RJ. 497p. 1986.

Bibliografia Complementar:

TURNPENNY, P.; ELLARD, S. Emery - Genética Médica. 2009.13 ed. Elsevier: Rio de Janeiro, RJ, 426 p.
DUDEK, RONALD W. & WILEY, JOHN E. (2009) Genética Humana Básica. Editora Guanabara Koogan S.A., Rio de Janeiro, 177 p.
LEWIN, BENJAMIN (2009) GENES IX. 9ª Edição. Artmed Editora S.A., Porto Alegre, RS, 893 p.
READ, ANDREW & DONNAI, DIAN (2008) Genética Clínica: uma nova abordagem. Artmed Editora S.A., Porto Alegre, RS, 425 p.
NUSSBAUM, ROBERT L.; MCINNES, RODERICK R.; WILLARD, HUNTINGTON F. (2008) THOMPSON & THOMPSON. Genética Médica. Sétima Edição. Editora Guanabara Koogan S.A., Rio de Janeiro, RJ, 525 p.

TECNOLOGIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Ementa: Planejamento de ensino e suas etapas. Uso de tecnologias da educação em saúde.

Bibliografia Básica:

GOHN, M.G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ. v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006.
HAYDT, Regina Célia Cazaux. Curso de didática geral. 8.ed. - São Paulo: Ática, 2007.
LIMA, Eneide Maria Moreira de. Políticas públicas de educação-saúde: reflexões, diálogos e práticas. Campinas - SP: Alínea, 2009. 99 p.
MACHADO, Virginia Maria. Planejamento e avaliação no ensino superior anotações sobre uma pratica pontual. Rio Grande – RS: Momento. v. 15 2002. p.179-200.
VASCONCELOS, Eduardo Mourão; VASCONCELOS, Eymard Mourão. Educação popular e atenção à saúde da família. 4. ed. Sao Paulo: Hucitec, 2008. 334 p.
ROCHA, Dais Gonçalves (Org.) Diversidade e equidade no SUS: parceria universidade e educação popular. Goiânia: Cãnone Editorial, 2008. 123 p.

Bibliografia Complementar:

BRANDÃO, C. R. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2007 (49ª impressão), 59p. (Coleção Primeiros Passos).
BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. Diretrizes de educação em saúde visando à promoção da saúde: documento base. Brasília: Funasa; 2007.
GADOTTI, M. A questão da educação formal/não-formal. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/MoacirGadotti/artigos/Portugues/EducaçãoPopulareEJA>.
GOMES, L.B.; MERHY E.E. Compreendendo a educação popular em saúde: um estudo na literatura brasileira. Cad Saúde Pública. [Internet]. v.27, n.1, p. 7-18. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2011000100002>.
LEONELLO, V.M., OLIVEIRA, M.A.C. Competências para ação educativa da Enfermeira. Rev Latino-am Enfermagem. v.16, n.2, 2008.
BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Educação Popular em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. www.cnts.org.br/geral/Arquivo/PNEPS%20SUS%20março%202012. Doc.
BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Instrutivo PSE – Passo a Passo PSE: Tecendo caminhos da intersetorialidade. Brasília, 2011.
BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação em Saúde. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Brasília, 2009: 64p.
BRASIL. Ministério da Saúde Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Comitê Nacional de Educação Popular e Saúde. Política Nacional de Educação Popular em Saúde. Brasília, 2011.

SALCI, M.A. et al. Educação em saúde e suas perspectivas teóricas: algumas reflexões. *Texto Contexto Enferm.* [Internet]. v.22, n.1, p.224-30. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072013000100027>.
SCHAFRANKI. M.D. Educação não-formal e alfabetização de adultos: um relato de experiência. *Revista Conexão URPG.* v.3, n.1, 2007. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3829>. Acesso em 14 de outubro de 2012.
SOUSA, L.B. et al. Práticas de educação em saúde no Brasil: a atuação da enfermagem. *Rev Enferm UERJ.* [Internet]. v.18, n.1, p. 55-60, 2010. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v18n1/v18n1a10.pdf>.

EPIDEMIOLOGIA E BIOESTATÍSTICA

Ementa: Conceitos da epidemiologia e sua aplicação. Processo saúde-doença. Transição epidemiológica e demográfica. Medidas utilizadas em epidemiologia: de efeito e de associação. Método epidemiológico e Níveis de evidência. Epidemiologia das doenças transmissíveis e não transmissíveis. Indicadores de saúde. Testes diagnósticos. Fontes de dados epidemiológicos e Sistemas Nacionais de Informação para a Saúde. Fundamentos para a leitura crítica da literatura epidemiológica. Análise exploratória dos dados: tipos de variáveis; medidas de tendência central e de dispersão; apresentação tabular e gráfica dos dados; tabelas de contingência. Distribuição discreta e contínua. Eventos vitais. População: censo demográfico, pirâmides populacionais e estimativas.

Bibliografia Básica:

VIEIRA SM. Bioestatística: tópicos avançados. 3a. Ed. São Paulo: Elsevier, 2010.
JEKEL JF, KATZ DL, ELMORE JG. Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva. 2a.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
PAGANO M, GAUVREAU K. Princípios de bioestatística. São Paulo: Thomson Pioneira, 2011.
BENSENOR I, LOTUFO P. Epidemiologia: abordagem prática. São Paulo: Sarvier, 2011.

Bibliografia Complementar:

FLETCHER RH, FLETCHER SW, WAGNER EH. Epidemiologia clínica: elementos essenciais, 15ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
HULLEY SB, CUMMINGS SR, BROWNER WS, GRADY D, NEWMAN TB. Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica, 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.
MEDRONHO RA, CARVALHO DMD, BLOCH KV, LUIZ RR, WERNECK GL. Epidemiologia. 2ª ed. São Paulo: Atheneu, 2008.
ROUQUAYROL, M. Z.; ALMEIDA FILHO, N. Introdução à epidemiologia. 4. ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 2006.
PEREIRA, M. G. Epidemiologia: teoria e prática. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2002.

BASES PARA O CUIDAR DO INDIVÍDUO E DA FAMÍLIA I

Ementa: Teorias de Enfermagem. Processo de Enfermagem: entrevista para coleta de dados de indivíduos e famílias, semiologia e semiotécnica (adulto e idoso), raciocínio clínico, processo diagnóstico. Taxonomias para Classificação da Prática de Enfermagem. Taxonomias de Diagnósticos de Enfermagem.

Bibliografia Básica:

CONOVER, Mary Boudreau; TILKIAN, Ara G Entendendo os sons e sopros cardíacos com uma introdução aos sons pulmonares 4. ed. - São Paulo: Roca, 2004.
FISCHBACH, Frances Talaska Manual de enfermagem Exames Laboratoriais & diagnósticos, 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2005. 677 p.
LEAHEY, Maureen; WRIGHT, Lorraine M. Enfermeiras e famílias um guia para avaliação e intervenção na família 4. ed. - Rio de Janeiro: Roca, 2009.
NORTH AMERICAN NURSING DIAGNOSIS ASSOCIATION (org). Diagnósticos de Enfermagem da NANDA definições e classificação, 2012-2014 Porto Alegre: ARTMED, 2013. 606 p.
PORTO, Celmo Celso Exame clínico bases para a prática médica 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. 508 p.
SZILAGYI, Peter G; BICKLEY, Lynn S Bates propedêutica médica 10. ed. - Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

Bibliografia Complementar:

AME. Dicionário de Administração de Medicamentos na Enfermagem. RJ: EPUB, 2013.
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA. SUS – o que você precisa saber sobre o Sistema Único de Saúde. V. 1. São Paulo, 2002.
BATISTA, P. S. S.; COSTA, S. F. G. Ética no cuidar em Enfermagem. João Pessoa. Idéia, 2002.
COSTA, EMA, CARBONE, M. H. Saúde da Família: uma abordagem interdisciplinar. Rio de Janeiro: Rubio Ltda, 2004.
FIGUEIREDO, N. M. A. Ensinando o cuidar em saúde pública. São Caetano do Sul – SP: Yenelis, 2005.
FONTINELLE Jr., K. Ética e bioética em Enfermagem. Goiânia: AB, 2000.
JARVIS, P. Exame Físico e Avaliação de Saúde para Enfermagem, 6 ed, 2012.
LEFEVRE, R. A. Aplicação do processo de enfermagem. Porto Alegre: artmed, 2004.
OGUISSO, T. (Org.). Trajetória histórica e legal da enfermagem. Manole, 2005 Barueri, SP.

POTTER, P; PERRY, A.G; HALL, AM; STOCHERT, P.A. Fundamentos de Enfermagem, 8 ed. 2013.
MONTEFUSCO SRA, BACHION MM, NAKATANI AYK. Avaliação de famílias no contexto hospitalar: uma aproximação entre o modelo Calgary e a taxonomia da NANDA. Texto contexto - enferm. [periódico na Internet]. 2008 Mar [citado 2009, Ago 14]; 17(1): 72-80. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-.
WALDOW, V.R. Estratégias de Ensino na Enfermagem: enfoque no cuidado e no pensamento crítico. Petrópolis: Vozes, 2005.

FISIOLOGIA

Ementa: Fisiologia celular e líquidos orgânicos. Estudo dos sistemas nervoso, músculo-esquelético, cardiocirculatório, respiratório, gastrointestinal, urinário, endócrino e reprodutor. Sentidos especiais.

Bibliografia Básica:

CONSTANZO, Ed. Elsevier. *Fisiologia*, 3ª ed. 2007.
BERNE; LEVY. *Fisiologia*. 4ª ed. Guanabara, 2000.
GUYTON, A. C. *Tratado de Fisiologia Médica*. Ed. Guanabara, 11ª edição, 2006.
GUYTON, A.r C. *Fisiologia Humana e Mecanismos das Doenças*. 6 ed. Guanabara, 1998.

Bibliografia Complementar:

BERNE, R. M.; LEVY, M. N. *Fisiologia*. 2. ed. São Paulo, Elsevier, 2004.
AIRES, M. M. *Fisiologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
GANON, W. G. *Fisiologia médica*. 22. ed. Rio de Janeiro: Mc Graw Hill, 2006.
SILBERNAGL, S. *Fisiologia: Texto e atlas*. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
SILVERTHORN, D. U. *Fisiologia humana: uma abordagem integrada*. 2. ed. São Paulo: Manole, 2003.

IMUNOLOGIA

Ementa: Sistema imune: funções, células e tecidos. Imunoglobulinas. Complexo principal de histocompatibilidade. Receptor de célula T. Sistema complemento. Reações antígeno-anticorpo. Hipersensibilidade. Regulação da resposta imune. Imunohematologia. Imunologia das parasitoses. Doenças auto-imunes. Imunoprofilaxia. Testes intradérmicos. Coleta, conservação e transporte de materiais de exames.

Bibliografia Básica:

ABBAS; LICHTMAN. *Imunologia Celular e Molecular*, 8 ed, Ed. Revinter, 2015.
JANEWAY; TRAVERS; WALPORT; SHLOMCHIK. *Imunobiologia*, 7 ed. 2010.
ABBAS & LICHTMAN. *Imunologia celular e molecular*, 5ª Edição, Ed. Revinter, 2005.

Bibliografia Complementar:

ROITT; DELVES. *Fundamentos de Imunologia*, 11 ed, Guanabara Koogan.
CALICH, V; VAZ, C. *Imunologia*. Revinter, 2008.
ABBAS, ABUL K. *Imunologia básica: funções e distúrbios do sistema imunológico*. 4 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
PAHAM, P. *O Sistema Imune*. Porto Alegre: ArtMed, 3 ed, 2011.
MURPHY, K.; TRAVERS, P.; WALPORT, M. *Imunobiologia de Janeway*. Porto Alegre: ArtMed, 7 ed. 2010.
DELVES, P.J.; ROITT, I.M. *Fundamentos de Imunologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 10 ed, 2010.

MICROBIOLOGIA

Ementa: Estudo da morfologia, citologia e fisiologia dos microrganismos. Relação entre microrganismos e infecções humanas. Microbiota humana e nosocomial. Coleta, conservação e transporte de materiais.

Bibliografia Básica:

JAWETZ, MELNICK & ADELBERG (Brooks, G; Butel, J.S.; Morse, S.A). – *Microbiologia Médica – 22ª edição*, McGraw-Hill Interamericana do Brasil, 2005.
KONEMAN, E. W. et al. - *Diagnóstico Microbiológico: Texto e Atlas Colorido - 6ª edição*, Editora Medsi, 2008.
MURRAY, P. R.; PFALLER, M. A.; ROSENTHAL, K. S. – *Microbiologia Médica - 5ª edição*, Editora Elsevier Editora, 2006.
TAVARES, W. - *Manual de Antibióticos e Quimioterápicos Antiinfeciosos – 3ª edição*, Editora Atheneu, 2002.
TORTORA, G.J.; FUNKE, B.R.; CASE, C.L. – *Microbiologia – 7ª edição*, Editora Artmed, 2006.
TRABULSI, L.R.; ALTHERTUM, F – *Microbiologia – 4ª edição*, Editora Atheneu, 2005.

Bibliografia Complementar:

ANAISSE, EJ, MCGINNIS, MR, PFALLER, MA. *Clinical Mycology*, third edition pp. 366-367, 2009.
LACAZ, C. S; PORTO, E; MARTINS, J. E. C.; VACCARI, E. M. H.; MELO, N. T. *Tratado de Micologia médica*. Savier Editora, 2002.
MENDES, C. M. F.; OPLUSTIL, C. P.; ZOCCOLI C. M.; SINTO, S. I. - *Microbiologia Clínica: 156 perguntas e respostas –Sarvier Editora*, 2005.

ROSSI, F.; ANDREAZZI, D. B. – Resistência Bacteriana: Interpretando o Antibiograma. Editora Atheneu, 2005.

SANTOS, N.S.; ROMANOS, M.T.V.; WIGG, M. D. - Introdução à Virologia Humana, 1 edição, Editora Guanabara Koogan, 2004.

SIDRIM, J. J. C.; ROCHA, M. F. G. - Micologia Médica à luz de autores contemporâneos. Editora Guanabara Koogan, 2006.

BASES PARA O CUIDAR DO INDIVÍDUO E DA FAMÍLIA II

Ementa: Processo de enfermagem: planejamento, implementação e avaliação da assistência de enfermagem ao indivíduo adulto, idoso e família com alterações de saúde de baixa e média complexidade. Classificação de Intervenções e de Resultados de Enfermagem.

Bibliografia Básica:

PERRY, Anne G; POTTER, Patricia A Fundamentos de enfermagem 7ª ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

TIMBY, Barbara Kuhn Enfermagem médico-cirúrgica 8ª ed Barueri: Manole, 2005.

SILVA, Roberto Carlos Lyra da; FIGUEIREDO, Nélia Maria Almeida de; MEIRELES, Isabella Barbosa Feridas fundamentos e atualizações em enfermagem 2 ed. rev. e ampl. - São Caetano do Sul: YENDIS, 2007.

LILLIS, Carol; LEMONE, Priscilla; TAYLOR, Carol Fundamentos de enfermagem arte e a ciência do cuidado de enfermagem 5 ed. - Porto Alegre: ARTMED, 2007.

DIAGNÓSTICOS de enfermagem da NANDA definições e classificação, 2012-2014 Porto Alegre: ARTMED, 2013.

CARPENITO-MOYET, Lynda Juall Diagnósticos de enfermagem: aplicação a prática clínica 11ª ed. - Porto Alegre: ARTMED, 2009.

DEALEY, Carol Cuidando de feridas um guia para as enfermeiras 3 ed. - Sao Paulo: Atheneu, 2008.

SILVA, Roberto Carlos Lyra da; FIGUEREDO, Nélia Maria Almeida de; MEIRELES, Isabella Barbosa Feridas fundamentos e atualizações em enfermagem. 2 ed. rev. e ampl. - São Caetano do Sul: Yedis, 2007.

GOLDENZWAIG, Nelma Rodrigues Soares Choiet Administração de medicamentos na Enfermagem. 9ª ed., rev. e atual. (2010). – Rio.

JOHNSON, Marion; MOORHEAD, Sue Classificação dos resultados de enfermagem (NOC) 4ª ed. - Porto Alegre: ARTMED, 2010.

BULECHEK, Gloria M. Classificação das intervenções de enfermagem (NIC) 5 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

COSTA, Maria Teresinha Ferreira; ROSA, Solange Cristina Denzin; GALANTE, Fatima Ap. B. Alves Procedimentos básicos em enfermagem Campinas, SP: Komedi, 2009.

Bibliografia Complementar:

SILVA, M T; SILVA, S R L. Manual de Procedimentos Para Estágio Em Enfermagem - 4ª Ed. 2013.

DOENGES, ME. Diagnósticos de enfermagem: Intervenções, prioridades e fundamentos. 12ª edição, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

BORGES, Eliane Lima. Feridas: úlceras dos membros inferiores. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

LEAHEY, Maureen; WRIGHT, Lorraine M. Enfermeiras e famílias um guia para avaliação e intervenção na família 4 ed. Rio de Janeiro: Roca, 2009.

TANNURE M.C.; PINHEIRO A. M. SAE Sistematização da Assistência de Enfermagem: Guia Prático. 2ª edição, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

PROCESSAMENTO DE PRODUTOS PARA A SAÚDE

Ementa: Processamento de Produtos Para a Saúde: estrutura física, recursos materiais, métodos, fluxo, etapas operacionais, indicadores de qualidade, recursos humanos, gestão e logística do processo de trabalho, riscos ocupacionais envolvidos e medidas de biossegurança individual e coletiva.

Bibliografia Básica:

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENFERMEIROS DE CENTRO CIRÚRGICO, RECUPERAÇÃO ANESTÉSICA E CENTRO DE MATERIAL E ESTERILIZAÇÃO-SOBECC, Práticas Recomendadas da SOBECC: Centro Cirúrgico, Recuperação Anestésica e Centro de Material e Esterilização. 5.ed. São Paulo, 2009.

FERNANDES, AT; FERNANDES, MOV; RIBEIRO FILHO, N. Infecção Hospitalar e suas interfaces na área da saúde. Rio de Janeiro. Atheneu, 2000.

LACERDA, R.A. Controle de infecção em centro cirúrgico: fatos, mitos e controvérsias. São Paulo: Atheneu, 2003.

Bibliografia Complementar:

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Resolução de Diretoria Colegiada - RDC nº 15, de 19 de março de 2012. Dispõe sobre requisitos de boas práticas para o processamento de produtos para saúde e dá outras providências. Brasília, 2012. DOU Nº 54, de 19 de março de 2012. Disponível em: <http://www20.anvisa.gov.br/segurancadopaciente/index.php/legislacao/item/rdc-15-de-15-de-marco-de-2012>.

_____. Resolução de Diretoria Colegiada - RDC nº 55, de 21 de novembro de 2012. Dispõe sobre os detergentes enzimáticos de uso restrito em estabelecimentos de assistência à saúde com indicação para limpeza de dispositivos médicos e dá outras providências. Brasília, 2012. DOU Nº 224, de 21 de novembro de 2012. Disponível em: http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/5b22ac004d9a646fb63ff7c116238c3b/27+de-novembro+RDC+55_2012+-+Detergentes+Enzimaticos.pdf?MOD=AJPERES.

ANDERS, P.S.; TIPPLE, A.F.V.; PIMENTA, F.C. Kit para aerossol em um serviço de saúde: Uma análise microbiológica após processamento. Rev. da Escola de Enfermagem da USP. v.42, n.02, p.276 – 281, 2008.

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE ESTUDOS E CONTROLE DE INFECÇÃO HOSPITALAR – APECIH. Limpeza, desinfecção e esterilização de artigos em serviços de saúde. 1ª Ed., São Paulo - SP, 2010.

ASSOCIATION OF PERIOPERATIVE REGISTERED NURSES. Perioperative standards and recommended practices: recommended practices for selection and use of packaging systems for sterilization. Denver (US): AORN; 2013. Disponível em: <http://www.guideline.gov/content.aspx?id=47824>.

CANDÉ, T.A., TIPPLE, A.F.V., MENDONÇA, K.M., SOUZA, A.C.S., MIRANDA, P.V., PIMENTA, F. C. Influência da limpeza na esterilidade de tubos de silicone: estudo quase-experimental. OBJN Vol. 10, N. 3, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução COFEN 424, de 19 de abril de 2012. Normatiza as atribuições de enfermagem e esterilização e empresas processadoras de produtos para saúde. DOU Nº 78, de 23 de abril de 2012. Disponível em: ftp://ftp.saude.sp.gov.br/ftpsssp/bibliote/informe_eletronico/2012/iels.abr.12/Iels77/U_RS-COFEN-424_190412.pdf.

FUSCO, S. F. B.; SPIRI, W. C. Análise dos indicadores de qualidade de centros de material e esterilização de hospitais públicos acreditados. Texto Contexto Enferm, v. 23, n. 2, p. 426-433, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072014000200426&lng=en&nrm=iso&tlng=en.

FREITAS, L.R. et al. Embalagem de tecido de algodão: análise do uso em hospitais de médio e grande porte. Rev. Eletr. Enf, v.14, n.4, p.811-20, 2012.

FREITAS, L. R. et al. (Des) cuidado com produtos para saúde processados no transporte e armazenamento em unidades de internação. Texto Contexto Enferm, v. 24, n. 1, p. 253-262, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072015000100253&lng=en&nrm=iso&tlng=en.

GRAZIANO, K.U.; SILVA, A.; PSALTIKIDIS (ORG). Enfermagem em Centro de Material e Esterilização. Barueri: Manole, 2011. 417p.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Informe Técnico nº 01/09: Princípios básicos para limpeza de instrumental cirúrgico em serviços de saúde. DOU. Brasília, 2009: ANVISA. Disponível em: http://www.anvisa.gov.br/servicosaude/controlo/Alertas/2009/informe_tecnico_1.pdf.

_____. Resolução de Diretoria Colegiada - RDC nº 8, de 27 de fevereiro de 2009. DOU Nº 40, 02 de março de 2009. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www20.anvisa.gov.br/segurancadopaciente/index.php/legislacao/item/rdc-8-de-27-de-fevereiro-de-2009>.

TIPPLE, A.F.V. et al. O monitoramento de processos físicos de esterilização em hospitais do interior do estado de Goiás. Rev. esc. enferm. USP. v.45, n.3, p. 751-757, 2011.

TIPPLE, A.F.V. et al. Equipamentos de proteção em centros de material e esterilização: disponibilidade, uso e fatores intervenientes à adesão. Rev. Ciências, cuidado e saúde, v.06 n.04, p. 441-48, 2007.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENFERMEIROS DE CENTRO CIRÚRGICO, RECUPERAÇÃO ANESTÉSICA E CENTRO DE MATERIAL E ESTERILIZAÇÃO-SOBECC, Práticas Recomendadas da SOBECC: Centro Cirúrgico, Recuperação Anestésica e Centro de Material e Esterilização. 6.ed. São Paulo, 2013. p1-111.

FARMACOLOGIA BÁSICA

Ementa: Fundamentos de farmacologia tratando da farmacocinética e farmacodinâmica das drogas de modo geral. Neurotransmissão periférica e central. Abordagem farmacológica de pacientes especiais: idosos, gestantes, neonatos, cardiopatas, nefropatas e hepatopatas. Uso racional de medicamentos.

Bibliografia Básica:

SILVA, P. *Farmacologia* - 6ª edição - Ed. Guanabara Koogan, 2002.

RANG, H. P. ; DALE, M.M..*Farmacologia*, 5ª edição. Ed. Elsevier, 2004.

KATZUNG, B. G. *Farmacologia Básica e Clínica* – 8ª edição. Ed. Guanabara Koogan, 2002.

Bibliografia Complementar:

ASPERHEIM, M. K. *Farmacologia para enfermagem*. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

BRUNTON, L. L.; LAZO, J. S.; PARKER, K. L. GOODMAN & GILMAN. *As bases farmacológicas da terapêutica*. 11. ed. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 2006.

FUCHS, F. D. *Farmacologia clínica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

KATZUNG, B. G. *Farmacologia básica e clínica*. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

RANG, H. P.; DALE, M. M.; RITTER, J. M.; MOORE, P.K. *Farmacologia*. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

PATOLOGIA

Ementa: Causas, mecanismos básicos, características morfológicas (macro e microscópicas), evolução e conseqüências dos processos patológicos gerais associados às doenças. Repercussões funcionais e conseqüências dos processos patológicos gerais sobre as células, tecidos, órgãos e sistemas.

Bibliografia Básica:

BRASILEIRO FILHO G. BOGLIOLO. *Patologia Geral*. 3a edição. Editora Guanabara Koogan S.^a, Rio de Janeiro, RJ, 2004.

MONTENEGRO MR & FRANCO – *Patologia. Processos Gerais*. 3a. Edição. Livraria Atheneu Editora, São Paulo, SP, 1992.

RUBIN E, FARBER JL. *Patologia*. 4a. Edição. Editora Guanabara Koogan S.^a, Rio de Janeiro, RJ, 2006.

Bibliografia Complementar:

KIERSZENBAUM, A. L. *Histologia e biologia: uma introdução à patologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

MONTENEGRO, M. R.; FRANCO, M. *Patologia Processos Gerais*. 4. ed. São Paulo: Atheneu, 2004.

ROBBINS, S. L. *Patologia Estrutural e Funcional*. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

STEVEN, A.; LOWE, J. *Patologia*. 2. ed. São Paulo: Manole, 2002.

COTRAN, S. R. et al. *Patologia Estrutural e Funcional*. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

RUBIN, E.; FARBER, J. L. *Patologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

PARASITOLOGIA

Ementa: Ambiente e relação parasita-hospedeiro. Distribuição epidemiológica e geográfica de parasitas do homem. Biomorfologia, cadeia epidemiológica, patogenia, diagnóstico clínico-laboratorial, profilaxia, controle, tratamento de endemias parasitárias. Sistemática zoológica. Protozoários, helmintos, moluscos e artrópodes de relevância epidemiológica. Coleta, conservação e transporte de materiais de exame.

Bibliografia Básica:

REY, L. *Parasitologia*. Editora Guanabara Koogan, 2^a Ed. Rio de Janeiro, Brasil, 1991.

FERREIRA, A. W.; ÁVILA, SANDRA L. M.. *Diagnóstico Laboratorial*. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1996.

NEVES, DAVID P. ET AL.. *Parasitologia Humana*. Ed. Atheneu, 9^a Ed. S. Paulo, Brasil, 1995.

Bibliografia Complementar:

SANTOS, LIV., *Procedimentos Laboratoriais Em Parasitologia Humana*. OMS.1^a Ed. S. Paulo, Brasil, 1994.

HEINZ MEHLHORN. SPRINGER VERLAG, BERLIN, GERMANY, *Parasitology In Focus*. 1988.

ZAMAN, V. Panamericana Editorial Médica. *Atlas Color De Parasitologia Clínica* Ed. Buenos Aires, Argentina, 1993.

AMATO NETO, V.; BALDY, J.L.S. Ed. Sarvier, *Doenças transmissíveis*. 3^a Ed. S. Paulo, 1989.

LEVENTHAL R.; CHEADLE R. *Parasitologia Médica: Texto & Atlas* Editorial Premier, 4^a Ed. S.Paulo, Brasil, 1997.

ENFERMAGEM CLÍNICA

Ementa: Análise das condições de vida e saúde do adulto e idoso com relação aos aspectos biopsicosociais e epidemiológicos. Metodologia da assistência de enfermagem aplicada ao adulto e ao idoso portador de doenças crônico-degenerativas em tratamento clínico no ambiente hospitalar. Nutrição enteral e parenteral. Atuação de enfermagem em procedimentos e métodos diagnósticos. Organização e funcionamento de unidade de clínica geral.

Bibliografia Básica:

BARROS, Alba Lucia Botura Leite de Anamnese e exame físico. Avaliação diagnóstica de enfermagem no adulto 2.ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010. xv, 440, il., retrs., graf., tabs. Inclui bibliografia e índice. ISBN 9788536321035.

BICKLEY, Lynn S. Bates, propedêutica medica essencial. Avaliação clínica/anamnese/exame clinico 6. ed Rio de janeiro: Guanabara Koogan, 2011. 451 p., il. Inclui índice ISBN 9788527716796 (Broch.).

BULECHEK, Gloria M. Classificação das intervenções de enfermagem (NIC) 5.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. 901 p. Inclui bibliografia e índice ISBN 8573078197 (broch.).

DIAGNÓSTICOS de enfermagem da NANDA definições e classificação, 2012-2014 Porto Alegre: ARTMED, 2013. 606 p., il. Inclui bibliografia e índice. ISBN 9788565852104 (broch.).

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de (Org.) Diagnóstico de enfermagem adaptando a taxionomia à realidade 2. ed. - Sao Caetano Do Sul, SP: Yendis Ed., 2009. xviii, 174 p., il. ISBN 9788577281350 (broch.).

GAIDZINSKI, Raquel Rapone Diagnóstico de enfermagem na prática clínica Porto Alegre: ARTMED, 2008. xvii, 368 p., 25 cm. -. (Biblioteca ARTMED) ISBN 9788536311807 (broch.).

GONÇALVES, Ana Maria Pinheiro; TANNURE, Meire Chucre SAE - Sistematização da assistência de enfermagem guia prático Rio de Janeiro: LAB: Guanabara Koogan, 2008. 168 p., il. Inclui bibliografia e índice. ISBN 9788527713719 (broch.).

JOHNSON, Marion Ligações entre NANDA, NOC e NIC diagnósticos, resultados e intervenções de enfermagem 2.ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006. 506 p., 25 cm. Inclui índice. ISBN 9788536317694 (broch.).
JOHNSON, Marion; MOORHEAD, Sue Classificação dos resultados de enfermagem (NOC) 4. ed. - Porto Alegre: ARTMED, 2010. xxvii, 906 p. ISBN 978853523435 (Broch.).
PEDROSO, José Luiz; LOPES, Antonio Carlos (Org.). Do sintoma ao diagnóstico baseado em casos clínicos São Paulo: Roca, 2012. xxvii, 612p., il. (algumas col.). Inclui bibliografia e índice ISBN 9788541200745 (enc.).
PORTO, Celmo Celso (Ed.); PORTO, Arnaldo Lemos Exame clínico Porto & Porto 7. ed. - Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. xxi, 522 p., il. (algumas col.). Inclui bibliografia e índice. ISBN 9788527720694 (broch.).
SUDDARTH, Doris Smith; SMELTZER, Suzanne C; BRUNNER, Lillian Sholtis Tratado de enfermagem médico-cirúrgica 12. ed. - Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014. 2 v., il. Inclui bibliografia e índice. ISBN 9788527718394 (enc.).

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: princípios e diretrizes / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas – Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 92 p. : il. – (Série B. Textos Básicos de Saúde).
CERULLO JASB, CRUZ DALM. Clinical reasoning and critical thinking: [review]. Rev Latinoam Enferm. 2010;18(1):124-9.
CERULLO, JOSINETE APARECIDA DA SILVA BASTOS; CRUZ, DINÁ DE ALMEIDA LOPES MONTEIRO DA. Raciocínio clínico e pensamento crítico. Rev. Latino-Am. Enfermagem. Ribeirão Preto. 2010; 18(1):07-16.
LEE J, CHAN ACM, PHILLIPS DR. Diagnostic practise in nursing: a critical review of the literature. Nurs Health Sci 2006; 8:57-65.
MATOS, MA. Protocolo de Enfermagem na Atenção à Saúde do Homem. Protocolo de Enfermagem na Atenção Primária à Saúde no Estado de Goiás. Conselho Regional de Enfermagem – Seção Goiás. 336p.
MOURA, E. Perfil da situação de saúde do homem no Brasil. Erly Moura/ Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz - Instituto Fernandes Figueira, 2012. 128p.
PEREIRA, A. H; DIOGO, RC.S. Análise do raciocínio clínico do graduando em Enfermagem na aplicação da Sistematização da Assistência de Enfermagem. J Health Sci Inst. 2012;30(4):349-53.

ENFERMAGEM EM DOENÇAS INFECCIOSAS

Ementa: Doenças infecciosas prevalentes em nossa região e país. Metodologia da assistência de enfermagem aplicada a pessoas com doenças infecciosas. Profilaxia das infecções por topografia: acesso vascular, sistema urinário e respiratório. Atuação da enfermagem em procedimentos e métodos diagnósticos.

Bibliografia Básica:

BRITO CAA et al. Condutas em doenças infecciosas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2004.
Ferreira AW, Moraes SL. Diagnóstico laboratorial das principais doenças infecciosas e autoimunes: correlações clínico-laboratoriais. 3. ed. Rio de Janeiro.: Guanabara Koogan; 2013.

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Doenças Infecciosas e parasitárias: guia de bolso. 8a. Ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
Brasil. Manual de Normas e procedimentos para vacinação. Brasília: Ministério da Saúde: Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças Transmissíveis. Brasília, DF. 2014. Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/manual_procedimentos_vacinacao.pdf.
BRASIL. Manual de Diagnóstico e Tratamento de Acidentes por Animais Peçonhentos. 2ª ed. Brasília: Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde; 2001. Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/funasa/manu_peconhentos.pdf.
BRASIL. Atlas de Leishmaniose Tegumentar Americana. Diagnósticos Clínico e Diferencial. Brasília: Ministério da Saúde; 2006.
Brasil. Manual de Vigilância e Controle da Leishmaniose Visceral. Brasília: Ministério da Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica; 2006. Disponível em: http://portal.sau.gov.br/portal/arquivos/pdf/manual_leish_visceral2006.pdf.
BRASIL. Dengue. Diagnóstico e Manejo clínico. Adultos e Crianças. A S, editor. Brasília: Ministério da Saúde; 2007.
BRASIL. Dengue. Manual de Enfermagem. Adulto e Criança. A S, editor. Brasília: Ministério da Saúde; 2008.
BRASIL. Hepatites virais: o Brasil está atento. 3 ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2008. 60 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde). Disponível em: http://portal.sau.gov.br/portal/arquivos/pdf/brasil_atento_3web.pdf.
BRASIL. Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional - Diretrizes para o enfrentamento à pandemia de influenza A (H1N1): Ações da atenção primária à saúde ESPII Ministério da Saúde; 2009. p. 36.
Brasil. Doenças Infecciosas e Parasitárias. Guia de bolso. 8 ed. B S, editor. Brasília: Ministério da Saúde. SVS. Dpto de Vig. Epidemiológica; 2010.

BRASIL. Síntese das principais modificações das recomendações de terapia antirretroviral para adultos vivendo com HIV/aids no Brasil. Brasília, Ministério da Saúde; 2012. Disponível em: http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2013/52934/sintese_das_principais_mudancas_85705.pdf.

BRASIL. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para adultos vivendo com HIV/aids. Versão preliminar. Brasília. Ministério da Saúde; 2013. Disponível em: http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2013/52934/versao_preliminar_consenso_adulto_final_com_equipe_19416.pdf.

FONSECA JCF. Histórico das hepatites virais. Revista Sociedade Brasileira de Medicina Tropical 2010; 43:322-30.

TAVARES W, Marinho LAC. Rotinas de diagnóstico e tratamento das doenças infecciosas e parasitárias: Ed. Atheneu; 2005.

SAÚDE MENTAL

Ementa: O homem e suas relações. A construção da dimensão pessoal do enfermeiro - autoestima e autoimagem. Instrumentos básicos do cuidar: comunicação, observação, criatividade, concepções do trabalho em grupo / equipe, relacionamento interpessoal. Bases das intervenções de saúde mental na prática em saúde.

Bibliografia Básica:

ATKINSON LD, MURRAY ME. Fundamentos de Enfermagem: introdução ao processo de Enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1989.

CIANCIARULLO, T.I. Instrumentos básicos para o cuidar - um desafio para a qualidade de assistência. São Paulo: Atheneu, 1996.

MALDONADO, MT; CANELLA, P. Recursos de relacionamento para profissionais de saúde. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso Editores, 2003.

MIRANDA, C. F. M.; MIRANDA, M. L. Construindo a relação de ajuda. 10 Ed. Belo Horizonte, Crescer, 1996.

RODRIGUES, A. R. F. Enfermagem Psiquiátrica: saúde mental - prevenção e intervenção. São Paulo. EPU, 1996.

SILVA, M. J. Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. São Paulo, Ed. Gente, 1996.

TAYLOR, C. M. Fundamentos de Enfermagem Psiquiátrica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

Bibliografia Complementar:

BENJAMIN A. A entrevista de ajuda. São Paulo (SP): Martins Fontes; 11ª edição. 2004.

BORGES, L.R. et al. Atendimento à crise psíquica no pronto-socorro: visão de profissionais de enfermagem. Rev. Gaúcha Enferm. Porto Alegre , v. 33, n. 3, p. 27-33, Sept. 2012.

BRAGA, E. M.; SILVA, M. P. Comunicação competente: visão de enfermeiros especialistas em comunicação. Acta paul. enferm. São Paulo , v. 20, n. 4, p. 410-414, 2007.

FELDMAN, C. Encontro: uma abordagem humanista. Belo Horizonte: Crescer, 2006.

FORMOZO, G.A. et al. As relações interpessoais no cuidado em saúde: uma aproximação ao problema. Rev. Enf. UERJ. Rio de Janeiro, v. 20, n.1, p. 124-7, 2012.

LEONI, M. G. Autoconhecimento do enfermeiro: instrumento nas relações terapêuticas e na gestão/gerência em enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

MAYNART, W. H. C. et al. A escuta qualificada e o acolhimento na atenção psicossocial. Acta paul. enferm. São Paulo , v. 27, n. 4, p. 300-304, Aug. 2014.

MORAIS, G. S. N. et al. Comunicação como instrumento básico no cuidar humanizado em enfermagem ao paciente hospitalizado. Acta paul. enferm., São Paulo , v. 22, n. 3, p. 323-327, 2009.

OLIVEIRA, R.M. FUREGATO, A.R.F. Relação de ajuda com paciente psiquiátrico: além do paradigma médico. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.). Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, 2012.

PONTES, A. C.; LEITAO, I. M. T. A.; RAMOS, I. C. Comunicação terapêutica em Enfermagem: instrumento essencial do cuidado. Rev. bras. enferm., Brasília , v. 61, n. 3, p. 312-318, 2008.

RIBEIRO, A. A. A.; BORENSTEIN, M. S. A percepção dos formandos a respeito dos instrumentos básicos de enfermagem e sua aplicabilidade. Rev. bras. enferm., Brasília , v. 58, n. 6, p. 653-658, Dec. 2005.

TAYLOR, C. R.; LILLIS, C.; LEMONE, P.; LYNN, P. Fundamentos de enfermagem: a arte e a ciência do cuidado de enfermagem. In: _____. Autoconceito 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Cap. 41. p. 1522-1549.

VIGILÂNCIA À SAÚDE

Ementa: Vigilância Epidemiológica. Vigilância Sanitária. Vigilância ambiental. Política de Educação Ambiental e sanitária. Territorialização. Dinâmica da população. Diagnóstico de Saúde da comunidade e a diversidade racial.

Bibliografia Básica:

JEKEL, J.F.; KATZ, D.L.; ELMORE, J.G. Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva. 2a.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BENSENOR I.; LOTUFO P. Epidemiologia: abordagem prática. São Paulo: Sarvier, 2011.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Agenda regulatória: Biênio 2013-2014 [Brasília (DF)], 2014. 242p.

Mendes, E.V.(Org). A Vigilância à saúde no distrito sanitário. Brasília: OPAS, 1993. 104p.

Bibliografia Complementar:

- BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Guia de vigilância epidemiológica. Série A: Normas e manuais técnicos 7ªed. Brasília: 2009. 815p.
- GERMANO, M.I.S.; GERMANO, P.M.L. Higiene e vigilância sanitária de alimentos qualidade das matérias-primas, doenças transmitidas por alimentos, treinamento de recursos humanos. 5ª. ed., rev. e atual. São Paulo: Manole, 2015. 1077p.
- VIEIRA, J.L. Legislação sanitária federal básica. Série legislação. Bauru: EDIPRO, 2008. 568p.
- SOLLA, J.P.; TEIXEIRA, C.F. Modelo de atenção à saúde: promoção, vigilância e saúde da família Salvador: UFBA, 2006. 237 p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Questões atuais de direito sanitário. Série E. Legislação de saúde. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006. 202 p.
- SOUTO, A.C. Saúde e política da vigilância sanitária no Brasil 1976-1994. São Paulo: Sociedade Brasileira de Vigilância de Medicamentos; Brasília: OPAS, 2004. 227 p.
- BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Vigilância em saúde. Coleção Progestores: Para entender a gestão do SUS. Brasília: CONASS, 2007. 278p.
- PAPINI, S. Vigilância em saúde ambiental uma nova área da ecologia 2ª ed. São Paulo: Atheneu, 2012. 204p.
- MARQUES, M.C.C. VISA: da gestão ao risco sanitário São Carlos: RiMa, 2006. 214 p.

FARMACOLOGIA APLICADA

Ementa: Farmacologia da dor. Farmacologia cardiovascular e renal. Antimicrobianos. Drogas que atuam no sistema nervoso central e dependência química. Mecanismo de ação dos fármacos, efeitos terapêuticos e adversos, interações medicamentosas e características farmacocinéticas das drogas.

Bibliografia Básica:

- RANG, H.P., DALE, M.M. RITTER, J. M. *Farmacologia*, 5 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- KATZUNG, G.B. *Farmacologia Básica e Clínica*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 2003.
- SILVA, PENILDON. *Farmacologia*. 7 ed, Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2002.

Bibliografia Complementar:

- ASPERHEIM, M. K. Farmacologia para enfermagem. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- BRUNTON, L. L.; LAZO, J. S.; PARKER, K. L. GOODMAN & GILMAN. As bases farmacológicas da terapêutica. 11. ed. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 2006.
- FUCHS, F. D. Farmacologia clínica. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- KATZUNG, B. G. Farmacologia básica e clínica. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- RANG, H. P.; DALE, M. M.; RITTER, J. M.; MOORE, P.K. Farmacologia. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- DESTRUIT, A. B. C. B.; SILVA, P. Farmacologia. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006.
- TAVARES, J. C. Microbiologia e farmacologia simplificada. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.
- ZANINI, A. C.; OGA, S. Interações Medicamentosas. 1. ed. São Roque: Atheneu, 2002.

NUTRIÇÃO

Ementa: Conceitos básicos em alimentação e nutrição. Hábitos e práticas alimentares. Necessidades e recomendações nos diferentes ciclos da vida. Macro e micronutrientes - função, fontes e recomendação. Segurança alimentar. Avaliação nutricional. Alimentação na promoção da saúde e prevenção de doenças. Dietas com consistência modificada. Dietoterapia nas doenças crônicas não transmissíveis. Nutrição enteral e parenteral.

Bibliografia Básica:

- BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Regulamento Técnico referente à informação Nutricional Complementar. Número 27, de 13 de janeiro de 1998. Diário Oficial da União, Brasília, 19 de janeiro de 1998a.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Regulamento Técnico para Fixação de Identidade e Qualidade de Alimentos para Fins Especiais. Número 29, de 13 de janeiro de 1998 (versão republicada – 30.03.1998). Diário oficial da União, Brasília, 30 de março de 1998.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Regulamento Técnico para Rotulagem Nutricional Obrigatória de Alimentos e Bebidas Embalados. Número 360, de 23 de dezembro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, 26 de dezembro de 2003.

Bibliografia Complementar:

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação – Geral da Política de Alimentação e Nutrição. Guia alimentar para a população brasileira: Promovendo a alimentação saudável/ Alimentação e Nutrição. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- DUTRA de OLIVEIRA, J.E, MARCHINI, D. Ciências Nutricionais. São Paulo: Sarvier, 1998. 403 p.

MAHAN. L. K.; ESCOTT-STUMP, S. *Alimentos, nutrição & dietoterapia*. 11. ed. São Paulo: Roca, 2005. 1242p.
PHILIPPI, S.T. *Nutrição e Técnica Dietética*. São Paulo: Manole, 2003. 390 p.
TIRAPEGUI, J. *Nutrição: fundamentos e aspectos atuais*. 1 ed. São Paulo: Atheneu, 2000. 284 p.

ENFERMAGEM CIRÚRGICA E CENTRO CIRÚRGICO

Ementa: Metodologia da assistência de enfermagem aplicada à pessoa adulta / idosa / cuidadores / acompanhantes no período perioperatório. Procedimentos especializados, diagnósticos e terapêuticos de enfermagem cirúrgica. Medidas de Segurança do paciente e profissional no âmbito cirúrgico. Organização e funcionamento de unidades cirúrgicas.

Bibliografia Básica:

BRUNNER; SUDDARTH. *Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica*. 12ª ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro. 2014.
POSSARI, J.F. *Centro cirúrgico planejamento, organização e gestão* 2ª ed. – São Paulo: Iátria, 2006. 308 p.
SANTOS, N. C. M. *Centro cirúrgico e os cuidados de enfermagem* 6ª ed. Rev Sao Paulo: Iátria, 2010. 184 p.
SAMAMA, G. *Enfermagem no centro cirúrgico* 2ª ed. São Paulo. Andrei, 2004.
SCHWARTZ. *Tratado de cirurgia*. 9ª ed. Rio de Janeiro. Revinter, 2013.
GOFFI. *Técnica cirúrgica. Bases anatômicas, fisiopatológicas e técnicas de cirurgia*. 4ª ed. São Paulo. Atheneu. 2007.
PERRY, A.G; POTTER, P.A. *Fundamentos de enfermagem*. 6ª Ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. V.2
DIAGNÓSTICOS de enfermagem da NANDA, definições e classificação, 2012-2014 Porto Alegre: ARTMED, 2013. 606 p.

Bibliografia Complementar:

SOBECC - Práticas Recomendadas SOBECC / Sociedade Brasileira de Enfermeiros de Centro Cirúrgico. *Recuperação Anestésica e Centro de Material e Esterilização*. 6. ed. São Paulo - SP: Manole, 2013.
OMS. *Segundo desafio global para a segurança do paciente: Manual - cirurgias seguras salvam vidas (orientações para cirurgia segura da OMS) / Rio de Janeiro: OPAS; Ministério da Saúde; ANVISA, 2009.*
BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Critérios Diagnósticos de Infecção relacionada à assistência à saúde*. 2013.

ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA

Ementa: As diferentes concepções de loucura e sua historicidade. Políticas públicas de saúde mental. Fundamentos da enfermagem psiquiátrica. Transtornos mentais. Dependências químicas. Estratégias de intervenção em saúde mental. A prática de saúde mental nos diversos espaços terapêuticos.

Bibliografia Básica:

DIEHL A, COREDEIRO DC, LARANJEIRA R. *Tratamento farmacológico para dependência química: da evidência científica à prática clínica*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
MELO IM. *Enfermagem psiquiátrica e de saúde mental na prática*. São Paulo: Atheneu, 2008.
TOWNSEND MC. *Enfermagem psiquiátrica: conceitos e cuidados*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

Bibliografia Complementar:

CAPLAN G. *Compêndio de Psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. 7ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
CHENIAUX JUNIOR E. *Manual de psicopatologia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
ESPINOSA, A. F. *Guias práticos de enfermagem: psiquiatria*. Rio de Janeiro: Mcgrawhill, 2002.
MARCOLAN JF. *Enfermagem em saúde mental e psiquiátrica: desafios e possibilidades do novo contexto do cuidar*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
NUNES P, BUENO R, NARDI A E. *Psiquiatria e saúde mental: conceitos clínicos e terapêuticos fundamentais*. São Paulo: Atheneu, 2005.
STEFANELLI, M. C.; FUNKUDA, I. M. K.; ARANTES, E. C. (Og.). *Enfermagem psiquiátrica em suas Dimensões assistenciais*. Barueri, São Paulo: Manole, 2008.
STUART GW, LARAIA MT. *Enfermagem psiquiátrica*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso Editores, 2002.
TEIXEIRA M B, MELLO IM, GRANDO LH, FRAIMAN DP. *Manual de enfermagem psiquiátrica*. São Paulo: Atheneu, 2001.

ENFERMAGEM EM CUIDADO CRÍTICO

Ementa: Planejamento, organização e funcionamento da unidade de emergência. Assistência de enfermagem sistematizada a pessoas e familiares em situação de emergência e em estado crítico. Atendimento hospitalar a vítimas de trauma. Aspectos éticos na assistência de enfermagem em emergência. Suporte emocional a pessoas e familiares em situações de emergências. Doação, captação e transplante de órgãos.

Bibliografia Básica:

BARROS, A. L. B. L et al. *Anamnese e exame físico: avaliação diagnóstica de enfermagem no adulto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2010.

CALIL, A.M.; PARANHOS, W.Y. O enfermeiro e as situações de emergência. 2. ed. São Paulo: Atheneu. 2010. 795p.

COMITÊ DO PHTLS DA NATIONAL ASSOCIATION OF EMERGENCY MEDICAL TECHNICIANS (NAEMT) EM COOPERAÇÃO COM O COMITÊ DE TRAUMA DO COLÉGIO AMERICANO DE CIRURGIÕES. Atendimento pré-hospitalar ao traumatizado PHTLS. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

GOMES, A. M. Enfermagem na unidade de terapia intensiva. 3. ed. rev. São Paulo: E.P.U., 2008.

KARREN, K. J.; HAFEN, B. Q.; LIMMER, D.; MISTOVICH, J. J. Primeiros socorros para estudantes. 10. ed. Barueri-SP: Manole, 2013.

OLIVEIRA, B. F. M.; PAROLIN, M.K.F.; TEIXEIRA Jr, E. V. Trauma: atendimento pré-hospitalar. 2.ed. São Paulo: Atheneu, 2008. 536p.

SAMPAIO, R. O.; RASSLAN, Z.; AKAMINE, N. Unidade de Primeiro Atendimento (UPA) do Hospital Israelita Albert Einstein. Condutas em emergência. São Paulo: Atheneu, 2014.

SANTOS, N. C. M. Urgência e emergência para enfermagem: do atendimento pré-hospitalar (APH) à sala de emergência. 6. ed. São Paulo: Iátria, 2011.

Bibliografia Complementar:

IRWIN, R. S.; LILLY, C. M.; RIPPE J. M. Irwin & Rippe - Manual de terapia intensiva [revisão técnica Maria de Fátima Azevedo]. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

MARTINS, H. S.; DAMASCENO, M. C. de T.; AWADA, S. B. Pronto-socorro: diagnóstico e tratamento em emergências. 2a ed. rev. e ampl. Barueri: Manole, 2008.

MARTINS, H. S.; BRANDÃO NETO, R. A.; SCALABRINI NETO, A.; VELASCO, I. T. Emergências clínicas - abordagem prática. 10. ed. Barueri (SP): Manole, 2015.

MORTON, P. G. et al. Cuidados críticos de enfermagem: uma abordagem holística. Rev. téc. Ivone Evangelista Cabral; trad. Ivone Evangelista Cabral, José Eduardo Ferreira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

Morton, P. G.; Fontaine, D. K. Fundamentos dos cuidados críticos em enfermagem: uma abordagem holística. Tradução Maiza Ritomy Ide. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

PADILLHA, K. et al. (orgs.) Enfermagem em UTI: cuidando do paciente crítico. Barueri (SP): Manole. 2010.

SANTOS, N. C. M. Urgência e emergência para a enfermagem: do atendimento pré-hospitalar APH à sala de emergência. 6a ed. São Paulo: Iátria, 2011.

TANNURE, M. C.; PINHEIRO, A. M. SAE - Sistematização da assistência de enfermagem - guia prático. 2.ed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

URDEN, L.; STACY, K. M.; LOUGH, M. E. Cuidados Intensivos de Enfermagem. 6. ed. Trad. de Maria Inês Corrêa et al. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

PSICOLOGIA APLICADA À ENFERMAGEM

Ementa: Introdução ao estudo da psicologia. O social e o biológico na determinação da condição humana. O desenvolvimento humano na perspectiva das teorias psicológicas. Características psicológicas das diferentes fases da vida humana, em seus diversos aspectos: emocional, social, cognitivo, sexual e psicológico. Relações interpessoais: enfermeiro, paciente e família.

Bibliografia Básica:

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

BRANCO, R. A relação com o paciente: teoria, ensino e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

TELES, M. Psicodinâmica do desenvolvimento humano. Petrópolis: Vozes, 2001.

Bibliografia Complementar:

CIAMPA, A.C. Identidade. In: Psicologia social: o homem em movimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

FILHO, Júlio Mello e col. Psicossomática hoje. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

RODRIGUES BRANCO, R.F.G. A Relação com o Paciente. Teoria, Ensino e Prática. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1a Ed. 2003.

LAJONQUIERE, L. de. De Piaget a Freud: para uma clínica do aprender. 15. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010. 327p.

ANGERAMI-CAMON, V. A. Psicologia hospitalar: teoria e prática. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2010.

SOCIOLOGIA

Ementa: O ser humano sob a perspectiva sociológica. Conjuntura nacional. Organização e dinâmica social. Sociedade e ciência. Poder. Política social e enfermagem. Representação social da doença e as diversidades do ambiente e da raça. Papel social da enfermagem. Políticas afirmativas para populações étnicas e específicas em educação. Diáspora. Racismo, discriminação e perspectiva didático-pedagógica de educação anti-racista.

Bibliografia Básica:

BECKER, H. M. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

DA MATA, R. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 39-58.

FOUCAULT, M. O nascimento do hospital. _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1995, p. 99-113.

GIDDENS, A. Família. In: _____. *Mundo em descontrolado*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FORACCHI, Marialice M. e MARTINS, José de Souza. Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: LCT, 2004.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. Trad. Sandra Regina. 4ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2005. MAUSS, Marcel. As Técnicas do Corpo. In: _____. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 399-422.

QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L. O.; OLIVEIRA, M. G. M. Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

Bibliografia Complementar:

LUNARDI, Valéria L. Relacionando Enfermagem, Gênero e Formação Disciplinar. Rev. Bras. Enfermagem. Brasília, v. 46, n. 3-4, p. 286-295, Dec. 1993. In: BANDEIRA, Lourdes; OLIVEIRA, Eleonora M. de. Representações de Gênero e Moralidade na Prática Profissional de Enfermagem. Rev. Bras. Enfermagem. Brasília, v. 51, n. 4, p. 677-696, Out-Dez, 1998.

AMARAL, Marcela C. M. Políticas de Saúde Mental e Reforma Psiquiátrica no Brasil. In: _____. Narrativas de Reforma Psiquiátrica e Cidadania no Distrito Federal. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia. Universidade de Brasília, Distrito Federal, p. 82-123.

AMARAL, Marcela. O Corpo em Análise. In: _____. Culto ao Corpo e Estilo de Vida entre as Mulheres. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia. Universidade de Brasília, Distrito Federal, p. 24-68.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: _____. A microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1990, p. 46-56. FOUCAULT, Michel. O nascimento do hospital. In: _____. A microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1990, p. 57-64. Atividade 2: Definição dos grupos para os Seminários.

SCHIEBINGER, Londa. O Feminismo mudou a ciência? Bauru, SP: EDUCS, 2001, p. 53-74; 205-239.

MARTINS, Ana Paula V. Gênero, Ciência e Cultura. In: _____. Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004, p. 21-62.

ENFERMAGEM GINECOLÓGICA E OBSTÉTRICA I

Ementa: A enfermagem no contexto das políticas públicas de saúde integral da mulher no âmbito do SUS. Metodologia da assistência de enfermagem aplicada à saúde sexual e reprodutiva da mulher (sexualidade, prevenção de câncer de colo uterino e de mama, planejamento familiar, doenças sexualmente transmissíveis, pré-natal de baixo risco, climatério), com ênfase nas ações de baixa e média complexidade.

Bibliografia Básica:

CARVALHO, R. M.; TAMEZ, R. N. Amamentação. Bases científicas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. 278p.

FREITAS, F. Rotina sem obstetrícia. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 902p.

GUARIENTO, A.; BRIQUET, R. Obstetrícia normal – Briquet. São Paulo: Manole; 2010.

LEVENO, K. J. e tal. Manual de Obstetrícia de Williams. 23 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

NEME, B. Obstetrícia básica. 3ª ed. São Paulo: Sarvier; 2006.

REZENDE, R. J.; MONTENEGRO, C. A. B. Obstetrícia Fundamental. 11ªed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

ZUGAIB, M. Obstetrícia. 2ªedição. Editora: Manole, 2012.

Bibliografia Complementar:

OLIVEIRA, D. L (org). Enfermagem na gravidez parto e puerpério. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

OLIVEIRA, M. E.; MONTICELLI, M.; BRÜGGEMANN, O. M (Org.). Enfermagem obstétrica e neonatológica: textos fundamentais. 2.ed. revisão. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.320p.

OLIVEIRA, M. E.; ZAMPIERI, M. F. M.; BRÜGGEMANN, O. M(Org.) A melodia da humanização: reflexões sobre o cuidado no processo do nascimento. Florianópolis: Cidade Futura, 2002. 144p.

GABBE, S.G; NIEBYL, J.R; SIMPSON, J.L. (Tradução de Araújo CLC). Obstetrícia: gestações normais e patológicas.3ªed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan,1999.

ZIEGEL, E.E; CRANLEY, M. S. Enfermagem obstétrica. Interamericana, Rio de Janeiro, 8ed., 1985.

ENFERMAGEM PEDIÁTRICA E NEONATOLÓGICA I

Ementa: Políticas públicas e a saúde da criança. Metodologia da assistência de enfermagem aplicada ao recém-nascido e à criança saudáveis e com afecções prevalentes, em ambulatórios e na comunidade. Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

Bibliografia Básica:

BOWDEN, V.R., GREENBERG, C.S. Procedimentos de enfermagem pediátrica. Trad. Claudia Lúcia Caetano de Araújo, Ivone E. Cabral. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

HOCKENBERRY, M. J.; WILSON, D.; WINKELSTEIN, M. L. Wong – Fundamentos de enfermagem pediátrica. 8ª ed. Trad. Danielle Corbett. Rio de Janeiro: Mosby Elsevier, 2011.

ROBERT, K., JENSON, H.B., BEHRMAN, R.E. Tratado de pediatria. 18ª ed. Rio de Janeiro: Saunders Elsevier, 2009.

Bibliografia Complementar:

CARPENITO, L. Plano de Cuidados de Enfermagem e Documentação: Diagnósticos de Enfermagem e Problemas colaborativos. 1 ed. Porto Alegre: Artmed. 2006.

CHAUD, M. N. et al. O cotidiano da prática de enfermagem pediátrica. São Paulo: Atheneu, 1999.

BOWDEN, V. R.; GREENBERG, C. S. Procedimentos de enfermagem pediátrica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
MURAHOSVSCI, J. Pediatria urgências + emergências. São Paulo: Sarvier, 2010.
SAITO, M; SILVA, L. Adolescência: prevenção e riscos. São Paulo: Atheneu, 2001.
SCHMITZ, E. M. R. Enfermagem em pediatria e puericultura. São Paulo: Atheneu, 2005.
WHALEY & WONG. Enfermagem pediátrica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

PRÁTICAS DE ENFERMAGEM EM SAÚDE COLETIVA

Ementa: Metodologia da assistência de enfermagem aplicada ao indivíduo, família e comunidade no contexto dos programas e políticas públicas de saúde. Planejamento, desenvolvimento e avaliação de ações de saúde junto a instituições do Sistema Único de Saúde e outras.

Bibliografia Básica:

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa; GUERRERO, André Vinicius Pires; COSSER, Adriana. Manual de práticas de atenção básica saúde ampliada e compartilhada. 2. ed. - São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2010. 411p.
FREITAS, A.C.S.R.V. Forças impulsoras e restritivas para o trabalho em equipe em unidades básicas de saúde da família. 2011, 121 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2011.
LEAHEY, Maureen; WRIGHT, Lorraine M. Enfermeiras e famílias: um guia para avaliação e intervenção na família. 4. ed. - Rio de Janeiro: Roca, 2009. 294 p.
MONEGO, Estelamaris Tronco; BATISTA, Sandro Rogerio Rodrigues (Org.) Avaliação da estratégia saúde da família em Goiânia: 10 anos após sua implantação. Goiânia, GO: Índice, 2010. 212 p.

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Ministério da Saúde. Estratégia para o cuidado da pessoa com doença crônica. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. (Cadernos de Atenção Básica, n. 35).
BRASIL. Ministério da Saúde. Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica: hipertensão arterial sistêmica. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. (Cadernos de Atenção Básica, n. 37).
BRASIL. Ministério da Saúde. Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica: diabetes mellitus. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. (Cadernos de Atenção Básica, n. 36).
BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Série E. Legislação em Saúde).
BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Manual de recomendações para o controle da tuberculose no Brasil. Brasília, 2011.
BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Manual de Prevenção de Incapacidade, Brasília, 2008.
BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Guia de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 812 p.
CUBAS, Marcia Miriam Lima da Nobrega. Atenção Primária em saúde: Diagnóstico, resultado e intervenções de enfermagem. 1ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015. 328p.
BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. Manual de Procedimentos para Vacinação. IMUNIZAÇÕES. Brasília, 2014.

ADMINISTRAÇÃO EM ENFERMAGEM I

Ementa: Teorias de administração científica aplicadas à enfermagem. Estrutura organizacional, poder, cultura e clima. Competências gerais e gerências do enfermeiro. Divisão de trabalho em enfermagem. Meios e instrumentos do processo de trabalho. Modelos de gestão. Processo decisório. Conflitos, negociação.

Bibliografia Básica:

KURCGANT, P. Gerenciamento em Enfermagem. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.
MARQUIS, B.L.; HUSTON, C.J. Administração e Liderança em Enfermagem: Teoria e Aplicação. 4ª ed. Editora Artes Médicas Sul Ltda. Porto Alegre, 2009.
SANTOS, SR Administração Aplicada a Enfermagem. 2ª edição. Idéia. João Pessoa. 2002.

Bibliografia Complementar:

GONÇALVES, E. L. Gestão Hospitalar. Administrando o Hospital Moderno. São Paulo: Saraiva, 2006.
CHIAVENATO, I. Gestão de Pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações. Rio de Janeiro, Campus, 2009.
CHIAVENATO, I Administração: teoria, processo e prática. 1 ed CAMPUS - 2006 - 450 p.
PEREIRA AA, GONÇALVES B, FERNANDES MBV, PINTO MAF, ANTÔNIO MS. Motivação da equipe de enfermagem: competência dos enfermeiros. In: Cunha KC (coord.). Gerenciamento na enfermagem: novas práticas e competências. São Paulo: Martinari; 2005.
SILVA, E.M.; MOREIRA, M.C.N. Equipe de saúde: negociações e limites da autonomia, pertencimento e reconhecimento do outro. Ciênc. Saúde coletiva; 2015; 20(10): 3033-3042.

ÉTICA E EXERCÍCIO DA ENFERMAGEM

Ementa: Abordagem geral da ética e a inclusão racial. Instrumentos ético-legais que norteiam o exercício profissional da Enfermagem. Temas em ética e bioética no ensino, pesquisa e assistência de enfermagem. Entidades de classe.

Bibliografia Básica

CAPRARA, A. A ética da palavra na relação profissionais saúde-pacientes Ideias Campinas, SP v. 4 n. 6 p.59-76 2013.
GELAIN, I. Deontologia e enfermagem 3.ed. rev. e atual. - São Paulo: EPU, 2002. 141 p.
GERMANO, R.M. A ética e o ensino de ética na enfermagem do Brasil. São Paulo: Cortez, 1993. 141 p.
PASSOS, E.S. Ética nas organizações. São Paulo: Atlas, 2004. 184 p. Bibliografia: p.179-184.
ZANETTE, J. L. A construção da ética do discurso em Habermas Phronesis (Campinas) revista de ética Campinas, SP v. 8 n. 2 p.68-88 2006.
SILVEIRA, D. C. A exigência ética da educação. Revista Filosofazer. Passo fundo, RS v. 16 n. 30 p.59-74 2007.

Bibliografia Complementar:

FERRARI, M. A. Ética e bioética em enfermagem 2. ed. rev. atual. e ampl. - Goiânia: AB, 2002.
BOFF, L. Ética da vida. Brasília: Letrativa, 1999.
BOFF, L. Ética e Moral: a busca de fundamentos. Petrópolis: Vozes, 2004.
BRASIL. Lei 7.498 de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a Regulamentação do Exercício da Enfermagem e dá outras providências.
LOPES, S.A. A. *Ética profissional*. 9ªed. São Paulo: Atlas, 2009.
Providências. In: conselho Regional de Enfermagem. Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem.
CARNEIRO, L.A. et al. O ensino da ética nos cursos de graduação da área de saúde. Revista Brasileira de Educação Médica. v.34, n.3, p.412-421, 2010.
AZEVEDO, A.V.;LIGIERA,W. R. Os Direitos do Paciente. SARAIVA, 2012. 640 p.
OGUISSO, T. Ética e bioética: desafios para a enfermagem e a saúde. 1ª ed. Editora Manole, 2006.
PASSOS, E. Ética nas organizações. São Paulo, Athlas, 2015.
SANCHEZ VÁSQUEZ. Adolfo. *Ética*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ANTROPOLOGIA DA SAÚDE

Ementa: Conceitos de etnia, raça, racialização, identidade, diversidade, diferença. Grupos étnicos e processos de colonização e pós-colonização. Cultura: conceitos, relativismo e etnocentrismo. Saúde e cultura. Cultura brasileira. Valores, preconceitos, tabus, crenças e religião. Educação para cultura dos povos brasileiros, africanos, indígenas, asiáticos, europeus e outros. Movimentos migratórios internos e externos.

Bibliografia Básica:

BIBLIOGRAFIA: LÉVI STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.
GEERTZ, C. "A Transição para a Humanidade". In: TAX, S.(org.). 1966. *Panorama da Antropologia*. Rio de Janeiro, São Paulo, Lisboa: Fundo de Cultura. Disponível em http://www.arq.ufsc.br/urbanismo5/artigos/artigos_gc.pdf.

Bibliografia Complementar:

ALVES, P. C.; RABELO, M. C. Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras. FIOCRUZ, 1998.
LAPLANTINE, F. Antropologia da doença. 3. ed. SP: Martins Fontes, 2004.
LEAL, O. F. Corpo e significado: ensaios de antropologia social. UFRG, 2001.
MONDIN, B. Elementos de antropologia filosófica: o homem quem é ele? 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.
NAKAMURA, E.; MARTIN, D.; SANTOS, J. F. Q. (orgs). Antropologia para enfermagem. Barueri: Manole, 2009.
QUEIROZ, M. S. Saúde e doença: um enfoque antropológico. EDUSC, 2003.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I

Ementa: Elaboração e apresentação de projeto do Trabalho de Conclusão de Curso.

Bibliografia Básica:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. [Informação e documentação. NBR 6023]. Rio de Janeiro, 2002.
CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Aprovar as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, 2012.
GAUTHIER, J. H. M.; CABRAL, I. E.; SANTOS, I.; TAVARES, C. M. M. Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1998.
GREENHALGH, T. *Como ler artigos científicos: fundamentos da medicina baseada em evidências*. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2013, p.55-68.
LOBIONDO-WOOD, G.; HABER, J. *Pesquisa em enfermagem. Métodos, avaliação crítica e utilização*. 4ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 2001.

MINAYO, M.C. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2013.
POLIT, D. F.; BECK, C. T.. *Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem*. 7ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2011.
VOLPATO, G. *Ciência: da filosofia à publicação*. 6ª ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

Bibliografia Complementar:

ADLER-COLLINS, J. K. Plagiarism or differing ways of representing knowledge? *Int Nurs Rev*. v.58, n.4, p. 403, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1466-7657.2011.00955.x>.
ALDRETE, J. A. Plagio y otros traspasos literario-científicos en medicina y particularmente en anestesiología. *Plagiarism and other literary missteps in medicine and particularly in anesthesia*. *Rev. colomb. anestesiología*. v.39, n. 2, p. 217-229, 2011. Disponível em: <http://www.revcolanest.com.co/pdf/esp/2011/Numero2/RCA-Vol39%20No2-Plagio.pdf>.
BERLINCK, R. G. S. The academic plagiarism and its punishments - a review. *Rev. bras. farmacogn*. v.21, n.3, p. 365-372, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-695X2011000300003.
VOLPATO, G. L. *Bases teóricas para redação científica*. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica e Scripta, 2007. 125p.
VOLPATO, G. L. *Dicas para redação científica*. 3 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 152 p.
VOLPATO, G. L. *Método lógico para redação científica*. 1 ed. São Paulo: Best Writing, 2011. 320 p.
VOLPATO, G. L.; BARRETO, R. *Elabore Projetos Científicos Competitivos*. 1 ed. São Paulo: Best Writing, 2014.

ENFERMAGEM GINECOLÓGICA E OBSTÉTRICA II

Ementa: A enfermagem na assistência à mulher em unidades hospitalares. Metodologia da assistência de enfermagem aplicada à ginecologia e obstetrícia (gestação, parto e puerpério fisiológicos e de risco), incluindo aspectos clínicos e cirúrgicos de média complexidade.

Bibliografia Básica:

CARVALHO, R.M; TAMEZ, R.N. *Amamentação. Bases científicas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. 278p.
FREITAS, F. *Rotinas em obstetrícia*. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 902p.
GUARIENTO, A.; BRIQUET, R. *Obstetrícia normal – Briquet*. São Paulo: Manole; 2010.
LEVENO, K.J. et al. *Manual de Obstetrícia de Williams*. 23ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

NEME, B. *Obstetrícia básica*. 3ª ed. São Paulo: Sarvier; 2006.

REZENDE, R. J.; MONTENEGRO, C. A. B. *Obstetrícia Fundamental*. 11ªed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

ZUGAIB, M. *Obstetrícia*. 2ª edição. Editora: Manole, 2012.

Bibliografia Complementar:

OLIVEIRA, D. L (org). *Enfermagem na gravidez parto e puerpério*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
OLIVEIRA, M. E.; MONTICELLI, M.; BRÜGGEMANN, O. M (Org.). *Enfermagem obstétrica e neonatológica: textos fundamentais*. 2. ed. revisão. Florianópolis: Cidade Futura, 2002. 320 p.
OLIVEIRA, M. E.; ZAMPIERI, M. F. M.; BRÜGGEMANN, O. M (Org.). *A melodia da humanização: reflexões sobre o cuidado no processo do nascimento*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002. 144 p.
GABBE, S.G.; NIEBYL, J.R.; SIMPSON, J.L. (Tradução de Araújo CLC). *Obstetrícia: gestações normais e patológicas*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1999.

ENFERMAGEM PEDIÁTRICA E NEONATOLÓGICA II

Ementa: Metodologia da assistência de enfermagem aplicada ao recém-nascido e à criança saudáveis e com afecções prevalentes, em unidades hospitalares.

Bibliografia Básica:

BOWDEN, V.R., GREENBERG, C.S. *Procedimentos de enfermagem pediátrica*. Trad. Claudia Lúcia Caetano de Araújo, Ivone E. Cabral. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.
HOCKENBERRY, M. J.; WILSON, D.; WINKELSTEIN, M. L. Wong – *Fundamentos de enfermagem pediátrica*. 8ª ed. Trad. Danielle Corbett. Rio de Janeiro: Mosby Elsevier, 2011.
ROBERT, K., JENSON, H.B., BEHRMAN, R.E. *Tratado de pediatria*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Saunders Elsevier, 2009.

Bibliografia Complementar:

CARPENITO, L. *Plano de Cuidados de Enfermagem e Documentação: Diagnósticos de Enfermagem e Problemas colaborativos*. 1 ed. Porto Alegre: Artmed. 2006.
BOWDEN, V. R.; GREENBERG, C. S. *Procedimentos de enfermagem pediátrica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
MURAHOSVSCI, J. *Pediatria urgências + emergências*. São Paulo: Sarvier, 2010.
SCHMITZ, E. M. R. *Enfermagem em pediatria e puericultura*. São Paulo: Atheneu, 2005.

ENFERMAGEM HEBIÁTRICA

Ementa: Condições de vida e saúde do adolescente. Adolescência normal e suas transições. Problemas e agravos à saúde do adolescente. Metodologia da assistência de enfermagem aplicada ao adolescente.

Bibliografia Básica:

KUCZYNSKI, E.; ASSUMPÇÃO Jr., F. B. (Orgs.). Qualidade de vida na infância e adolescência, orientações para pediatras e profissionais da saúde mental. Porto Alegre: Artmed. 2010, 424p.

MOREIRA, D. A. A. C.; GUADALUPE, D. A. C.; SOUZA, M. M. ; VIEIRA, M. A. Protocolo de Enfermagem na Atenção à Saúde do Adolescente. In: Conselho Regional de Enfermagem de Goiás. Protocolo de enfermagem na atenção primária de à saúde no estado de Goiás. 2ª ed. Goiânia, 2014. 89-106p.

FARIA, E. R.; PEREIRA, P. F.; OLIVEIRA, R. M.; FRANCESCHINI, S. C. Nutrição e Saúde na Adolescência. 1. Ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2010. 480p.

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Direitos da população Jovem: um marco conceitual para o desenvolvimento. 2ª ed. Brasília-DF. Fundo das Nações Unidas, 2010.

CAMPOS, D. M. S. Psicologia da adolescência, normalidade e psicopatologia. 24ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. 183p.

GREGORIN FILHO, J. N. Literatura Juvenil: Adolescência, cultura e formação de leitores. 1 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2011. 125p.

LIMA, L. S.; BELTRAME, G. R.; MARTINS, J. F.; JAEGER, F. P. A adolescência e o ser mulher na contemporaneidade: Visão das adolescentes de baixa renda. Disc. Scientia. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 10, n. 1, p. 89-103, 2009.

SANTIBANEZ, D. A. C. S.; MOZZER, G. N. S. Adolescência: temores e saberes de uma sociedade de conflito. 1ed. Goiânia: Cãnone Editorial, 2013. 232p.

ADMINISTRAÇÃO EM ENFERMAGEM II

Ementa: O gerenciamento de enfermagem nos contextos públicos, privados e outras modalidades assistenciais. Planejamento organizacional. Gestão de recursos ambientais, físicos, custos, materiais. Gestão de pessoas em enfermagem: dimensionamento, recrutamento e seleção, distribuição, educação continuada, avaliação de desempenho. Sistema de informação. Qualidade da assistência e Segurança do paciente. Avaliação da qualidade nos processos de trabalho: auditoria, indicadores.

Bibliografia Básica:

CHIAVENATO, I. Administração: teoria, processo e prática. 4ª ed, São Paulo: Elsevier: Campus, 2007. 450 p.

D'INNOCENZO, M; FELDMAN, LB; FAZENDA, NRR; HELITO, R.A.B; RUTHES RM. Indicadores, Auditorias, Certificações: Ferramentas de Qualidade para Gestão em Saúde. São Paulo: Martinari, 2006.

DUTRA, JS. Gestão por competências: um modelo avançado para o gerenciamento de pessoas. 6ª ed. São Paulo: Gente, 2006.

DRUCKER, PF. Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios. São Paulo: Cengage Learning, 2013. 378 p.

FELDMAN, LB. Como alcançar a Qualidade nas Instituições de Saúde: critérios de avaliações, procedimentos de controle, gerenciamento de riscos hospitalares até a certificação. São Paulo: Martinari, 2004.

FELDMAN, L. B. Gestão de risco e segurança hospitalar: : prevenção de danos ao paciente, notificação, auditoria de risco, aplicabilidade de ferramentas, monitoramento. 2ª ed. São Paulo: Martinari, 2008, 376 p.

KURCGANT, P. Gerenciamento em Enfermagem. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

MALAGUTTI, W; CAETANO, KC. Gestão do serviço de enfermagem no mundo globalizado. São Paulo: Rubio, 2009. 328p.

MARQUIS, BL.; HUSTON, CJ. Administração e Liderança em Enfermagem: Teoria e Aplicação. 6ª ed. São Paulo: Artmed, 2010. 671 p.

Bibliografia Complementar:

BALSANELLI, AP; FELDMAN, LB; RUTHES, RM; CUNHA, ICKO. Competências Gerenciais: Desafio para o Enfermeiro. São Paulo: Martinari, 2008. 208p.

BRITO, LFM. Segurança aplicada às instalações hospitalares. 4ª ed. Senac. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

D'INNOCENZO, M; FELDMAN, LB; FAZENDA, NRR; HELITO, R.A.B; RUTHES RM. Indicadores, Auditorias, Certificações: Ferramentas de Qualidade para Gestão em Saúde. 1ª. ed. São Paulo: Martinari, 2006.

NOGUEIRA, LCL. Gerenciando pela Qualidade Total na Saúde. 2ª ed. Belo Horizonte: INDG, 1999.

MALIK, AM; SCHIESARI L M C. Qualidade na gestão local de serviços e ações de saúde, v.3. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 1998. (Série Saúde & Cidadania).

MARX, LC; MORITA, CL. Manual de Gerenciamento de Enfermagem. São Paulo; EPUB; 2003. 108 p.

PEDREIRA GLM, HARADA MJCS. Enfermagem dia a dia: segurança do paciente. São Caetano do Sul (SP): Yendis Editora, 2009.

WACHTER, R.M. Compreendendo a segurança do paciente Tradução: Laura Souza Berquó. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed. 2013. 320 p.

FILOSOFIA E ENFERMAGEM

Ementa: História da filosofia ocidental. Temas em filosofia e interfaces com a enfermagem. Processo de desenvolvimento das teorias de enfermagem e sua aplicabilidade.

Bibliografia Básica:

- CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. 14ª ed., São Paulo: Ática; 2010.
HORTA, W. Processo de Enfermagem. São Paulo: EPU; 1979.
JORGE, J.B. Teorias de Enfermagem. Porto Alegre: Artes Médicas; 1993.

Bibliografia Complementar:

- ARANHA, M.L.A.; MARTINS, M.H.P. Filosofando: introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna; 1998.
BELLATO, R.; PEREIRA, W.R. Enfermagem: da cultura da subalternidade à cultura da solidariedade. Texto contexto-enferm. Vol. 15, n. 1, p. 17-25; 2006.
BOEHS, A.E.; MONTICELLI, M. WOSNY, A.M.; HEIDMANN, I.B.S., GRSISOTTI, M.G. A interface necessária entre enfermagem, educação em saúde e o conceito de cultura. Texto contexto-enferm. vol. 6, n. 2, p. 307-14, 2007.
GASSET, J. O Que é filosofia? Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americana, 1971.
JACQUARD, A. Filosofia para não-filósofos: respostas claras e lúcidas para questões essenciais. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: Ed. Campus; 1998.
LEOPARDI, M.T. Teorias em enfermagem. Florianópolis: Papa-Livro; 1999.
LIMA, J.M. O que é enfermagem? Cogitare Enferm. Vol.10, n. 1, p. 71-74, 2005.
MOREIRA, R.V.O. A outra margem: Filosofia, teorias de enfermagem e cuidado humano. Fortaleza: Casa de José de Alencar; 2001.
SILVA, R.M.C.R.A.; PEREIRA, E.R.; ESPIRITO SANTO, F.H.; SILVA, M.A. Cultura, Saúde e Enfermagem: o saber, o direito e o fazer crítico-humano. Rev. Eletr. Enf. 2008;10(4):1165-71.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Ementa: Desenvolvimento e apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso.

Bibliografia Básica:

- BARROS, A. J.; LEHFELD, N. S. *Fundamentos de metodologia*. São Paulo: McGraw-Hill, 1986.
CARVALHO, M. C. M. *Construindo o saber: metodologia científica - fundamentos e técnicas*. 5ª ed. Campinas (SP): Papyrus, 1995.
CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo, Cortez, 1991.
DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1985.
HAGUETTE, M. T. V. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis, Vozes, 1992.
HEAT, O. V. S. *A Estatística na pesquisa científica*. São Paulo: EPU, 1981.
LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1985.
LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/ Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1983.
MINAYO, M. C. S. et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. *Fundamentos de pesquisa em Enfermagem*. Tradução de Regina M. Garcez. 3 ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

Bibliografia Complementar:

- Adler-Collins JK. Plagiarism or differing ways of representing knowledge? Int Nurs Rev. 2011 [cited 2012 Oct 16];58(4):403-. Available from: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1466-7657.2011.00955.x>.
Berlinck RGS. The academic plagiarism and its punishments - a review. Rev. bras. farmacogn. 2011 [cited 2012 Oct 16];21(3):365-72. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-695X2011000300003.
GAUTHIER, J. H. M.; CABRAL, I. E.; SANTOS, I.; TAVARES, C. M. M. *Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan; 1998.
GREENHALGH, T. *Como ler artigos científicos: fundamentos da medicina baseada em evidências*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, 256p.
LOBIONDO-WOOD, G.; HABER, J. *Pesquisa em enfermagem. Métodos, avaliação crítica e utilização*. 4ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 2001.
MINAYO, M.C. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1993.
POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. *Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização*. 5 ed. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 2004.
SOUSA, V.D.; DRIESSNACK, M.; FLÓRIA-SANTOS, M. Como escrever o resumo de um artigo para publicação. *Acta Paul Enferm*. São Paulo, v.19, n. 3, p. v- viii, jul./set. 2006.
VOLPATO, G. L. Bases teóricas para redação científica. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica e Scripta, 2007. 125p.
VOLPATO, G. L. Método lógico para redação científica. 1. ed. São Paulo: Best Writing, 2011. 320 p.
VOLPATO, G. L. Ciência: da filosofia à publicação. 6. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. 377 p.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENFERMAGEM I

Ementa: Estágio supervisionado nos Campi Avançados da UFG, ambulatórios, rede básica de serviços de saúde e comunidade. Planejamento, execução e avaliação da assistência de enfermagem a indivíduos, famílias e comunidade, observando os princípios e pressupostos do SUS. Prática gerencial em enfermagem.

Bibliografia Básica:

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. SUS Panorâmico v.III. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2010. 84 p. (Painel de indicadores do SUS, n.7).
- BRASIL. Ministério da Saúde. O SUS de A a Z: garantindo saúde nos municípios. 3. ed. – Brasília. DF: Ministério da Saúde, 2009. 477 p. (Série F. Comunicação e Educação em Saúde).
- BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. O Sistema Único de Saúde e a qualificação do acesso. Brasília: CONASS, 2009. 67 p. (CONASS documenta 19).
- BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. SUS 20 anos. - Brasília: CONASS, 2009. 282 p.
- FREITAS, A.C.S.R.V. Forças impulsoras e restritivas para o trabalho em equipe em unidades básicas de saúde da família. 2011, 121 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2011.
- LEAHEY, Maureen; WRIGHT, Lorraine M. Enfermeiras e famílias: um guia para avaliação e intervenção na família. 4. ed. - Rio de Janeiro: Roca, 2009. 294 p.
- MATTA, Gustavo Corrêa; LIMA, Júlio César França. Estado, sociedade e formação profissional em saúde: contradições e desafios em 20 anos de SUS. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2008. 420 p.
- MONEGO, Estelamaris Tronco; BATISTA, Sandro Rogerio Rodrigues (Org.) Avaliação da estratégia saúde da família em Goiânia: 10 anos após sua implantação. Goiânia, GO: Índice, 2010. 212 p.
- BRASIL. Organização Pan-Americana de Saúde. Sistema de planejamento do SUS (PlanejaSUS): uma construção coletiva - trajetória e orientações de operacionalização. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 318 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde).
- ROCHA B.S. Enfermeiros do Programa de Saúde da Família coordenadores de equipe: perfil profissiográfico, técnico e interpessoal. 2008. Dissertação [Mestrado]. Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2008.

Bibliografia Complementar:

- BRASIL. Ministério da Saúde. Autoavaliação para Melhoria do Acesso e da Qualidade de Atenção Básica - AMAQ. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. (Série B. Textos básicos de saúde).
- BRASIL. Ministério da Saúde. Núcleo de Apoio à Saúde da Família. v. 1. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. (Cadernos de Atenção Básica, n. 39).
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Série E. Legislação em Saúde).
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Gestão da Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Memórias da saúde da família no Brasil. Brasília, 2010.144 p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Implantação das Redes de Atenção à Saúde e outras estratégias da SAS. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 160 p.
- CUBAS, Marcia Miriam Lima da Nobrega. Atenção Primária em saúde: Diagnóstico, resultado e intervenções de enfermagem. 1a ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015. 328p.
- MENDES, Eugênio Vilaça. As redes de atenção à saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2011. 549 p.
- BRASIL. Ministério Da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação em Saúde. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Brasília, 2009: 64p.
- GOIÁS. Conselho Regional de Enfermagem. ROSSO, Claci Fátima Weirich et al. (Org.) Protocolo de Enfermagem na Atenção Primária à Saúde no Estado de Goiás. Goiânia: Conselho Regional de Enfermagem de Goiás, 2014. 336 p.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENFERMAGEM II

Ementa: Estágio supervisionado em hospitais gerais e especializados do Sistema Único de Saúde. Prática gerencial em enfermagem. Planejamento, implementação e avaliação da assistência e do serviço de enfermagem. Desenvolvimento de recursos humanos na área de saúde.

Bibliografia Básica:

- CHIAVENATO, I. Gestão de Pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações. Rio de Janeiro, Campus, 2009.
- KURCGANT, P. Gerenciamento em Enfermagem. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.
- MARQUIS, B.L.; HUSTON, C.J. Administração e Liderança em Enfermagem: Teoria e Aplicação. 2ª ed. Editora Artes Médicas Sul Ltda. Porto Alegre, 2011.

Bibliografia Complementar:

- CHIAVENATO, I Administração: teoria, processo e prática. 1ª Edição CAMPUS, 2006, 450p.
- BEZERRA, A L Q. O Contexto da Educação Continuada em enfermagem. 1ª Ed. São Paulo: Martinari, 2003.
- FELDMAN, L. B Como alcançar a Qualidade nas Instituições de Saúde. 1ª ed. São Paulo: Martinari, 2004.
- GONÇALVES, E. L. Gestão Hospitalar. Administrando o Hospital Moderno. São Paulo: Saraiva, 2006.
- ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE EPIDEMIOLOGIA E CONTROLE DE INFECÇÃO RELACIONADA À ASSISTÊNCIA À SAÚDE. Prevenção e Controle de infecções Associadas à Assistência Médica Extra-Hospitalar: Ambulatórios, Serviços Diagnósticos, Assistência Domiciliar e Serviços de Longa Permanência. São Paulo: Associação Paulista de Estudos e Controle de Infecção Hospitalar (APECIH); 2008.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENFERMAGEM III

Ementa: Estágio supervisionado em hospitais gerais e especializados, em ambulatórios, na rede básica de serviços de saúde ou em comunidades. Prática gerencial em enfermagem. Planejamento, implementação e avaliação da assistência e do serviço de enfermagem. Desenvolvimento de recursos humanos na área de saúde.

Bibliografia Básica:

- BEZERRA, A.L.Q. O Contexto da Educação Continuada em enfermagem. 1. ed. São Paulo: Martinari, 2003.
- CHIAVENATO, I. Administração: teoria, processo e prática. 1. ed. Rio de Janeiro, Campus, 2006. 450 p.
- CHIAVENATO, Idalberto. Administração de recursos humanos fundamentos básicos. 7. ed.- São Paulo: Atlas, 2009. 205 p.
- CHIAVENATO, Idalberto Gestão de pessoas o novo papel dos recursos humanos nas organizações. 4.ed. Barueri, SP: Manole, 2014. XIII, 494 p.
- CHIAVENATO, Idalberto Iniciação à administração de recursos humanos. 4. ed. rev. e ampl. - São Paulo: Manole, 2010. 178 p.
- D'INNOCENZO, Maria Indicadores, auditorias, certificações ferramentas de qualidade para gestão em Saúde. Sao Paulo: Martinari, 2006. 203 p.
- KURCGANT, P. GERENCIAMENTO em enfermagem. 2. ed. - Rio de janeiro: Guanabara Koogan, 2010. 196 p.
- MARQUIS, Bessie L. Administração e liderança em enfermagem teoria e prática 6.ed. Sao Paulo: ARTMED, 2010. XIII, 671 p.

Bibliografia Complementar:

- Abboud, Cely Saad, Rosana Rodrigues Silva, and Liliane Bauer Feldman. "Implantação do Programa de Gestão de Risco: experiência do Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia de São Paulo." Nursing (São Paulo) 11.129 (2009): 71-76.
- BACKES, DIRCE STEIN; ERDMANN, ALACOQUE LORENZINI; BÜSCHER, ANDREAS. O cuidado de enfermagem como prática empreendedora: oportunidades e possibilidades. Acta Paul Enferm, v. 23, n. 3, p. 341-7, 2010.
- BACKES, MARLI TEREZINHA STEIN; ERDMANN, ALACOQUE LORENZINI; BACKES, DIRCE STEIN. Cuidado ecológico: o significado para os profissionais de um hospital geral. Acta paul enferm, v. 22, n. 2, p. 183-91, 2009.
- BARRA, DANIELA COUTO CARVALHO et al. Processo de viver humano e a enfermagem sob a perspectiva da vulnerabilidade. Acta Paul Enferm, v. 23, n. 6, p. 831-6, 2010.
- BERTELLI, SANDRA BENEVENTO. Gestão de pessoas em administração hospitalar. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004. 230 p.
- CUNH, KC. Gerenciamento na enfermagem: novas práticas e competências. São Paulo: Martinari, 2005. 118p.
- D'INNOCENZO, M; FELDMAN, LB; FAZENDA, NRR; HELITO, R.A.B; RUTHES RM. Indicadores, Auditorias, Certificações: Ferramentas de Qualidade para Gestão em Saúde. 1. ed. São Paulo: Martinari, 2006.
- DUTRA, JS. Gestão por competências: um modelo avançado para o gerenciamento de pessoas. 6 ed. São Paulo: Gente, 2006.
- GARCIA, GUSTAVO FILIPE BARBOSA. Legislação de segurança e medicina do trabalho. Ed. Método – Guanabara koogan, 2a edição, 2008.
- LEÃO, IOA. Segurança do trabalhador da equipe de enfermagem na atenção básica de saúde. [Dissertação]. Goiânia: Faculdade de Enfermagem/UFG; 2015. 121p.
- LUNARDI, Valéria Lerch et al. Processo de trabalho em enfermagem/saúde no Sistema Único de Saúde. Enfermagem em Foco, v. 1, n. 2, 2011.
- MEDEIROS, ANA LÚCIA et al. Sistematização da assistência de enfermagem como um processo de trabalho da enfermagem: uma reflexão crítica. Rev. enferm. UFPE on line, v. 4, n. 3, p. 1571-1576, 2010.
- PAIVA, MIRIAM CRISTINA MARQUES DA SILVA et al. As razões da equipe de enfermagem para notificar eventos adversos. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 22, n. 5, p. 747-754, 2014.
- PEREIRA, MARIA VALÉRIA. "Compreensão de processo de trabalho gerenciar em enfermagem pelos enfermeiros de um hospital estadual." (2012): 177-f.
- PERSEGONA, KARIN ROSA et al. O conhecimento político na atuação do enfermeiro. Esc Anna Nery, v. 13, n. 3, p. 645-50, 2009.

RAMOS, ALBERTO WUNDERLER; MIYAKE, DARIO IKUO. Desenvolvendo Indicadores de Produtividade e Qualidade em Hospitais: Uma Proposta de Método. *Produto & Produção*, v. 11, n. 2, p. 67-84, 2010.

SCHMOELLER, ROSELI; GELBCKE, FRANCINE LIMA. Indicativos para o dimensionamento de pessoal de enfermagem em emergência. *Texto & Contexto Enfermagem*, v. 22, n. 4, p. 971-979, 2013.

SILVA, KÊNIA et al. GESTÃO DA QUALIDADE TOTAL NOS SERVIÇOS DE SAÚDE: MODELO GERENCIAL EM DESENVOLVIMENTO. *Gestão e Saúde*, v. 6, n. 1, p. pag. 617-632, 2015.

TOFFOLETTO, MARÍA CECILIA et al. Erros no preparo e administração de medicamentos: uma revisão integrativa da literatura latino-americana. *Enfermería globais*, n. 37, p. 361, 2015.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENFERMAGEM IV

Ementa: Prática gerencial e o Sistema Único de Saúde. O grupo como recurso na assistência em saúde, enfermagem e no processo de gestão de pessoas. Liderança. Comunicação e ferramentas para a gestão do cuidado. Relações de trabalho. Trabalho em equipe e processo grupal. Fundamentos teóricos e técnicos da dinâmica de grupo. Qualidade de vida. Ergonomia e Saúde do trabalhador. Fundamentação e práticas supervisionadas em gestão de pessoas, recursos ambientais, físicos, financeiros, materiais. Protocolos de gestão da assistência. Ferramentas da gestão para diagnóstico e avaliação da assistência, do serviço e das pessoas.

Bibliografia Básica:

COHEN, W. A liderança segundo Peter Drucker: novas lições do pai da administração moderna. São Paulo: Elsevier; 2010.

BITENCOURT C(org.) Gestão Contemporânea de pessoas. São Paulo: Artmed; 2010.

MARQUIS, BESSIE L.; HUSTON, CAROL J. Administração e liderança em enfermagem: teoria e prática. 6.ed. Porto Alegre: Artmed; 2010.

MOSCOVICI F. Desenvolvimento interpessoal: treinamento em dinâmica de grupo. Rio de Janeiro. José Olympio; 2009.

BERTELLI, SB. Gestão de Pessoas em Administração Hospitalar. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

BEZERRA, ALQ. O Contexto da Educação Continuada em enfermagem. 1ª Ed. São Paulo: Martinari, 2003.

BORK, AMT. Enfermagem de Excelência: da Visão à Ação: Guanabara Koogan. 1ª ed – 2003.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Coordenação-Geral de Normas. Normas para projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde. Brasília,1994. 136 p (Série: Saúde & Tecnologia). Disponível em http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/normas_montar_centro_.pdf.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde. Normas e Padrões de Construções e Instalações de Serviço de Saúde: conceitos e definições, hospital geral de pequeno e médio portes, unidades sanitárias. 1978. Disponível em <http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/0117conceitos.pdf>.

BRASIL. Brasília. OPAS/FLH/FBH. Acreditação de hospitais para América Latina e o Caribe / H. M. Novaes e J. M. Paganini. 1992.

CHIAVENATO, I. Administração: teoria, processo e prática. 4ª ed, São Paulo: Elsevier: Campus, 2007. 450 p.

CHIAVENATO, I. Gestão de Pessoas. 2ª ed, 2005.

CHIAVENATO, I. Introdução a teoria geral da administração. 6ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000. 700 p.

COUTO, RC; PEDROSA, TMG. Hospital: acreditação e gestão em saúde. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

CUNHA, KC. Gerenciamento na enfermagem: novas práticas e competências São Paulo: Martinari, 2005. 118p.

D'INNOCENZO, M; FELDMAN, LB; FAZENDA, NRR; HELITO, R.A.B; RUTHES RM. Indicadores, Auditorias, Certificações: Ferramentas de Qualidade para Gestão em Saúde. São Paulo: Martinari, 2006.

DUTRA, JS. Gestão por competências: um modelo avançado para o gerenciamento de pessoas. 6ª ed. São Paulo: Gente, 2006.

DRUCKER, PF. Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios. São Paulo: Cengage Learning, 2013. 378 p.

FELDMAN, LB. Como alcançar a Qualidade nas Instituições de Saúde: critérios de avaliações, procedimentos de controle, gerenciamento de riscos hospitalares até a certificação. São Paulo: Martinari, 2004.

FELDMAN, L. B. Gestão de risco e segurança hospitalar: : prevenção de danos ao paciente, notificação, auditoria de risco, aplicabilidade de ferramentas, monitoramento. 2ª ed. São Paulo: Martinari, 2008, 376 p.

GIL, A C. Gestão de pessoas. Enfoque nos papéis profissionais. 1ª ed. ATLAS - 2001 – 312 p.

KURCGANT, P. Gerenciamento em Enfermagem. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

KURCGANT, P. et al. Administração em Enfermagem. São Paulo: EPU, 2003. 237 p.

MALAGUTTI, W; CAETANO, KC. Gestão do serviço de enfermagem no mundo globalizado. São Paulo: Rubio, 2009. 328p.

MARQUIS, BL.; HUSTON, CJ. Administração e Liderança em Enfermagem: Teoria e Aplicação. 6ª ed. São Paulo: Artmed, 2010. 671 p.

MOTTA, PR. Gestão contemporânea: A ciência e a arte de ser dirigente. 15ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MEZOMO, JC. Gestão da qualidade na saúde: princípios básicos. Barueri: Manole, 2001.

Bibliografia Complementar:

- BALSANELLI, AP; FELDMAN, LB; RUTHES, RM; CUNHA, ICKO. Competências Gerenciais: Desafio para o Enfermeiro. São Paulo: Martinari, 2008. 208p.
- BERWICK, DM; GODFREY, AB; ROESSNER, J. Melhorando a qualidade dos serviços médicos, hospitalares e da saúde. Trad. José Carlos Barbosa dos Santos. São Paulo: Makron Books, 1994.
- BRITO, LFM. Segurança aplicada às instalações hospitalares. 4ª ed. Senac. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.
- D'INNOCENZO, M; FELDMAN, LB; FAZENDA, NRR; HELITO, R.A.B; RUTHES RM. Indicadores, Auditorias, Certificações: Ferramentas de Qualidade para Gestão em Saúde. 1ª. ed. São Paulo: Martinari, 2006.
- NOGUEIRA, LCL. Gerenciando pela Qualidade Total na Saúde. 2ª ed. Belo Horizonte: INDG, 1999.
- MALIK, AM; SCHIESARI L M C. Qualidade na gestão local de serviços e ações de saúde, v.3. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 1998. (Série Saúde & Cidadania).
- MARX, LC; MORITA, CL. Manual de Gerenciamento de Enfermagem. São Paulo; EPUB; 2003. 108 p.
- MARX, LC; MORITA, CL. Manual de Gerenciamento de Enfermagem. São Paulo; EPUB; 2003. 108 p.
- PEDREIRA GLM, HARADA MJCS. Enfermagem dia a dia: segurança do paciente. São Caetano do Sul (SP): Yendis Editora, 2009.
- VINCENT, C. Segurança do paciente: Orientações para evitar eventos adversos. São Caetano do Sul (SP): Yendis Editora, 2009.
- WACHTER, R.M. Compreendendo a segurança do paciente Tradução: Laura Souza Berquó. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed. 2013. 320 p.
- ZANON, U. Qualidade da assistência médico-hospitalar: conceito, avaliação e discussão dos indicadores de qualidade. Rio de Janeiro: MEDSI, 2001.
- BERBUSA AAS, RICCIO GMG. Trabalho em equipe – instrumento básico de enfermagem. In: Cianciarullo TI. Instrumentos básicos para o cuidar: um desafio para a qualidade da assistência. São Paulo: Atheneu; 1996.
- FELLI VEA, PEDUZZI M. O trabalho gerencial em enfermagem. In: Kurgant P. (Org.). Gerenciamento em enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005.
- FORTUNA, C.M. et al. Educação permanente na estratégia saúde da família: repensando os grupos educativos. Rev Lat Am Enfermagem 2013; 21(4): 990-997.
- LEME R. Aplicação prática de gestão de pessoas por competências: mapeamento, treinamento, seleção, avaliação e mensuração de resultados de treinamento. São Paulo: Leme Consultoria; 2009.
- PEREIRA AA, GONÇALVES B, FERNANDES MBV, PINTO MAF, ANTÔNIO MS. Motivação da equipe de enfermagem: competência dos enfermeiros. In: Cunha KC (coord.). Gerenciamento na enfermagem: novas práticas e competências. São Paulo: Martinari; 2005.
- SILVA, E.M.; MOREIRA, M.C.N. Equipe de saúde: negociações e limites da autonomia, pertencimento e reconhecimento do outro. Ciênc. Saúde coletiva; 2015; 20(10): 3033-3042.
- SOLAR S. Auto Liderança: Manual para Treinadores e Consultores de Projetos Pessoais. Brasília: GranSol; 2010.

Disciplinas Optativas

ENFERMAGEM ONCOLÓGICA

Ementa: Epidemiologia, fisiopatologia e terapêutica ao paciente oncológico. Políticas de saúde em oncologia. Cuidados de enfermagem a pessoas familiares e cuidadores com câncer. Cuidados paliativos de enfermagem a pacientes com câncer.

Bibliografia Básica:

- CALABRESI P, CHABNER BA. *Quimioterapia das doenças neoplásicas. In; Hardman. Goodman & Gilman as bases farmacológicas da terapêutica.* 10ª ed. São Paulo:McGraw- Hill, 2003. cap.9, p.1035-96.
- HOFF, P. M. G. (ed). *Tratado de oncologia.* 2 volumes. 1ª ed. São Paulo: Atheneu, 2013. 2829p.
- SALVAGOLI, J.V.; SOUHAMI, L; FARIA, S.L. *Radioterapia em Oncologia.* Ed. Medsi, Rio de Janeiro, 1999.

Bibliografia Complementar:

- BONASSA, E.M.A.; SANTANA, T.R. *Enfermagem em terapêutica oncológica.* 3ª ed. São Paulo: Atheneu, 2006.
- BRASIL. Ministério da saúde. Instituto Nacional do Câncer. *Ações de Enfermagem para o controle do câncer: uma proposta de integração ensino-serviço.* 2ª ed. Rio de Janeiro: INCA, 2002. 380p.
- INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. *Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas em Oncologia.* Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: <http://conitec.gov.br/images/Protocolos/livro-pcdt-oncologia-2014.pdf>.
- OTERGA, E.T.T. *Compêndio de Enfermagem em Transplante de Células Tronco Hematopoiéticas.* Curitiba: Maio, Ed. 2004.
- SPENCE, R. A. J; JOHNSTON, P. G. *Oncologia.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- TRISSEL, LA. *Handbook on injectable drugs.* American Society of Health- System Pharmacists, 1997.
- WHEDON, M.B. Boné Harrow. *Transplantation Principles, practice na Nursing Insights.* Hannover, NM: Jones and Bartlett Publishers.
- YARBRO, C.H; FROGGE, M. H. GOODMAN, M; GRONWALD, S. L. *Cancer Nursing – Principles and Practice.* Jones and Bartlett Publishers. 5ª ed, 2000.

ENFERMAGEM NA SAÚDE DA PESSOA IDOSA

Ementa: Aspectos biopsicossociais, demográficos, epidemiológicos e políticos do envelhecimento humano. Bases teóricas, conceituais e metodológicas do cuidado de enfermagem ao idoso. Respostas humanas às enfermidades, aos processos de vida e intervenções de Enfermagem ao idoso.

Bibliografia Básica:

FREITAS, E.V.; Py, L.; Caçado, F.A.X.; Doll, J.; Gorzoni, M.L. Tratado de Geriatria e Gerontologia. Guanabara Koogan, 2ª edição, 2006.

ROACH, Sally. Introdução a enfermagem gerontológica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

Bibliografia Complementar:

MINISTÉRIO da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Área Técnica Saúde do Idoso. Atenção à Saúde da Pessoa Idosa e Envelhecimento. Série B. Textos Básicos de Saúde. Série Pactos pela Saúde 2006, volume 12. Em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_saude_pessoa_idosa_envelhecimento_v12.pdf.

MINISTÉRIO da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Ações programáticas estratégicas. Área Técnica de Saúde do Idoso. Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Caderno de Atenção Básica, n.19. Brasília: 2010. Em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/abca19.pdf>.

MINISTÉRIO da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Guia Prático do Cuidador. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília: 2008. Em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_pratico_cuidador.pdf.

MINISTÉRIO da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Alimentação saudável para a pessoa idosa. Um manual para profissionais de saúde. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília: 2009. Em: http://dtr2001.saude.gov.br/editora/producao/livros/popup/alimentacao_saudavel_idosa_profissionais_saude.htm.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde (OMS). Relatório Global da OMS sobre Prevenção de Quedas na Velhice (Volume traduzido pela Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo). São Paulo: 2010. Em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio_prevencao_quedas_velhice.pdf.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde (OMS). Organização Pan-Americana da Saúde. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. 60 páginas. Brasília: 2005. Em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/abca19.pdf>.

SEGURANÇA DO PACIENTE

Ementa: Segurança do Paciente em instituições de saúde. Aspectos conceituais, evolução histórica, taxonomias, teorias. Cultura de segurança em instituições de saúde. Gerenciamento de Risco: epidemiologia, tipos e método de identificação de eventos adversos, fatores causais relacionados aos indivíduos e aos sistemas organizacionais; Cuidado inseguro: consequências e custo. Estratégias para promoção da segurança do paciente na dimensão da qualidade do cuidado, no âmbito individual e coletivo.

Bibliografia Básica:

BERWICK, D.M.; GODFREY, A.B.; ROESSNER, J. Melhorando a qualidade dos serviços médicos, hospitalares e da saúde. Trad. de José Carlos Barbosa dos Santos. São Paulo: Makron Books, 1994.

BORK, A.M.T. Enfermagem de Excelência: da Visão à Ação. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1 ed, 2003.

D'INNOCENZO, M.; FELDMAN, L.B.; FAZENDA, N.R.R.; HELITO, R.A.B ; RUTHES, R.M. Indicadores, Auditorias, Certificações: Ferramentas de Qualidade para Gestão em Saúde. São Paulo: Martinari, 2006.

FELDMAN, L.B. Como alcançar a Qualidade nas Instituições de Saúde. São Paulo: Martinari, 2004.

TOBIAS, G.C. Análise da cultura de segurança em um hospital de ensino na região centro-oeste do Brasil. 2013

FELDMAN, L.B et al. Gestão de risco e segurança hospitalar: prevenção de danos ao paciente, notificação, auditoria de risco, aplicabilidade de ferramentas, monitoramento / 2. ed. São Paulo: Martinari, 2009. 387 p.

HARADA, MJCS et al. O erro humano e a segurança do paciente. Sao Paulo: Atheneu, 2006. 217p.

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Segurança do paciente em serviços de saúde: higienização das mãos. Brasília, DF: ANVISA, 2009. 104 p.

Bibliografia Complementar:

ANACLETO TA, Perini E, Rosa MB, César CC. Medication errors and drug-dispensing systems in the hospital pharmacy. Clinics 2005; 60(4): 325-32.

ARAO, A.; Klazinga, N.S. - How safe is the safety paradigm. Quality and Safety in Health Care. 13: 3(2004) 226-32.

ARANAZ-ANDRÉS, J.M. et al. - Incidence of adverse events related to health care in Spain: results of the Spain National Study of Adverse Events. Journal of Epidemiology and Community Health. 6: 12 (2008) 1022-1029.

ARANAZ-ANDRÉS JM, Aibar-Remón, Vitaller-Murillo J, Ruiz-López P, Limón-Ramirez R, Terol-Garcia E et al. Incidence of adverse events related to health care in Spain: results of the Spanish National Study of Adverse Events. Journal of Epidemiology and Community Health 2008; 62: 1022-1029.

BRENNAN TA, Localio RJ, Laird NL. Reliability and validity of judgments concerning adverse events suffered by hospitalized patients. Med Care 1989; 27: 1148-58.

BAKER GR, Norton PG, Flintoft V, Blais R, Brown A, Cox J et al. The Canadian Adverse Events Study: the incidence of adverse events among hospital patients in Canada. *Canadian Medical Association Journal* 2004; 170: 1678-86.

BEZERRA ALQ, Silva AEBC, Branquinho NCSS, Paranaguá TTB. Análise de queixas técnicas e eventos adversos notificados em um hospital sentinela. *Rev enferm UERJ*. 2009; 17(4):467-72.

TÓPICOS AVANÇADOS EM NEONATOLOGIA

Ementa: Assistência de enfermagem aos recém-nascidos de alto risco e sua família no contexto da unidade de terapia intensiva neonatal. Simulação do cuidado de enfermagem.

Bibliografia Básica:

BEHRMAN, R.E.; KLIEGMAN, R.M. Nelson: Tratado de pediatria. 17ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

BOWDEN, V.R.; GREENBERG, C. Procedimentos de Enfermagem Pediátrica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. p.765.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Atenção à saúde do recém-nascido: guia para os profissionais de saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012. 1-4 v.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Atenção humanizada ao recém-nascido de baixo peso: Método Canguru/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – 2. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2011. 204 p.

CARMO, C.M.A.; OLIVEIRA, E.M.; PONTES, K.M.E.S.; ARAÚJO, M.C. Procedimentos de enfermagem em neonatologia: rotinas do Instituto Fernandes Figueira/Fiocruz. Rio de Janeiro: Revinter, 2012. p.150.

HOCKENBERRY, M. J.; WILSON, D.; WINKELSTEIN, M. L. Wong: Fundamentos de enfermagem pediátrica. 9ª ed. Trad. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

MORAIS, M.B. et al. Guia de Pediatria: guias de medicina ambulatorial e hospitalar. UNIFESP. Barueri, São Paulo, Manole, 2005.

TAMEZ, R. Enfermagem na UTI neonatal. 5a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p.368.

WILSON, D.; HOCKENBERRY, M.J. Manual Clínico de Enfermagem Pediátrica. 8ª ed. Trad. Rio de Janeiro, 2013. 496p.

Bibliografia Complementar:

CORREA C, MALLARINO C, PEÑA R, RINCÓN LC, GRACIA G, ZARANTE I. Congenital malformations of pediatric surgical interest: Prevalence, risk factors, and prenatal diagnosis between 2005 and 2012 in the capital city of a developing country. Bogotá, Colombia. *J Pediatr Surg*. 2014; 49:1099–1103.

DAVIDSON J, GARCIA KMB, YI LC, GOULART AL, SANTOS AMN. Prevalence and factors associated with thoracic alterations in infants born prematurely. *Rev Assoc Med Bras*. 2012; 58(6):679-684.

FERRARI RAP, BERTOLOZZI MR, DALMAS JC, GIROTTO E. Fatores determinantes da mortalidade neonatal em um município da Região Sul do Brasil. *Rev Esc Enferm USP*. 2013; 47(3):531-538.

FERRARI RAP, BERTOLOZZI MR. Mortalidade pós-neonatal no território brasileiro: uma revisão da literatura. *Rev Esc Enferm USP*. 2012; 46(5):1207-1214.

GAÍVA MAM, BITTENCOURT RM, FUJIMORI E. Óbito neonatal precoce e tardio: perfil das mães e dos recém-nascidos. *Rev Gaúcha Enferm*. 2013; 34(4):91-97.

KEMP J, SANDALL J. Normal birth, magical birth: the role of the 36-week birth talk in caseload midwifery practice. *Midwifery*. 2013;26(2):211-21.

KIELB, C. et. al. Maternal periconceptional occupational exposure to pesticides and unselected musculoskeletal birth defects. *Int J Hyg Environ Health*. 2014; 217:248– 254.

LASKOWSKA M, LASKOWSKA K, LESZCZYŃSKA-GORZELAK B, OLESZCZUK J. Umbilical sP-selectin levels are different in preeclamptic pregnancies with intrauterine normal growth and growth restricted fetus. *J Matern Fetal Neonatal Med*. 2011;24(6):795-8.

ROCHA RS, BEZERRA SC, LIMA JWO, COSTA FS. Consumo de medicamentos, álcool e fumo na gestação e avaliação dos riscos teratogênicos. *Rev Gaúcha Enferm*. 2013;34(2):37-45.

ROMERO R, KUSANOVIC JP, CHAIWORAPONGSA T, HASSAN SS. Placental bed disorders in preterm labor, preterm PROM, spontaneous abortion and abruptio placentae. *Best Pract Res Clin Obstet Gynaecol*. 2011; 25(3):313-27.

ROUSSEL C, RAZAFIMAHEFA H, SHANKAR-AGUILERA S, DUROX M, BOILEAU P. Maternal factors influencing breastfeeding on a neonatal intensive care unit. *Arch Pediatr*. 2012;19(6):663-9.

SILVA CF, LEITE AJM et. al. Fatores associados ao óbito neonatal de recém-nascidos de alto risco: estudo multicêntrico em Unidades Neonatais de Alto Risco no Nordeste brasileiro. *Cad. Saúde Pública*. 2014;30(2):355-368.

SILVA EJA, MARANHÃO DG. Cuidados de enfermagem às crianças com necessidades especiais de saúde. *Rev Enferm UNISA*. 2012; 13(2): 117-120.

SILVA LG, ARAÚJO RT, TEIXEIRA MA. O cuidado de enfermagem ao neonato pré-termo em unidade neonatal: perspectiva de profissionais de enfermagem. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2012; 14(3):634-638. Available from: <http://www.fen.ufg.br/revista/v14/n3/v14n3a21.htm>.

WEEDN AE, MOSLEY BS, CLEVES MA, WALLER DK, CANFIELD MA, CORREA A, HOBBS CA. Maternal Reporting of Prenatal Ultrasounds Among Women in the National Birth Defects Prevention Study. Birth Defects Res (PART A). 2014;100:4–12.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Every Newborn: an action plan to end preventable deaths. Geneva: WHO, 2014.

YAZDY MM, MITCHELL AA, WERLER MM. Maternal Genitourinary Infections and the Risk of Gastroschisis. Am J Epidemiol. 2014;180(5):518–525.

ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR

Ementa: Perfil e funções do socorrista. Medidas de proteção para o socorrista e para a vítima. Suporte básico de vida em emergências. Atendimento pré-hospitalar a vítimas de traumas, afogamento, catástrofes, em acidentes por animais peçonhentos e queimaduras.

Bibliografia Básica:

BUENO, M. A. S.; PIERI, A.; SAMPAIO, R. O.; SANTOS, O. F. P.; VAIDOTAS, M. Condutas em emergências, Unidade de Primeiro Atendimento (UPA): Hospital Israelita Albert Einstein. São Paulo; Atheneu / Hospital Israelita Albert Einstein, 2009.

CALIL, A.M.; PARANHOS, W.Y. O enfermeiro e as situações de emergência. 2. ed. São Paulo: Atheneu. 2010. 795p.

CARVALHO, M. G. Atendimento pré-hospitalar para enfermagem: suporte básico e avançado de vida. São Paulo: Iátria, 2004.

COMITÊ DO PHTLS DA NATIONAL ASSOCIATION OF EMERGENCY MEDICAL TECHNICIANS (NAEMT). Atendimento pré-hospitalar ao traumatizado: básico e avançado. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

COMITÊ DO PHTLS DA NATIONAL ASSOCIATION OF EMERGENCY MEDICAL TECHNICIANS (NAEMT) EM COOPERAÇÃO COM O COMITÊ DE TRAUMA DO COLÉGIO AMERICANO DE CIRURGIÕES. Atendimento pré-hospitalar ao traumatizado PHTLS. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

KARREN, K. J.; HAFEN, B. Q.; LIMMER, D.; MISTOVICH, J. J. Primeiros socorros para estudantes. 10. ed. Barueri-SP: Manole, 2013.

OLIVEIRA, B. F. M.; PAROLIN, M. K. F.; TEIXEIRA Jr, E. V. Trauma: atendimento pré-hospitalar. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2008.

SAMPAIO, R. O.; RASSLAN, Z.; AKAMINE, N. Unidade de Primeiro Atendimento (UPA) do Hospital Israelita Albert Einstein. Condutas em emergência. São Paulo: Atheneu, 2014.

SANTOS, N. C. M. Urgência e emergência para enfermagem: do atendimento pré-hospitalar (APH) à sala de emergência. 6. ed. São Paulo: Iátria, 2011.

SOUSA, R. M. C. et al. Atuação no trauma - uma abordagem para a enfermagem. São Paulo: Atheneu, 2009.

Bibliografia Complementar:

AMERICAN HEART ASSOCIATION. Destaques da American Heart Association 2015. Atualização das diretrizes de RCP e ACE. Dallas: American Heart Association, 2015 [acesso em 04 novembro 2015]. Disponível em <https://eccguidelines.heart.org/wp-content/uploads/2015/10/2015-AHA-Guidelines-Highlights-Portuguese.pdf>.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Lei n 7.498 / 86, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. Brasília: COFEn, 1986 [acesso em 05 novembro 2015]. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986_4161.html.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução COFEN 358 de 15 de outubro de 2009. Dispõe sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem e a implementação do Processo de Enfermagem em ambientes, públicos ou privados, em que ocorre o cuidado profissional de Enfermagem, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1986 [acesso em 05 novembro 2015]. Disponível em http://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-3582009_4384.html.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução COFEN nº 375 de 2011. Dispõe sobre a presença do Enfermeiro no Atendimento Pré-Hospitalar e Inter-Hospitalar, em situações de risco conhecido ou desconhecido. Brasília: COFEN, 2011 [acesso em 05 novembro 2015]. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-n-3752011_6500.html.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria Nº 2048/GM de 5 de novembro de 2002. Regulamenta o atendimento das urgências e emergências. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2002. Disponível em http://www.saude.mg.gov.br/images/documentos/portaria_2048_B.pdf.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Política Nacional de Atenção às Urgências. 3. ed. Série E. Legislação de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: http://bvsmg.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_urgencias_3ed.pdf.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria nº 1.601/GM, de 7 de julho de 2011. Estabelece diretrizes para a implantação do componente Unidades de Pronto Atendimento (UPA 24h) e o conjunto de serviços de urgência 24 horas da Rede de Atenção às Urgências, em conformidade com a Política Nacional de Atenção às Urgências. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt1601_07_07_2011_rep.html.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria Nº 1.600, de 7 de julho de 2011. Reformula a Política Nacional de Atenção às Urgências e institui a Rede de Atenção às Urgências no Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt1600_07_07_2011.html.

7 POLÍTICA E GESTÃO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO E NÃO OBRIGATÓRIO

7.1 Do Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório

O estágio curricular supervisionado obrigatório para os alunos regularmente matriculados no Curso de Graduação em Enfermagem da FEN-UFG se baseia na Lei nº 11.788 de 25/09/2008, nas Resoluções CEPEC/UFG nº 766, 731, 880 e CNE/CES Nº 3, de 7 de novembro de 2001, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Enfermagem. Está organizado em quatro disciplinas compondo 20% da carga horária total do curso distribuídas em: Estágio Supervisionado em Enfermagem I/ Estágio Supervisionado em Enfermagem II/ Estágio Supervisionado em Enfermagem III/ Estágio Supervisionado em Enfermagem IV.

A proposta do estágio curricular supervisionado é oferecer ao estudante por meio de estratégias para aproximação do educando com os campos de prática e, conseqüentemente, com o mundo do trabalho, contribuir para sua aprendizagem no âmbito da assistência, gestão e organização do processo de trabalho, no âmbito do serviço e da assistência, assim como das ações relacionadas ao desempenho e educação dos recursos humanos.

As disciplinas de estágio supervisionado obrigatório são realizadas em hospitais gerais e especializados, ambulatórios, rede básica de serviços de saúde e equipamentos sociais.

A jornada de atividades de cada aluno é de 6 (seis) horas diárias ou 30 (trinta) horas semanais, podendo ser de 8 horas diárias ou 40 (quarenta) horas semanais no semestre onde não estejam programadas outras disciplinas.

Os estágios supervisionados serão monitorados pelo coordenador de estágios da FEN, um docente orientador em parceria com um enfermeiro supervisor ou preceptor do campo de prática.

O coordenador de estágio representa o Curso de Graduação em Enfermagem, junto à Coordenadoria de Estágios da PROGRAD/UFG. Este coordenador deve contribuir com o planejamento, desenvolvimento e avaliação dos Estágios, promovendo a integração com a Coordenação do Curso de Graduação, professores responsáveis por disciplinas de estágios, preceptores e alunos, assim como articular com os responsáveis pelos locais de práticas de estágio.

O docente orientador é o responsável pelo planejamento, acompanhamento e avaliação das atividades de cada estagiário sob sua responsabilidade. Na unidade de saúde, o enfermeiro é supervisor do estagiário e responsável pelo acompanhamento direto e continuado e avaliação de suas atividades nas unidades de saúde.

Os acadêmicos estagiários devem desenvolver atividades relacionadas às aquelas desempenhadas pelo enfermeiro em nível gerencial e assistencial que garantam as competências cognitivas, habilidades técnicas operacionais e sócio comunicativas.

Cabe ao docente orientador e ao acadêmico, a responsabilidade do preenchimento do Termo de Compromisso de Estágio, Plano de atividades, controle de frequência, apresentação de relatórios final e a assinatura do seguro de saúde, sendo este de responsabilidade da UFG.

O estágio feito fora do país poderá ser aproveitado ou reconhecido como estágio curricular obrigatório, desde que garantidos os pré-requisitos acadêmicos e documentais e se adequem a proposta acadêmica do presente curso.

7.2 Do Estágio Não Obrigatório

O estágio não obrigatório poderá ser realizado por iniciativa do próprio estudante que integralizar pelo menos 3120 horas de disciplinas de Núcleo específico obrigatório e a partir do 9º semestre do curso. Ainda considerando a disponibilidade do estudante, assim como da contratante, conforme os requisitos vigentes expressos na Lei de Estágio 11.788 de 25 de setembro de 2008.

A FEN designará um docente orientador para acompanhar as atividades do acadêmico. Cabe a ele e ao acadêmico, a responsabilidade do preenchimento do Termo de Compromisso de Estágio, Plano de atividades, controle de frequência, apresentação de relatórios final e seguro, sendo este de responsabilidade do local do estágio não obrigatório.

O contratante devidamente conveniado com a UFG, ou utilizando-se de agente de integração conveniado pode ser empresa, órgão, autarquias ou pessoas jurídicas de Direito público e privado, deve:

- designar como supervisores, enfermeiros devidamente registrados no Conselho Regional de Enfermagem, e estarem presentes nos locais de estágio;
- designar um supervisor para até 10 estagiários, com formação ou experiência profissional;
- enviar uma avaliação semestral do estagiário para a FEN/UFG e um resumo de atividades ao próprio estagiário ao final do período realizado.

A FEN é responsável pelo acompanhamento à distância do estagiário e avaliação.

8 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem por finalidade aproximar o discente do método científico, realizando pesquisa em áreas de competência do profissional enfermeiro de modo a aprofundar e/ou aplicar conhecimentos adquiridos ao longo do curso. Para integralização do curso, o aluno deverá elaborar um TCC sob orientação docente.

O TCC se fundamenta, inicialmente, na disciplina de Metodologia Científica onde se desenvolvem as bases do método científico para preparar os alunos para a disciplina de TCC I, momento em que será definido o projeto de pesquisa e acompanhamento da elaboração das ideias iniciais do trabalho. O TCC II tem a finalidade de monitorar o desenvolvimento e finalização.

O TCC será avaliado em duas etapas na disciplina TCC I e TCC II. Na primeira, o aluno fará a entrega do cadastro do orientador e do projeto de pesquisa, de acordo com as normas gerais de orientação para elaboração de TCC. Na segunda, o aluno apresentará os resultados de seu estudo (TCC) em forma de artigo científico, segundo as normas da Revista Eletrônica de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da UFG, caso não tenha sido publicado ou enviado para divulgação em outro periódico. A responsabilidade metodológica, de desenvolvimento, de finalização e avaliação do TCC é do professor-orientador, cabendo a ele junto ao aluno a definição do tema e desenvolvimento do estudo.

Os trabalhos poderão ser realizados em grupo de no máximo dois alunos. A avaliação final do TCC será realizada por uma banca examinadora composta por dois professores, sendo obrigatoriamente um deles o orientador.

Será facultada ao aluno participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) ou Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC), a apresentação do seu relatório final aprovado pelo Comitê Externo do CNPq, em forma de artigo, para fins de avaliação, em substituição ao TCC. Alunos que publicaram nos últimos dois anos do curso artigos científicos em periódicos indexados, com corpo editorial, serão dispensados do TCC, mediante solicitação do orientador da pesquisa, à coordenação da referida disciplina, contendo a devida justificativa e descrição da participação do aluno, além da apresentação da cópia do manuscrito publicado. Cabe ao docente responsável pela disciplina TCC avaliar a solicitação e o material recebido, sendo que, em caso de deferimento, será atribuída nota integral.

9 INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

A integração ensino-pesquisa-extensão é uma política da FEN, em conformidade com Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFG. Embora estas atividades sejam distintas, são compreendidas como interdependentes.

A política de formação da UFG valoriza a formação acadêmica com qualidade, definindo a função social e cultural da universidade pública como aquela que defende a gestão acadêmica democrática, a autonomia didático-científica e a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

A FEN em consonância com o Plano de Desenvolvimento Institucional da UFG fomenta a integração ensino, pesquisa e extensão/assistência, considerando também as recomendações das DCN.

O PPC de Graduação em Enfermagem deverá promover a formação integral e adequada do estudante por meio de uma articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão/assistência, tendo o aluno como sujeito da aprendizagem e apoiado no professor como facilitador e mediador desse processo.

O PPC da FEN tem forte articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão/assistência que visa garantir um ensino crítico, criativo e reflexivo, que leve a construção do perfil almejado do enfermeiro, estimulando a realização de experimentos por meio do conhecimento produzido considerando a evolução epistemológica do processo saúde-doença por meio da articulação entre teoria e prática em toda dinâmica curricular.

As evidências dessa integração no PPC se dão pela estrutura curricular que, desde os primeiros anos, apresenta ao aluno o conhecimento científico como base para a sua formação, por meio de disciplinas de metodologia científica e de preparação do TCC. Além disso, é parte da cultura organizacional da FEN a disponibilidade aos alunos de diversos grupos de pesquisa, aos quais ele pode se vincular. Tais grupos, geralmente, integram ações de pesquisa

e extensão que dão oportunidade ao aluno compreender a dinâmica da produção do conhecimento com responsabilidade social. Ainda integram ações dessa integração a articulação do ensino de graduação com a pós-graduação por meio do estágio em docência dos alunos da pós-graduação em atividades com alunos da graduação.

A integração ensino-serviço também é parte da cultura da FEN, mediante o estímulo e a abertura para a participação do profissional enfermeiro das instituições conveniadas em que são desenvolvidas atividades de ensino, como aulas práticas e estágios curriculares assim como atividades de educação permanente.

A integração enfermeiro de serviço de saúde e docente resulta muitas vezes na identificação de problemas e objetos de pesquisa, necessários à prática profissional. Os serviços de saúde, instituições de modo geral, a sociedade civil organizada e os alunos de graduação trazem demandas para a FEN, para realização de atividades e projetos de extensão, o que, na medida da disponibilidade dos docentes, e relevância da atividade para a formação profissional do enfermeiro, é devidamente acolhido e desenvolvido.

10 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

As avaliações dos alunos serão baseadas nas competências, habilidades e conteúdos curriculares desenvolvidos, tendo como referência as Diretrizes Curriculares.

A avaliação da aprendizagem se constitui em um processo formativo e permanente de reconhecimento de saberes, competências, habilidades e atitudes desejado em cada disciplina e período, considerando a individualidade do aluno e favorecendo sua formação com qualidade e competência. Esta é concebida como um instrumento de acompanhamento de todo o processo ensino-aprendizagem, devendo ser iniciada desde o ingresso do aluno no curso, de maneira processual, identificando as necessidades e dificuldades dos mesmos e propondo estratégias capazes de superar essas dificuldades. Vale destacar que a tarefa da prática avaliativa tem como premissa, a constante reflexão dos docentes sobre sua prática pedagógica e o acompanhamento do aluno na sua caminhada de construção do conhecimento, tendo clareza de que o erro é o ponto de partida para esclarecimentos e nunca para servir como motivo de punição.

A avaliação terá como principal função ajudar a promover e a melhorar a formação dos alunos, por meio da análise dos processos de ensino e de aprendizagem. Para aqueles alunos com dificuldades no processo ensino-aprendizagem, será analisada a situação de modo geral, instituindo estratégias de apoio adequadas para cada caso.

A avaliação deverá basear-se em dois princípios, a saber:

- a) consistência entre processos de avaliação e aprendizagens e competências esperadas. Os instrumentos de avaliação, em cada disciplina, serão adequados à diversidade de saberes e os objetivos que se pretendem alcançar;
- b) primazia pela avaliação formativa, que seja contínua, sistemática, individualizada e participativa, acompanhando continuamente o progresso de cada aluno, identificando os sucessos, em termos de conhecimentos e competências, e que descreva as dificuldades, informando o aluno das estratégias e/ou formas de superá-las.

Nesta perspectiva, a autoavaliação e a heteroavaliação assumirão um papel central, quer na avaliação de atividades individuais e de trabalhos efetuados em grupo, quer na avaliação global das aprendizagens de cada disciplina. No final de cada disciplina, terá lugar a avaliação somativa com a atribuição da respectiva nota.

Estará habilitado a receber o certificado de Enfermeiro: Específico da Profissão, o aluno que obtiver média final igual ou superior ao valor regulamentado na UFG, nas avaliações das disciplinas, além de concluir com aproveitamento, o Trabalho de Conclusão de Curso.

11 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DE CURSO

O Curso de Graduação em Enfermagem deve utilizar metodologias e critérios para acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem e do próprio curso, em consonância com o sistema de avaliação e a dinâmica curricular definidos pela UFG.

A avaliação do Projeto Pedagógico de Curso da FEN tem a finalidade de melhoria da qualidade do curso de Enfermagem, das atividades desenvolvidas nos projetos de ensino, pesquisa e extensão. Os objetivos da avaliação constituem:

- a) fazer um diagnóstico constante das fortalezas e fragilidades do curso de graduação, abrangendo as atividades curriculares e extracurriculares que envolvem o processo de formação, com vistas ao planejamento e implantação de mudanças necessárias e as inovações exigidas pelo mercado de trabalho;
- b) gerar subsídios para propor mudanças do projeto pedagógico curricular ouvindo os discentes, docentes e funcionários técnico-administrativos e estimulando-os a participarem ativamente do processo.

Considerando estes objetivos, a Faculdade de Enfermagem tem como meta manter um processo sistemático de avaliação guiado por algumas etapas:

O NDE em consonância com a política da CAVI (CPA) da UFG tem aplicado sistematicamente instrumentos para avaliação do egresso, do curso e dos enfermeiros de campo que apoiam e acompanham o Estágio Supervisionado. As fragilidades apontadas nos resultados, tem dado ao NDE a direção para o aprimoramento da capacitação pedagógica dos docentes, dos critérios e formas de avaliação e da estrutura organizacional da Faculdade de Enfermagem.

12 POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO DA UNIDADE ACADÊMICA

A qualificação docente da FEN contempla a expectativa e necessidades da universidade, levando-se em consideração, também, as necessidades/tendências regionais e nacionais. Visa favorecer a consolidação das linhas institucionais de pesquisa, dentro da flexibilização e distribuição adequada dos recursos recebidos de variadas fontes e a qualificação dos servidores direcionados aos interesses da instituição, no sentido de que possa firmar-se como um centro de produção e socialização do desenvolvimento da ciência e tecnologia no campo da enfermagem da região centro oeste.

Dessa maneira, frente à política nacional de qualificação e no contexto institucional de desenvolvimento de recursos humanos dedicados à pesquisa e à pós-graduação, busca tornar a FEN presente e competitiva junto aos órgãos de fomento. Porém leva em consideração para a seleção e indicação de professores candidatos à pós-graduação, as áreas prioritárias para o desenvolvimento dos grupos e núcleos de pesquisa, em programas de excelência frente à avaliação da CAPES.

O afastamento integral é concedido a servidores (docentes e/ou técnicos administrativos) efetivos e aprovados no estágio probatório, os quais devem dedicar-se em tempo integral ao curso, sendo que a PRPPG avalia o desempenho pela análise dos relatórios semestrais e outros documentos. O afastamento deverá acontecer de acordo com a resolução específica da UFG. Caso não seja necessário o afastamento, devido ao Professor estar matriculado em programa da própria instituição (seja FEN ou UFG), o mesmo deverá ser indicado pela própria área de atuação (professores envolvidos nas disciplinas nas quais está envolvido) que por sua vez garantirão o desenvolvimento das atividades sem prejuízos ao processo ensino aprendizagem.

13 REQUISITOS LEGAIS E NORMATIVOS

O PPC atende os Requisitos Legais e Normativos das DCN conforme a Resolução CNE/CES - 03 de 07 de novembro de 2001 na elaboração do PPC quanto aos princípios, fundamentos, condições e procedimentos da formação de enfermeiros, estabelecidas pela Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, no tocante a sua organização, desenvolvimento e avaliação dos Cursos de Graduação em Enfermagem.

Em relação as DCN para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena (Lei nº 11.645, de 10/03/2008, e Resolução CNE/CP Nº 01, de 17 de junho de 2004, a IES indicam a inserção das temáticas relacionadas aos povos afro brasileiros, africanos e indígenas. Estes conteúdos constam na disciplina Antropologia da saúde e Sociologia, bem como em atividades dos cenários de práticas e projetos de extensão e pesquisas propostas no Curso.

Para as Diretrizes Nacionais para Educação em Direitos Humanos, conforme Parecer CNE/CP Nº 8 de 06/03/2012 e a Resolução CNE/CP Nº 1, de 30/05/2012 estão contempladas na disciplina Introdução à Enfermagem, no 1º período.

Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista disposto na Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 se manifesta no PPC por meio de ementa de componente curricular obrigatório, na disciplina Enfermagem pediátrica e neonatológica I, do 7º período, bem como em ações de extensão no atendimento ao cidadão e a comunidade.

Condições de acessibilidade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, conforme disposto CF/88 Art. 205, 206 e 208, na NBR 9050/2004 da ABNT, Lei Nº 10.098/2000, nos Decretos Nº 5.296/2004, Nº 6.949/2009, Nº 7611/2011 e na Portaria Nº 3284/2003 se manifesta por meio de rampas de acesso, banheiros acessíveis, disponibilidades de cadeiras de rodas e estacionamento acessível com vagas para portador de necessidades especiais.

O Núcleo de Acessibilidade da UFG foi criado em 2008 e tem como objetivo propor e viabilizar uma educação superior inclusiva aos estudantes com deficiência física, visual, auditiva, intelectual, com transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidade/superdotação, por meio de apoios diversos para a eliminação de barreiras atitudinais, arquitetônicas, pedagógicas e de comunicação, buscando seu ingresso, acesso e permanência, favorecendo a aprendizagem, no ambiente universitário.

Tem-se como foco o respeito às diferenças, buscando a formação e a sensibilização da comunidade acadêmica, a aquisição de recursos e tecnologias assistivas para o acesso a todos os espaços, ambientes, ações e processos educativos desenvolvidos na instituição.

As diversas ações do Núcleo de acessibilidade seguem os eixos da Política de Acessibilidade da UFG, sendo eles:

- Eixo 1 – Acessibilidade: Inclusão e permanência:
Programa de controle e aprimoramento dos procedimentos de Processos Seletivos da UFG e ENEM, e política de assistência estudantil específica para os alunos com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais;
- Eixo 2 – A Infraestrutura Acessível:
Programa de construção, reforma, ampliação e/ou adaptação das instalações físicas e equipamentos da UFG, conforme os princípios do desenho universal;
- Eixo 3 – A Acessibilidade Pedagógica e Curricular:
Projetos e programas que visem à promoção da acessibilidade ao currículo e as ações didáticos pedagógicas, inclusive com Atendimento Educacional Especializado e apoio acadêmico, favorecendo a aprendizagem;

- Eixo 4 – A Acessibilidade Comunicacional e Informacional:
Implementação do Laboratório de Acessibilidade Informacional (LAI) nas Regionais, para oferecimento de tecnologia assistiva e adequação de material pedagógico. Melhorar a acessibilidade aos sites da UFG. Garantir a Acessibilidade Comunicacional, por exemplo, com interpretação em libras;
- Eixo 5 - A Catalogação das Informações sobre Acessibilidade:
Implementação de um sistema 3 com as informações da acessibilidade na UFG;
- Eixo 6 – O Ensino, a Pesquisa e a Inovação em Acessibilidade:
Programas de ensino e/ou pesquisa inovadoras que possibilitem a qualificação e sensibilização da comunidade universitária e unidades acadêmicas sobre acessibilidade e direitos das pessoas com deficiência, e/ou a produção de conhecimentos, produtos, metodologias, processos e técnicas que contribuam para acessibilidade das pessoas com deficiência;
- Eixo 7 – A Extensão sobre/com Acessibilidade:
Realização de atividades extensionistas e eventos acadêmicos, esportivos, culturais, artísticos e de lazer sobre acessibilidade e/ou de forma acessível às pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais;
- Eixo 8 – Recursos Humanos e Financiamento da Política de Acessibilidade:
Definição da política de recursos humanos e mecanismos de financiamento e captação de recursos financeiros para a implantação e implementação da política de acessibilidade da UFG.

Disciplina LIBRAS (Dec. 5626/2005) é ofertada como Optativa no Curso de Graduação em Enfermagem na Faculdade de Educação da UFG.

Política de Educação Ambiental prevista na Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999 e Decreto Nº 4.281 de 25 de junho de 2002. Estes conteúdos se concretizam de modo transversal e constam nas ementas das disciplinas Risco biológico, do 2º período e Vigilância à saúde, do 5º período, bem como em atividades dos cenários de práticas e projetos de extensão e pesquisas propostas no Curso.

14 REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 8080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 20 set. 1990; Seção 1.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES N. 3, de 07 de novembro de 2001. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Diário Oficial da República Federativa da União. Brasília, 09 nov. 2001. Seção 1, p. 37. Brasília (DF): Ministério da Educação e Cultura; 2001.

VIEIRA, Maria Aparecida et al. Diretrizes Curriculares Nacionais para a área da enfermagem: o papel das competências na formação do enfermeiro. Renome, v. 5, n. 1, p. 105-121, 2016.

• • •